

**Relatório de Estágio Apresentado à Universidade
da Madeira para Obtenção do Grau de Mestre em:
Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Vera Mónica Pereira Fernandes

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3º CICLO
DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2012

T/M uma
7
FER rel
Ex 1

72132

**Relatório de Estágio Apresentado à Universidade
da Madeira para Obtenção do Grau de Mestre em:
Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Vera Mónica Pereira Fernandes

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3º CICLO
DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO
António Carlos Jardim Valente

RESUMO

Em cumprimento dos requisitos da Iniciação à Prática Profissional - Ensino Supervisionado, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário do Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, surge o presente relatório de estágio profissional.

O estágio teve lugar na Escola Secundária Jaime Moniz, com a turma 11º 20 do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais na disciplina de Desenho A. Todos os conteúdos inerentes à temática, a relação texto-imagem, foram trabalhados primeiramente com materiais riscadores e tendo como suporte o papel, e posterior num *software* de desenho vetorial onde o suporte passa a ser digital, valorizando e aproveitando as vantagens que este tipo de formato permite abarcar.

De forma a trabalhar, ao longo da sua prática pedagógica, eficientemente a temática escolhida, a professora estagiária elaborou uma revisão bibliográfica, quer de conceitos, quer de momentos e autores que surgem durante a história da arte. Baseou-se em teorias relacionadas com o funcionamento e a relação entre grupos, e métodos de ensino para fundamentar e justificar certas posições que tomou.

Este relato/reflexão da prática pedagógica encontra-se dividido em duas partes, fazendo-se corresponder à primeira parte o enquadramento geral em que a mesma se desenvolve; e à segunda parte a toda a atividade letiva, ou seja, à prática pedagógica em si.

Palavras-Chave: Educação, Desenho, Poesia Visual, Tipografia, Cor.

ABSTRACT

In compliance with the requirements of the Introduction to Professional - Supervised Teaching, under the Master in Teaching Visual Arts in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education's Competence Centre for Arts and Humanities at the Madeira's University, comes this professional internship report.

The stage took place in Escola Secundária Jaime Moniz, with the class 11 ° 20 of Course Scientific-Humanistic discipline of Visual Arts in Drawing A. All contents related to the theme of the text-image relationship were worked primarily with row markers and having the paper as a support, and later on a vector drawing software where the support becomes digital, valuing and taking advantage of this type of format allows embrace.

In order to work, during their teaching practice, efficiently the chosen subject, the teacher intern prepared a bibliographic revision of both concepts, both of authors and moments that arise during the history of art. Based on theories related to the functioning and the relationship between groups and teaching methods to support and justify certain positions it has taken.

This report/reflection of pedagogical practice is divided into two parts, making it correspond to the first part the general framework in which it develops, and the second part to the whole teaching activity, that is, the teaching practice itself .

Keyword: Education, Drawing, Visual Poetry, Typography, Color.

ÍNDICE

RESUMO	I
ABSTRACT	II
ÍNDICE.....	III
ÍNDICE DE IMAGENS	VI
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XI
ÍNDICE DE ESQUEMAS.....	XII
ÍNDICE DE TABELAS	XII
ÍNDICE DE ANEXOS	XIII
ÍNDICE DE APÊNDICES	XIV
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XV
AGRADECIMENTOS	1
INTRODUÇÃO.....	2
PARTE I.....	5
ENQUADRAMENTO GERAL DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	5
1. ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA.....	6
1.1. ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA.....	7
1.2. ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA	8
2. A ESCOLA, O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE.....	9
2.1. ESCOLA SECUNDÁRIA JAIME MONIZ.....	11
2.1.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA	13
2.1.2. INSTALAÇÕES E RECURSOS MATERIAIS	15
3. RECEÇÃO NA ESCOLA	18
4. CARATERIZAÇÃO DA TURMA 11º 20	19

4.1.	DIAGNÓSTICO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA.....	22
4.2.	ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (N.E.E.).....	24
4.3.	HORÁRIO DA TURMA 11º 20	26
4.4.	CALENDARIZAÇÃO DO ANO LETIVO 2011/2012	27
5.	A DISCIPLINA DE DESENHO A	29
6.	O PAPEL DO PROFESSOR DE DESENHO	32
7.	A AVALIAÇÃO.....	34
7.1.	A AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE DESENHO A.....	35
	PARTE II.....	37
	PRÁTICA PEDAGÓGICA	37
	PREÂMBULO TEÓRICO	38
	CAPÍTULO I.....	41
	1º PERÍODO LETIVO	41
1.	AULAS COADJUVADAS	42
2.	REUNIÕES.....	57
2.1.	REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA.....	58
2.2.	REUNIÕES DE GRUPO DISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS – 600	59
	CAPÍTULO II.....	60
	2º PERÍODO LETIVO	60
1.	AULAS COADJUVADAS	61
2.	AULAS MINISTRADAS PELA ESTAGIÁRIA.....	65
2.1.	INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	65
2.1.1.	A TIPOGRAFIA E SUAS DIFERENTES APLICAÇÕES	65
2.1.2.	A ANATOMIA DA LETRA.....	66
2.1.3.	POESIA VISUAL	67
2.1.4.	POESIA CONCRETA E POESIA EXPERIMENTAL	69
2.1.5.	ARTISTAS PORTUGUESES.....	70
2.1.6.	PSICOLOGIA E SIMBOLOGIA DA COR.....	75

2.2.	PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO	77
2.3.	RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	83
2.4.	AVALIAÇÃO DA 1ª PROPOSTA DE TRABALHO	104
2.5.	REUNIÕES E FORMAÇÃO	104
2.5.1.	REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA	105
2.5.2.	REUNIÕES DE GRUPO DISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS – 600	105
2.5.3.	AÇÃO DE FORMAÇÃO: VÍDEO-ROTEIRO SOBRE O PLANO DE VENTURA TERRA PARA O FUNCHAL – UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS AUDIO-VISUAIS	106
CAPÍTULO III		108
3º PERÍODO LETIVO		108
1.	AULAS MINISTRADAS PELA ESTAGIÁRIA	109
1.1.	RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	110
1.2.	AVALIAÇÃO DA 2ª PROPOSTA DE TRABALHO	122
1.3.	EXPOSIÇÃO COLETIVA DE TRABALHOS 11º 20 E 12º20.....	123
1.4.	ANÁLISE AO QUESTIONÁRIO DE DESEMPENHO	125
1.5.	REUNIÕES E FORMAÇÃO	130
1.5.1.	REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA.....	130
1.5.2.	AÇÃO DE FORMAÇÃO: VÍDEO-ROTEIRO SOBRE O PLANO DE VENTURA TERRA PARA O FUNCHAL – UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS AUDIO-VISUAIS	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS		136
BIBLIOGRAFIA		138
RECURSOS DISPONÍVEIS <i>ONLINE</i>		139
<i>SITES</i> CONSULTADOS		141
CRÉDITOS DE IMAGENS		142

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Fachada Principal da Escola Secundária Jaime Moniz.....	13
Figura 2 - Sala de Aula nº 112.....	16
Figura 3 - Salas de Aula nº 112 e 111.	16
Figura 4 - Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12º anos).	30
Figura 5 - Alguns Resultados - Exercício I.	43
Figura 6 - Alguns Resultados - Exercício II.	44
Figura 7 - Alguns Resultados - Exercício III.....	45
Figura 8 - Alguns objetos naturais.....	48
Figura 9 - Alguns objetos artificiais.	49
Figura 10 - Alguns resultados - alínea a) Contorno e Gesto.	49
Figura 11 - Alguns resultados - alínea b) Traço e Mancha.	50
Figura 12 - Alguns resultados - alínea c) Cor.....	51
Figura 13 - Alguns resultados – alínea d) Composição.....	55
Figura 14 - A aluna Ana Isabel a pintar a sua Natureza Morta - Fase Inicial.	62
Figura 15 - Fase inicial da pintura a óleo s/tela da aluna Mariana Teixeira.....	62
Figura 16 - Pintura a óleo s/tela do aluno João Silva - Fase Final.	62
Figura 17 - Pintura a acrílico s/tela da aluna Ana Isabel - Fase Final.	62
Figura 18 - A aluna Laura Alves a executar um <i>dripping</i>	63

Figura 19 - A aluna Margarida Coelho a executar um <i>dripping</i>	63
Figura 20 - <i>Dripping</i> da aluna Ana Isabel – estudo.....	63
Figura 21 - <i>Dripping</i> do aluno Valter Jesus.	63
Figura 22 - Aluna Ana Isabel a fazer a máscara para o <i>dripping</i>	64
Figura 23- Aluna Margarida Coelho a fazer a máscara para o <i>dripping</i>	64
Figura 24 - <i>Dripping</i> com máscara concluída do aluno Valter Jesus.....	64
Figura 25 - <i>Dripping</i> com máscara concluída da aluna Margarida Coelho.	64
Figura 26 - Ilustração sobre os diversos elementos da anatomia da letra.....	67
Figura 27 - Poema da série <i>O Escritor</i> de Ana Hatherly.....	71
Figura 28 - Escuta o conto profano de Ana Hatherly, 1998.....	71
Figura 29 - Antes de vós de António Aragão, 1967.....	72
Figura 30 - Istoría – eu dou, tu dás, nós nós de António Aragão, 1968.....	73
Figura 31 - Transparência – Coleção Ideogramas de E.M. de Melo e Castro, 1964.....	74
Figura 32 - Pêndulo de E.M. de Melo e Castro, 1961.....	74
Figura 33 - Teste de Hermann Rorschach que desenvolveu as manchas de tinta.	76
Figura 34 - Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.....	77
Figura 35 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1918.....	81
Figura 36 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1912/13.	81
Figura 37 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1942.....	81
Figura 38 - Alguns slides da apresentação da unidade de trabalho.	85
Figura 39 - Alunos do segundo turno a assistir ao vídeo apresentado.	86

Figura 40 - Professora estagiária a apresentar um <i>powerpoint</i> sobre a unidade.....	86
Figura 41 - Aluna Ana Isabel a retratar a colega Margarida Coelho.....	86
Figura 42 - Aluno Dinis Camacho a afixar os trabalhos desenvolvidos na unidade anterior.....	86
Figura 43 - Ilustração da aluna Ana Isabel.....	90
Figura 44 - Ilustração da aluna Margarida Coelho.....	90
Figura 45 - Ilustração da aluna Joana.....	90
Figura 46 - Ilustração da aluna Laura.....	90
Figura 47 - Ilustração da aluna Beatriz.....	91
Figura 48 - Ilustração da aluna Mariana Teixeira.....	91
Figura 49 - Aluna Ana Isabel a retratar a colega Margarida Coelho.....	92
Figura 50 - Aluna Margarida Coelho a retratar a colega Ana Luísa Aguiar.....	92
Figura 51 - Aluna Ana Luísa Aguiar a assinalar linhas de orientação para representação do rosto.....	93
Figura 52 - Aluna Ana Isabel a trabalhar alguns pormenores do rosto da colega.....	93
Figura 53 - Alguns alunos a trabalhar o retrato realista.....	94
Figura 54 - Alguns alunos a trabalhar o retrato nivelado.....	96
Figura 55 - Retrato realista executado pela aluna Ana Isabel.....	99
Figura 56 - Retrato nivelado executado pela aluna Ana Isabel.....	99
Figura 57 - Retrato realista executado pela aluna Joana Brito.....	99
Figura 58 - Retrato nivelado executado pela aluna Joana Brito.....	99
Figura 59 - Retrato realista executado pela aluna Laura Alves.....	100

Figura 60 - Retrato nivelado executado pela aluna Laura Alves.....	100
Figura 61 - Retrato realista executado pela aluna Laura Rodrigues.....	100
Figura 62 - Retrato nivelado executado pela aluna Laura Rodrigues.....	100
Figura 63 - Desenho de modelo feminino do diário gráfico da aluna Laura Andrade.	102
Figura 64 - Desenho de modelo masculino do diário gráfico da aluna Laura Andrade.	102
Figura 65 - Aluna Cláudia Passos a fazer de modelo para a turma.	103
Figura 66 - A turma a desenhar por observação direta uma colega.	103
Figura 67 - A aluna Laura Rodrigues a desenhar tendo como base a digitalização do retrato nivelado feito na 1ª proposta da unidade.....	111
Figura 68 - Várias alunas a trabalhar.....	111
Figura 69 - Alguns alunos a trabalhar no software de desenho vetorial.	112
Figura 70 - A aluna Margarida Coelho a dar início ao seu desenho.	112
Figura 71 - Um dos estudos realizados pela aluna Cláudia Passos.	113
Figura 72 - A aluna Ana Luísa Aguiar a dar continuidade ao seu desenho.	113
Figura 73 - A aluna Joana Brito a trabalhar as sombras através de sobreposições de letras.....	114
Figura 74 - O aluno Simão Chaves a elaborar um dos seus estudos de letra.	114
Figura 75 - Trabalho do aluno João Cunha e Silva.	118
Figura 76 - Trabalho da aluna Ana Isabel Sousa.....	118
Figura 77 - Trabalho da aluna Mafalda Olim.	119
Figura 78 - Trabalho da aluna Cláudia Passos.	119
Figura 79 - Trabalho da aluna Ana Luísa Aguiar.....	119

Figura 80 - Trabalho da aluna Laura Rodrigues.....	119
Figura 81 - Trabalho do aluno Valter Jesus.....	119
Figura 82 - Trabalho da aluna Cláudia Silva.....	119
Figura 83 - Trabalho da aluna Beatriz Saraiva.	120
Figura 84 - Trabalho do aluno Dinis Camacho.	120
Figura 85 - Trabalho da aluna Mariana Teixeira.	120
Figura 86 - Trabalho da aluna Margarida Coelho.	120
Figura 87 - Trabalho do aluno Simão Chaves.	120
Figura 88 - Trabalho da aluna Joana Brito.	120
Figura 89 - Trabalho da aluna Laura Andrade.	121
Figura 90 - Trabalho da aluna Laura Alves.....	121
Figura 91 - Trabalho da aluna Sarah Oliveira.	121
Figura 92 - Trabalho da aluna Ana Isabel Sousa.....	121
Figura 93 - Trabalho da aluna Joana Brito.	121
Figura 94 - Comunidade educativa a ver a exposição.	124
Figura 95 - Alunos da turma 11º20 a ver os vídeos da turma 12º20.	124
Figura 96 - Professor António com alguns alunos a ver a exposição.....	124
Figura 97 - Alguns alunos e professores a verem os vídeos da turma 12º 20	124
Figura 98 - Trabalhos desenvolvidos na unidade de trabalho da prof. Estagiária dos alunos da turma 11º 20.	124
Figura 99 - Algumas pinturas a acrílico e a óleo s/tela de alunos do 11º20.....	124
Figura 100 - 2ª paragem - Avenida Zarco.	132

Figura 101 - Uma página do tutorial.	133
Figura 102 - Estátua Gonçalves Zarco.	133
Figura 103 - Formador Carlos a auxiliar os professores na edição de imagens e vídeo.	134

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos géneros pela turma.	19
Gráfico 2 - Distribuição das idades dos alunos pela turma.	20
Gráfico 3 - Concelho – Residência.	20
Gráfico 4 - Distribuição do número de irmãos por turma.	21
Gráfico 5 - Beneficiários do SASE.	21
Gráfico 6 - Resposta dos alunos à questão nº 1	126
Gráfico 7 - Resposta dos alunos à questão nº 2	127
Gráfico 8 - Resposta dos alunos à questão nº 3	127
Gráfico 9 - Resposta dos alunos à questão nº 4	128
Gráfico 10 - Resposta dos alunos à questão nº 5	128
Gráfico 11 - Resposta dos alunos à questão nº 6	129

ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 1 - A Relação entre a Educação Estética e Educação Artística.	39
--	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Módulos correspondentes a cada disciplina	6
Tabela 2 - Horário da Turma.	26
Tabela 3 - Calendarização do ano letivo.	27
Tabela 4 - Interrupções letivas.....	27
Tabela 5 - Previsão de aulas.	28
Tabela 6 - Distribuição do nº de blocos de aulas por períodos letivos.....	28
Tabela 7 - Parâmetros de avaliação aprovados pelo grupo 600.	35
Tabela 8 - Parâmetros de avaliação adaptados à turma.	36
Tabela 9 - Tabela ilustrativa dos elementos a retratar, do primeiro turno.....	85
Tabela 10 - Tabela ilustrativa dos elementos a retratar, do segundo turno.	87

ÍNDICE DE ANEXOS

Constam no CD que acompanha este relatório de estágio de mestrado.

Anexo I - Projeto Educativo de Escola 2011-2012.

Anexo II - Regulamento Interno da Escola 2011-2012.

Anexo III - Plano Anual de Escola 2011-2012.

Anexo IV - Caracterização da Turma 11º20.

Anexo V - Documento Informativo de Educação Especial.

Anexo VI - P.E.I.

Anexo VII - Programa de Desenho A 11º e 12º Anos.

Anexo VIII - Programa de Desenho A 10º Ano.

Anexo IX - Planificação Anual e de Avaliação - Grupo 600.

Anexo X - Ficha Diagnóstica.

Anexo XI - 1ª Proposta de Trabalho - Natureza Morta.

Anexo XII - Proposta Pintura Gestual - *Dripping*.

Anexo XIII - Texto “O processo de trabalho de Pollock”.

Anexo XIV - Texto “A sucessão de Fibonacci”.

Anexo XV - Certificado de participação ação vídeo roteiro.

ÍNDICE DE APÊNDICES

Constam no CD que acompanha este relatório de estágio de mestrado.

Apêndice I - Ajustamento N.E.E.

Apêndice II - Ficha Informativa - Natureza Morta e Composição.

Apêndice III - *PowerPoint* Acentuação e Nivelamento.

Apêndice IV - Planificação a Longo Prazo - 2º Período.

Apêndice V - Planificação a Médio Prazo - Unidade de Trabalho.

Apêndice VI - Planificações a Curto Prazo - Planos de Aula.

Apêndice VII - 1ª Proposta de Trabalho.

Apêndice VIII - *PowerPoint* de Apresentação da Unidade de Trabalho.

Apêndice IX - Ficha de apoio à representação do rosto.

Apêndice X - Ficha de Apoio - Adobe Illustrator CS5.

Apêndice XI - Tutorial Texto e Imagem.

Apêndice XII - Exercícios de manipulação da letra e da imagem Adobe Illustrator CS5.

Apêndice XIII - Grelha Avaliação 1ª Proposta.

Apêndice XIV - 2ª Proposta de Trabalho.

Apêndice XV - Grelha Avaliação 2ª Proposta.

Apêndice XVI - Cartaz de Divulgação da Exposição.

Apêndice XVII - Convite da Exposição.

Apêndice XVIII - Questionário de Desempenho.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABREVIATURA	DESCRITIVO
SASE	Serviços de Ação Social Escolar
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PEI	Projeto Educativo Individual
MMC	Madeira Medical Center
CEF	Cursos de Educação e Formação
HCA	História da Cultura e das Artes
Fig.	Figura
Nº	Número
1º	Primeiro
2º	Segundo
3º	Terceiro
10º	Décimo
11º	Décimo Primeiro
12º	Décimo Segundo
s/tela	Sobre tela
s.p.	Sem número de página
s/d	Sem data
p.	Página
pp.	Páginas
para.	Parágrafo

AGRADECIMENTOS

Esta provavelmente é a página mais difícil de redigir quer pelo facto de não querer esquecer ninguém importante e por se tratar de um conjunto de palavras que carregam consigo uma enorme emoção. Dedico este espaço a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para o término de mais uma etapa na minha vida académica.

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador científico, o Professor Doutor António Carlos Jardim Valente, pela paciência e pelo apoio prestado ao longo destes meses e à minha orientadora pedagógica, a Professora Ana Luísa Jardim de Sousa Tranquada.

Em segundo lugar, ao Conselho Executivo da Escola Secundária Jaime Moniz e aos professores que constituem o conselho de turma do 11º 20 pela forma tão acolhedora com que me aceitaram e apoiaram em todas as reuniões. Ao diretor de turma um muito obrigado, pela disponibilidade e atenção com que sempre atendeu aos meus pedidos e solicitações de informações. Aos professores do grupo disciplinar 600 – Artes Visuais, da escola cooperante, por me incluírem sempre nas atividades inerentes ao grupo.

Gostaria ainda de agradecer à minha família que nunca me deixou desanimar e sempre me apoiou em todos os aspetos, sejam eles físicos, psicológicos e até mesmo económicos, em especial à minha mãe.

Deixo também um especial obrigado à minha grande amiga, Liliana Dias, pelo ombro amigo sempre que necessário, pelas palavras, os abraços que tanta força me deram quando me encontrava mais triste e que me motivavam a continuar, e ainda à Joana Barreto e à Ana Miguel pelo carinho e apoio e por nunca me deixarem esquecer que era capaz.

E finalmente, a todas as minhas amigas e amigos que contribuíram para que esta etapa fosse concluída. A todos vocês o meu sincero obrigado.

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio surge em cumprimento dos requisitos da Iniciação à Prática Profissional - Ensino Supervisionado, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, do Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, realizado sob orientação científica do Professor Doutor António Carlos Valente e com a cooperação da Professora Ana Luísa Jardim de Sousa Tranquada, docente na Escola Secundária Jaime Moniz.

A ação pedagógica foi desenvolvida na disciplina de Desenho A com a turma 20 do 11º ano de escolaridade, do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais na Escola cooperante Jaime Moniz. A temática escolhida para trabalhar com a turma foi a relação texto – imagem justaposta à realidade evolutiva dos meios tecnológicos e a questões sociológicas, por permitir uma multiplicidade de aplicações diferentes das comumente desenvolvidas nas salas de aula e com o grupo de trabalho.

Com o propósito de desenvolver e planificar a unidade de trabalho inerente à temática apontada, e que consta como conteúdo a ser abordado no programa da disciplina, sentiu-se a necessidade de proceder a uma investigação científica que servisse de alicerce para as propostas de trabalho a serem aplicadas à turma de estágio. Esta revisão bibliográfica passou pelo estudo e análise de fundamentos teóricos quer para a componente mais ligada ao processo ensino-aprendizagem, aos métodos e estratégias a aplicar, como também, para uma componente ligada aos focos principais da unidade desenvolvida: a relação entre o trio: escola, indivíduo e sociedade; a educação estética e artística; o papel do professor de desenho, entre outros pontos, que a seu tempo serão apresentados neste relatório.

Sendo assim, o presente relatório encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte corresponde ao enquadramento geral em que se desenvolve o estágio; e a segunda parte a toda a atividade letiva, ou seja, à prática pedagógica em si.

A Parte I está dividida em sete pontos, sendo o primeiro ponto reservado à identificação dos orientadores deste trabalho, quer científica quer pedagogicamente. Num segundo ponto levantam-se algumas questões relativas à relação entre a escola, o indivíduo e a sociedade. Aborda-se também a questão da autonomia nos estabelecimentos de ensino e descreve-se posteriormente, o local de estágio, as suas ideologias, metodologias, instalações e recursos materiais. No ponto três, consta um relato sobre a receção dos professores estagiários à escola cooperante. No quarto ponto identifica-se a turma, que é constituída por dezassete elementos e com a qual toda a prática pedagógica teve decurso, e ainda, identificou-se especificamente o caso do aluno com necessidades educativas especiais. Posteriormente, no ponto cinco desta primeira parte, procura-se explicar e analisar o programa apresentado pelo Ministério da Educação para a disciplina de Desenho A de 11º ano, e no ponto seis, pretende-se tratar a problemática inerente ao papel do professor de desenho; como deve gerir e aplicar as aulas, visando o efetivo sucesso escolar dos seus alunos. Já no sétimo e último ponto desta parte, procura-se refletir sobre a avaliação em geral e a avaliação no âmbito da disciplina de Desenho A.

A Parte II deste relatório de iniciação à prática pedagógica reservou-se para tratar de temas ligados à pedagogia na área das artes e a teorias que fundamentam as decisões levadas a cabo pela professora estagiária, assim como para relatar e refletir sobre o que fora desenvolvido ao longo dos três períodos letivos de estágio profissional. Inicia-se esta parte com um preâmbulo teórico, onde procura-se refletir sobre a educação estética e a educação artística, enunciando-as e relacionando-as. Posteriormente dividiu-se esta parte em três capítulos, aos quais se fazem corresponder os três períodos letivos do ano letivo de 2011/2012, e que por sua vez estão divididos consoante as atividades desenvolvidas nesse tempo.

No Capítulo I descreve-se o 1º período de forma a apontar metodologias e estratégias que advieram de uma coadjuvação à prática pedagógica (primeiro ponto deste capítulo). Aponta-se também, num segundo ponto, de forma sucinta, as reuniões que foram assistidas pela estagiária.

No primeiro ponto do Capítulo II procede-se à descrição das aulas coadjuvadas do 2º período. De seguida, no ponto dois, apresenta-se toda a investigação científica de apoio ao desenvolvimento da prática pedagógica: a tipografia e a sua aplicabilidade, a

anatomia da letra; a Poesia Visual, a Poesia Concreta e Poesia Experimental, bem como uma referência aos os artistas portugueses Ana Hatherly, António Aragão e Ernesto de Melo e Castro, que ilustram estes momentos na história da arte; e ainda a psicologia e simbologia da cor. Apresenta-se, de igual modo, a planificação da unidade de trabalho e depois relatam-se as aulas ministradas pela professora estagiária, que decorreram a partir da aula nº 62 no dia 02 de março de 2012 até à aula nº 71 no dia 23 do mesmo mês. Enuncia-se ainda, os resultados avaliativos obtidos pelos alunos relativamente à unidade de trabalho da estagiária. E como último subponto do ponto dois, são mencionadas as reuniões e formações frequentadas pela estagiária ao longo do 2º período letivo.

O Capítulo III tem início, num primeiro ponto, com o relato da ação pedagógica desenvolvida no 3º período letivo pela estagiária, e que decorreu da aula nº 72 do dia 12 de abril de 2012 até ao dia 27 de abril de 2012 na aula nº 79. Tal como nos capítulos anteriores reserva-se um subponto para as aulas coadjuvadas, um para a avaliação do 3º período inerente à proposta da estagiária, e outro para as reuniões e formações presenciadas pela mesma. Surgem dois novos subpontos, um deles mostra o culminar do estágio, com a exposição coletiva de trabalhos realizada conjuntamente com a turma do 12º 20, a incumbência do professor estagiário Fábio Gouveia; e o outro para a análise do questionário efetuado à turma de estágio, com a finalidade de avaliar o desempenho da professora estagiária ao longo de todo o ano letivo.

Por fim, são apresentadas as considerações finais deste trabalho, onde em tom crítico é feita uma apreciação global de toda a atividade e trabalho que importou este projeto.

PARTE I

ENQUADRAMENTO GERAL DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

1. ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA E PEDAGÓGICA

Este relatório de estágio é apresentado à Universidade da Madeira para cumprimento dos requisitos da Iniciação à Prática Profissional - Ensino Supervisionado, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Com a introdução do tratado de Bolonha, os cursos que outrora conferiam habilitações próprias para a docência, agora são questionados, necessitando o aluno de uma formação adicional para o ensino em artes visuais, uma vez que a organização atual dos ciclos de estudos não prevê este tipo de formação num 1º ciclo em áreas como *Design*, Arquitetura, Escultura, Pintura, etc. Para colmatar esta necessidade de formação, independentemente da área artística cursada no 1º ciclo (licenciatura), surge este Mestrado em Ensino das Artes Visuais. No 1º ano do Mestrado serviram de reforço e aprofundamento das competências científicas e técnicas, já adquiridas no 1º ciclo (licenciatura), as disciplinas: História da Arte, do Multimédia e do *Design*; Arte, Multimédia e *Design* – Práticas Artísticas e Criativas; Teorias e Práticas da Arte, Multimédia e *Design* Actuais e ainda Arte, Multimédia e *Design* no Contexto da Cibercultura. Esta formação complementou-se a nível didático e pedagógico com as disciplinas da área educacional. Cada disciplina de Ciências da Educação dividia-se em dois módulos, fazendo-se corresponder da seguinte forma:

Disciplina	1º Módulo	2º Módulo
Ciências da Educação I	História e Filosofia da Educação	Ética e Deontologia Profissional
Ciências da Educação II	Organização e Administração Escolar	Sociologia da Educação
Ciências da Educação III	Teoria e Desenvolvimento Curricular	Psicologia da Educação
Ciências da Educação IV	Investigação em Educação	Tecnologia e Inovação na Educação

Tabela 1 - Módulos correspondentes a cada disciplina.

O 2º ano do Mestrado supracitado tem como principal foco a Iniciação à Prática Profissional – Ensino Supervisionado e a Formação Para a Docência na forma de Seminário de Especialização em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Cada mestrando, conforme o conteúdo que pretendia desenvolver como objeto de estudo e análise, escolheu o seu orientador científico. Relativamente ao orientador pedagógico e conseqüentemente à escola a estagiar, foram, em contexto de reunião entre mestrandos, discutidas e selecionadas todas as opções apresentadas pela direção do curso, tendo em conta o tema de estudo de cada aluno. Sendo assim, esta Iniciação à Prática Profissional – Ensino Supervisionado culmina com a entrega e apresentação pública de um relatório de estágio realizado sob orientação científica do Professor Doutor António Carlos Jardim Valente e com orientação pedagógica da Professora Ana Luísa Jardim de Sousa Tranquada, docente na Escola Secundária Jaime Moniz.

1.1. ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

António Carlos Jardim Valente é docente auxiliar a tempo integral/dedicação exclusiva no Centro de Artes e Humanidades na Universidade da Madeira. É ainda, vice-presidente do Centro de Artes e Humanidade desde 2009 e diretor do curso de Arte e *Design* desde 2007. É licenciado em *Design* pelo Instituto Superior de Arte e *Design* da Madeira em 1989. Fez mestrado em *História da Arte* na Universidade da Madeira em 1999, com a tese intitulada «As Artes Plásticas na Madeira – século XX» e doutorou-se em *Estudos de Arte /Teorias e Tecnologias da Imagem*, com a tese intitulada «Para uma Teoria da Imagem Cinemática» em 2007.

1.2. ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

A professora Ana Luísa Jardim de Sousa Tranquada nasceu em 1962 no Funchal. É licenciada em Artes Plásticas/Pintura - 1989 pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e frequenta atualmente o Mestrado em Artes Visuais Intermédia na Universidade de Évora. Fez formação em exercício no biénio 1986-1988 na Escola Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva e desde então tem passado por diversos estabelecimentos de ensino, nomeadamente:

- Professora de Artes Visuais do Quadro da Escola Secundária Jaime Moniz desde 2009;
- Professora de Artes Visuais do Quadro da Escola Secundária de Odemira, 1999-2009, Alentejo;
- Professora de Artes Visuais do Quadro da Escola Secundária da Amadora, 1997-1999;
- Professora de Artes Visuais do Quadro da Escola Secundária D. Filipa de Lencastre-1990-1996, Lisboa.

2. A ESCOLA, O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

Desde sempre a escola, enquanto instituição social, tem sido objeto de estudos e conceções sociológicas. São várias as teorizações que existem sobre a importância e contributo da escola na formação do indivíduo para a sociedade. Das abordagens mais clássicas como a de Max Weber às mais contemporâneas de Pierre Bourdieu, procurou-se sempre questionar a relação que se estabelece entre o trio: indivíduo – escola – sociedade.

John Dewey (2002, p.18) esclarece-nos sobre a razão que leva às sucessivas mutações curriculares e programáticas. Afirma serem fruto das modificações da situação social e de um esforço em satisfazer as novas necessidades da atmosfera social, tal como acontece noutros campos, por exemplo na indústria e no comércio.

Segundo o grande pedagogo americano, acima referenciado, a escola tem a seu cargo a responsabilidade de fazer perdurar a sociedade, por meio de instrumentos e processos que acarretam autênticos significados sociais (Dewey, 2002, p.23).

Dewey define a sociedade como sendo um:

[...] conjunto de pessoas unidas por estarem a trabalhar de acordo com linhas comuns, animadas dum espírito comum e com referência a objectivos comuns. As necessidades e objectivos comuns exigem um crescente intercâmbio de ideias e uma crescente unidade de sentimentos solidários (Dewey, 2002, pp.23-24).

Rodrigues, (2008, p.1) em consonância com o pensamento de Dewey, fala ainda da questão da perpetuação da estratificação social e a sua relação com a escola. Esta estratificação é também sustentada, no ensino atual, já que a “[...] frequência das distintas vias do ensino secundário parece estar marcada pela origem social dos alunos [...] Assim, temos uma cultura de homogeneidade e de uniformidade que pela impessoalidade e hierarquia garante a segmentação dos saberes e uma relação pedagógica burocrática” (Rodrigues, 2008, p.1).

Weber também partilhava do ideal de que a escola era um mecanismo de estratificação social, pois através da educação e dos resultados obtidos, ou seja, do

reconhecimento social, positivo ou negativo, era possível distinguir e privilegiar alguns indivíduos (Ribeiro; Cruz, s/d, pp. 2-3).

Sendo a escola um dos principais agentes de socialização, tal como a família, é um pilar para a formação da identidade e personalidade do indivíduo (aluno). Transcende a mera transmissão de conhecimentos científicos (socialização formal), ao fazer despoletar determinadas capacidades e competências cognitivas, afetivas e comunicativas no indivíduo, que o preparam para uma interação/integração social mais eficaz e ativa (socialização informal).

A propósito do papel da escola na construção da identidade, Rodrigues (2008, p. 1) afirma que a escola é também um dos agentes responsáveis pela construção do ser, do ser enquanto pessoa, indivíduo. Ela deve proporcionar uma formação contínua, que se estende ao longo da vida do jovem (aluno), permitindo-lhe construir-se a si mesmo, e construir o seu percurso pessoal.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu afirmava que “a origem social da família e os capitais¹ que ela possui interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem do aluno na instituição escolar” (Ribeiro; Cruz, s/d, pp. 3-4).

Partindo desta teoria, os jovens que tivessem um maior capital cultural teriam mais oportunidade de serem bem-sucedidos nos estudos, tendo em conta que estariam familiarizados com inúmeros conceitos; isto é, o que aprenderiam na escola não é algo completamente novo, pois já trazem de casa muitos conhecimentos, ainda que elementares.

¹ É importante salientar que para Bourdieu existem três géneros de “capitais” subentendidos na sua teoria sobre a educação, são estes: o capital económico, o social e o cultural.

2.1. ESCOLA SECUNDÁRIA JAIME MONIZ

Da mesma forma que cada indivíduo tem a liberdade, o poder, de construir a sua própria identidade e personalidade, cada escola tem autonomia para se “personalizar”.

Segundo Barroso, citado por Moura (1999, para.8), esta autonomia da escola compreende duas extensões: a jurídico-administrativa, que corresponde ao poder que é atribuído à administração educativa, para decidir sobre questões ligadas às áreas administrativa, pedagógica e financeira; e a socio-organizacional, que “[...] consiste no jogo de dependências e interdependências que uma organização estabelece com o seu meio e que definem sua identidade” (Moura, 1999, para.8).

A autonomia das escolas é efetivada aquando a correta elaboração e utilização de três instrumentos/ferramentas de gestão, que comportam as extensões acima mencionadas e que dão um “cunho pessoal” à escola. Passa então, pela elaboração dos documentos: o Projeto Educativo, o Regulamento Interno e o Plano Anual de Escola.

Nestes documentos encontram-se descritas as características da escola, o seu enquadramento histórico, social, geográfico e cultural, bem como a identidade, os princípios orientadores, os objetivos gerais, as metas a atingir e muitas mais informações estatísticas sobre os recursos humanos (alunos, docentes e não docentes), etc. A informação neles contida é de tão grande importância para um conhecimento mais aprofundado e consolidado sobre o estabelecimento, que nos vimos coagidos à leitura e análise dos exemplares relativos à Escola cooperante em questão – Escola Secundária Jaime Moniz.²

A construção da identidade da Escola passa por quatro parâmetros: Tradição, Inovação, Rigor e Qualidade. Tudo o que é feito, planeado e orientado tem como objetivo estes pressupostos, e nunca desrespeitando a cultura e a comunidade educativa em que se insere. Em consonância com o lema da escola, “Tradição e Modernidade”, estão as ofertas curriculares. Continua-se a privilegiar os cursos vocacionados para o

² Qualquer um dos documentos acima mencionados encontra-se disponível para consulta na morada eletrónica da Escola (<http://www.jaimemoniz.com/>), na secção de documentos e como Anexos I, II e III deste relatório. Algumas das informações que constam neste relatório relativamente à história e evolução do estabelecimento de ensino supracitado estão aí patentes.

ensino superior. No entanto, já se disponibilizam cursos tecnológicos, direcionados para uma sociedade mais ligada à informação e às novas tecnologias.

Rodrigues, no seu manuscrito “Ensino profissional: o estigma da cabeça mais do que as mãos” apresentado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães em Brasília, Brasil, em 2009, descreve o ensino secundário português com três tipos de ensino e três grandes blocos de formação: ensino geral, técnico e profissional. O ensino liceal, ou geral, tem como principal função preparar os jovens para o prosseguimento de estudos no ensino superior, direcionando para esse prosseguimento a elite, pois “Apesar do ensino secundário, na sua formalidade e intenção legal, destinar-se a todos os jovens, apenas uma parte deles termina com sucesso o ensino geral” (Rodrigues, 2009, p.5). Ou seja, ao longo dos três anos a escola, através dos professores e do currículo faz a separação do “bom” e do “mau” aluno, que se fazem corresponder ao estatuto económico e social do discente. É em suma, um ensino caracterizado pela teoria, o enciclopedismo e racionalismo, e pelo saber por excelência (Rodrigues, 2009, pp.1-5).

No Séc. XVIII e XIX, com a necessidade de satisfazer o processo de industrialização, surgiram os cursos tecnológicos, direcionados para formar e preencher quadros técnicos. Havia a necessidade de existência de um ensino fundado no “saber fazer”, ou seja, baseado numa mera transmissão de competências técnicas e práticas. Consistia numa formação mais teórica e científica, com uma estrutura curricular especializada. Simultaneamente, no séc. XIX, com a Revolução Industrial, surge a urgência de aumentar ainda mais a produtividade industrial aparecendo, assim, a formação de cariz profissional. Este tipo de ensino público aparece como uma oferta escolar para os filhos dos trabalhadores/operários e tinha como principal função dar resposta às necessidades emergentes nesse tempo. Caracteriza-se pela vertente mais prática e pela preparação para uma vida profissional, centrada na passagem da escola para o mundo do trabalho (Rodrigues, 2009, p.6; Fino, 2001, p.1).

Toffler (s/d, p.393) citado por Fino (2001, p.2) afirma que este tipo de ensino (em massa) foi criado pela civilização industrial com a finalidade de criar adultos com a formação que era precisa “ [...] a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de génio industrial” (Toffler, s/d, p.393).

Rodrigues afirma que:

A instrução técnica e profissional acontecem em simultâneo com o exercício da profissão e nascem as escolas que visam desenvolver competências técnicas e profissionais dentro de uma estrutura de desenvolvimento tecnológico, comercial e industrial (2009, p.6).

A estes três tipos de ensino (geral, técnico e profissional) faz-se corresponder uma “*hierarquia de prestígio*”. Segundo Azevedo (2000, p.40) citado por Rodrigues (2009, p.7), aquela hierarquia corresponde a salários, garantias, tipos de escola, professores ou formadores distintos. A visão mais tradicionalista do ensino (liceu), além de se refletir em insucesso escolar em certos casos, gera visões negativas em relação às restantes opções de ensino secundário.

2.1.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA



Figura 1 - Fachada Principal da Escola Secundária Jaime Moniz.

O Liceu do Funchal foi criado em 1863 e no ano seguinte foi instalado numa dependência do Colégio dos Jesuítas, situado na Rua dos Ferreiros.

Entre 1881 e 1946 funcionou em dois locais distintos, primeiro na casa do Barão de S. Pedro, onde em 1919, por homenagem a um ilustre Madeirense e antigo aluno do

Liceu, passou a designar-se “Jaime Moniz”. No ano de 1946 foram inauguradas as novas instalações, num terreno cedido pelo Governo junto ao Hospital Militar.

Mais tarde, e com o Dr. Ângelo Silva como Reitor (1930-1967), o Liceu passou a desempenhar um papel preponderante no ensino e cultura da Região. A partir da década de 70 assistiu-se a um “boom” no número de alunos matriculados na Escola, motivo pelo qual foram criados novos espaços de ensino: os anexos das Mercês, da Encarnação e do Girassol.

No ano de 1980 o Liceu passou a designar-se Escola Secundária Jaime Moniz e já contava com 5015 alunos. Em 1992 tendo em conta o bom serviço que a Escola vinha prestando ao ensino na Região, o Governo Regional atribuiu, pela primeira vez na Região, a medalha regional de bons serviços à causa da educação.

A partir do ano 2004/05 a Escola passou a lecionar o Ensino Secundário Diurno (10º, 11º e 12º anos) e o Ensino Secundário Recorrente.

É ainda de salientar que a Escola, por se encontrar situada no centro da cidade do Funchal, mais precisamente no Largo Jaime Moniz, é beneficiada com vários serviços, entre os quais podemos destacar a restauração, bancos, transportes públicos, hotéis, mercado, lojas comerciais, centro médico (Madeira Medical Center), posto polícia, correios e farmácia, entre outros.³

³ Contactos da Escola Secundária Jaime Moniz:

Morada: Largo Jaime Moniz 9064-503 Funchal

Telefone: (+351) 291 202280 / **Fax:** (+351) 291 230544

E-mail: jaimemoniz@netmadeira.com

Site: www.jaimemoniz.com

2.1.2. INSTALAÇÕES E RECURSOS MATERIAIS

O Plano Anual de Escola 2011-2012 (p.25) faz referência aos diversos recursos físicos e materiais que a Escola tem ao dispor da comunidade educativa.

Atualmente a Escola é constituída por dois edifícios:

- O edifício principal, datado de 1942, que é uma construção do Estado Novo;
- O anexo (remodelado), inaugurado em 1996, que serviu durante muitos anos como espaço para o antigo magistério primário.

Acompanhando as evoluções tecnológicas, foram instalados equipamentos informáticos de apoio pedagógico nas salas de aulas, e uma plataforma digital para controlo de assiduidade, quer do corpo docente quer do corpo discente, e de registo de sumários. Adotaram-se também, os cartões magnéticos de identificação e fechaduras automáticas.

Este estabelecimento de ensino possui, além dos laboratórios de Física/Química, Biologia e Geologia, e Informática, laboratórios móveis, uma biblioteca, um arquivo histórico, um gabinete de psicologia e orientação, uma cantina e bares para professores e alunos, uma sala de trabalho para professores equipada com computadores e ligações à internet, duas salas de professores, uma sala para funcionários, três auditórios, um ginásio/salão de festas, campos de jogos, salas de esgrima, uma piscina, um pavilhão gimnodesportivo e ainda um parque de estacionamento para docentes e não docentes.

A Escola possui, a nível de infraestruturas, três salas comuns às diversas disciplinas específicas da área das artes, com boa iluminação natural. Duas das salas possuem uma abertura que permite a passagem de uma sala para a outra (salas nº 111 e 112).



Figura 2 - Sala de Aula nº 112.



Figura 3 - Salas de Aula nº 112 e 111.

No que diz respeito ao equipamento de fotografia e vídeo, não existe qualquer tipo de material passível de ser requisitado e utilizado pelos alunos. Existem apenas duas salas de audiovisuais em toda a Escola, sendo necessário efetuar requisição com certa antecedência. São muito poucos os recursos audiovisuais de que a escola dispõe. Existem alguns vídeo-projetores, digitalizadores (caso queiramos digitalizar trabalhos dos alunos) e computadores portáteis.

Todo o material necessário à prática artística, em contexto de sala de aula, tem de ser adquirido pelos alunos. Só muito esporadicamente é que a Escola os adquire, mas sempre em pequenas quantidades. Este material é guardado em armários, que se encontram instalados no interior das salas de aula, e está sob a responsabilidade dos alunos e dos professores a devida arrumação e conservação.

Atendendo ao atual contexto económico das escolas a nível regional, este ano e nos próximos que se seguem, a Escola não poderá comportar qualquer despesa com este tipo de material, ficando tudo ao encargo dos alunos. Para colmatar esta situação, foram desenvolvidas várias atividades que possibilitaram, de alguma forma, doações de material, tais como:

- Colaboração dos alunos de artes visuais com os diversos clubes na elaboração de material publicitário;
- Apoio, protocolos e patrocínios com/de instituições em certas atividades desenvolvidas ao longo do ano;

- Participação no Programa Eco-Escolas, que prevê uma maior atenção e sensibilização nas ações desenvolvidas na Escola, com uma preocupação ambiental. Servindo-se de uma política dos 3R's, para obter mais material de trabalho, que consiste em saber Reduzir, Reutilizar e Reciclar material.

3. RECEÇÃO NA ESCOLA

No dia vinte e quatro de setembro do ano transato, os professores estagiários a cargo da professora cooperante Ana Luísa Tranquada, beneficiaram de uma visita guiada às instalações da escola. Ao longo desta visita foram-lhes mostrados os locais e os funcionários com quem teriam que lidar mais frequentemente, durante o período de estágio (ano letivo 2011/2012).

Desde a sala de material audiovisual, onde poderiam fazer a requisição de todos os recursos audiovisuais que a escola dispunha, à sala/bar de professores e sala de trabalho (sala com computadores, onde qualquer professor pode trabalhar); passando pelos diversos serviços administrativos e executivos, onde é de referir que toda a comunidade cumprimentou e deu as boas vindas aos estagiários.

Destacou-se a visita ao Conselho Executivo, onde se conheceram alguns dos membros do conselho, que se prontificaram a ajudar/apoiar em tudo o que fosse necessário para um maior sucesso no desempenho dos estagiários durante a sua prática pedagógica.

Posteriormente, dirigiram-se aos serviços administrativos (secretaria) a fim de resolver questões mais burocráticas inerentes ao estágio tais como: o cartão eletrónico para estacionamento, as autorizações para circulação na Escola Secundária Jaime Moniz, a ativação de seguros, etc.

No final da receção à Escola, os professores estagiários e a professora cooperante reuniram na sala de professores a fim saberem o que cada turma estava a fazer nesse momento, o que estava previsto para as próximas aulas e ainda, quando poderiam introduzir os seus projetos na disciplina que lhes fora atribuída, ressaltando as especificidades de cada uma das turmas. A professora cooperante tinha sob sua orientação neste ano letivo duas turmas, uma de 11º ano e uma de 12º ano, e conforme os conteúdos que cada estagiário pretendia desenvolver foi-lhes atribuída uma turma, ficando a turma 11º 20 com a professora estagiária Vera Fernandes e a turma 12º 20 com o professor estagiário Fábio Gouveia.

4. CARATERIZAÇÃO DA TURMA 11º 20

No início de cada ano letivo o diretor de turma encaminha a turma a uma sala apropriada para o preenchimento de um questionário⁴ numa plataforma digital indicada para o efeito e que possibilita a obtenção de diversos dados sobre cada aluno e respetivo agregado familiar.

Depois de preenchidos os inquéritos pelos alunos, o técnico de informática da Escola fez a extração dos ficheiros da plataforma e procedeu ao tratamento dos dados, disponibilizando-os posteriormente aos respetivos diretores de turma, para que estes possam então elaborar conjuntamente com todos os professores daquele conselho de turma, uma caraterização da realidade familiar, social, económica de cada aluno pertencente àquela turma.

A turma é constituída por vinte e dois alunos, no entanto apenas dezanove deles se encontram matriculados na disciplina de Desenho A. Desses dezanove alunos inscritos, houve uma desistência e uma mudança de curso, perfazendo um total de dezassete alunos. A turma é largamente dominada pelo sexo feminino, com treze elementos.

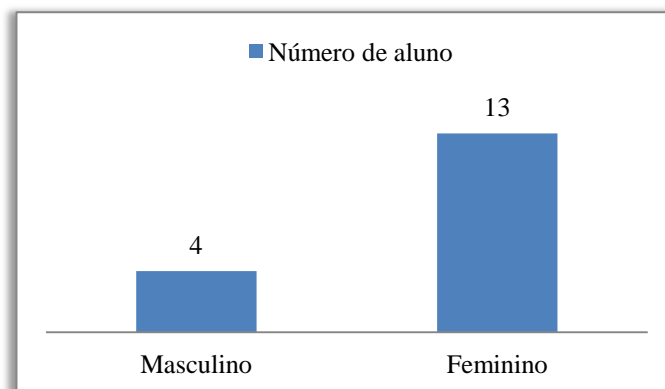


Gráfico 1 – Distribuição dos géneros pela turma.

⁴ Ver Anexo IV – Ficheiro disponibilizado pelo diretor de turma aos restantes docentes com a caraterização da turma.

No que respeita às idades, turma compreende alunos com idades entre os quinze e os vinte anos, estando apenas uma aluna fora da escolaridade obrigatória.

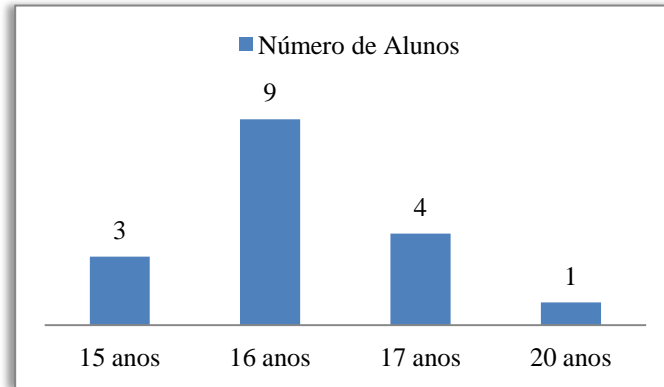


Gráfico 2 – Distribuição das idades dos alunos pela turma.

Quanto à área de residência dos alunos, é destacado o concelho do Funchal, com uma maioria de onze alunos, ao passo que, em Câmara de Lobos, residem quatro alunos e por último em Machico e Santa Cruz, onde vivem duas alunas.

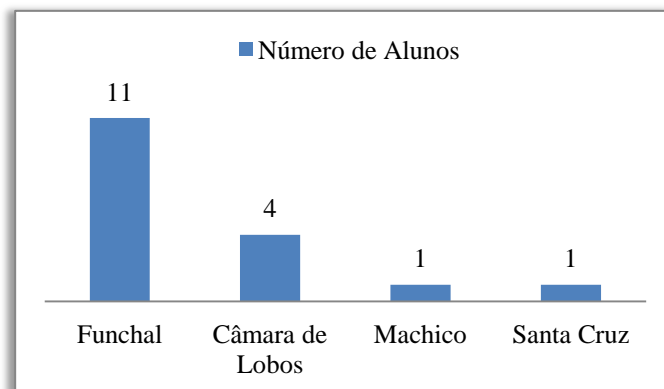


Gráfico 3 - Concelho – Residência.

Tal como ilustra o gráfico em baixo, é bem visível a quantidade de alunos que possuem apenas um irmão (cerca de dez alunos). Estes resultados vêm atestar as estatísticas relativas à baixa natalidade em Portugal. As famílias são cada vez mais pequenas, compondo-se, na sua maioria, pelos pais e por um único filho.

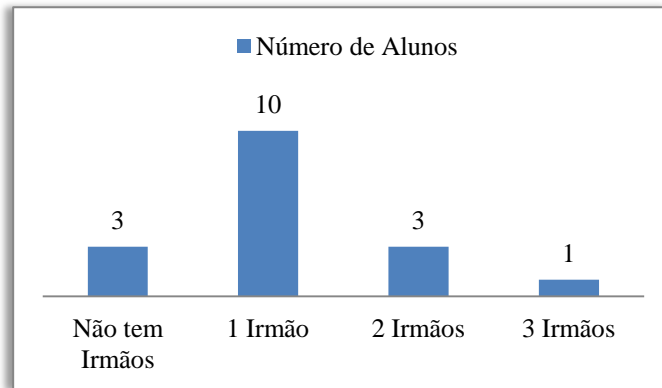


Gráfico 4 – Distribuição do número de irmãos por turma.

Os encarregados de educação são maioritariamente mães (catorze) havendo apenas dois educandos cujos pais são os encarregados, e ainda um aluno cuja irmã mais velha é encarregada.

Observando as características socioeconómicas do agregado familiar dos alunos, é possível depreender e compreender a existência de dois subgrupos no seio de um grande grupo que é a turma, justificando, desta forma, os resultados equitativos dos alunos que são beneficiários dos Serviços de Ação Social Escolar (SASE) em relação aos que não beneficiam de qualquer apoio social escolar.

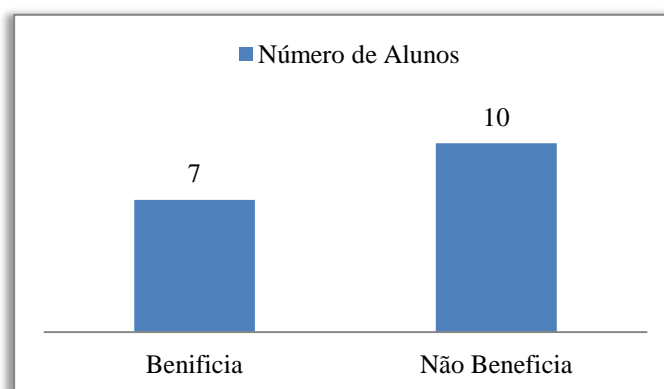


Gráfico 5 - Beneficiários do SASE.

Constatou-se na turma um índice de reprovações relativamente elevado, tendo em conta que a turma é composta por dezassete elementos e sete deles reprovaram, em

média mais que um ano de escolaridade. Essas repetições incidem maioritariamente no 2º ciclo do ensino básico e no 10º ano do ensino secundário.

Averiguou-se que todos têm pretensões em prosseguir os estudos após o término do secundário. As opções/áreas profissionais escolhidas são, predominantemente, a Arquitetura (cinco alunos) e o *Design* nas suas diferentes dimensões (cinco alunos). Curiosamente, denotou-se especial interesse, por parte de uma aluna, em enveredar numa futura carreira militar, mais concretamente, na especialidade de paraquedismo. Existem alguns educandos que ainda não optaram por nenhuma saída profissional (cinco alunos).

A ocupação de tempos livres varia entre as atividades de cariz desportivo, o convívio com amigos e/ou família, o visionamento de filmes/televisão, ouvir música e navegar na internet, conversar e jogar *online*. Certos alunos valem-se dos poucos tempos livres que têm para auxiliar os pais em tarefas domésticas e de agricultura, um dos meios de subsistência de algumas famílias.

4.1. DIAGNÓSTICO DE COMPETÊNCIAS DA TURMA

É fundamental procurar entender cada aluno individualmente, enquanto ser humano único e com uma personalidade própria. Na realidade, é isto que o distingue de todos os outros. Esta personalidade constrói-se desde que o indivíduo nasce até à sua morte, e depende de diversos fatores biológicos (sexo, património genético, a fisiologia e o sistema endócrino) e sociais (meio familiar, grupo social e a própria cultura), que influenciam o seu desenvolvimento, numa interação dinâmica com o meio que o envolve e onde se integra, a sociedade (socialização). É este processo de socialização que permite a inclusão do indivíduo na sociedade, ou seja, num coletivo e que o faz desenvolver e construir a sua personalidade, adaptando-se e partindo dos ideais e valores pré estabelecidos por esse mesmo grupo.

Todas as experiências vivenciadas pelo indivíduo, ao longo da sua vida, são causadoras de uma progressiva mutação/reestruturação de uma totalidade que é refletida na personalidade, ou seja, a personalidade é entendida como a soma de todas as partes.

Deste modo, e depois de analisados os comportamentos e as características socioeconómicas e familiares de cada aluno, pode-se então falar de uma “micro sociedade”, que é a turma.

ASPETOS NEGATIVOS E ASPETOS POSITIVOS

A turma, na generalidade, revela alguma dificuldade na representação gráfica através da observação direta, com pouca desenvoltura e expressividade no traço e na utilização de utensílios, assim como no domínio de técnicas próprias da área. Porém, alguns alunos detêm técnicas muito próprias, quer a nível de execução de pinturas quer a nível do desenho.

O uso de borrachas, esfuminhos, dedos e até mesmo lenços de papel para trabalhar o volume e o claro-escuro é algo recorrente, quando o que deveriam fazer era trabalhar e explorar os diferentes tipos e durezas das grafites.

O ritmo de trabalho é muito lento, o que se traduz muitas vezes num incumprimento de prazos de entrega das propostas de trabalho e também, devido ao facto de as propostas apresentadas serem *per se* exaustivas e de não ser especificada logo no início uma data para a entrega final. Como estratégia de remediação, começou-se a fasear mais o trabalho, colocando entregas intercalares e com datas marcadas logo que apresentadas as propostas aos alunos, alertando-os para a importância de uma entrega dentro de prazo.

Como consequência do facto de a História da Cultura e das Artes (HCA) não ser uma disciplina obrigatória para estes alunos, houve alguma dificuldade, aquando a explanação de certos conteúdos, recorrendo a nomes de artistas conceituados, ou a determinadas características de momentos específicos da história da arte. Para colmatar

esta lacuna, foi necessário fazer uma contextualização histórica e preparar material de apoio nas primeiras aulas de cada unidade de trabalho.

4.2. ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (N.E.E.)

Na turma há um aluno, de 15 anos de idade, que beneficia do acompanhamento da Educação Especial, com os seguintes problemas diagnosticados: deficiência auditiva (surdez de transmissão), fenda do palato primário e secundário completo à esquerda, lábio leporino⁵. Recentemente, e conforme relatório clínico, o aluno piorou na fala, apresentando dificuldades articulatórias no discurso rápido, que consegue corrigir se falar mais devagar. Encontra-se a realizar diversos exames médicos, para avaliar as suas capacidades e possíveis soluções a nível de cirurgias plásticas futuras (algumas já previstas).

O aluno pertence a um agregado familiar composto pelos pais e uma irmã mais velha, onde se vivencia um ambiente saudável e estruturado. Os pais, segundo o documento informativo⁶ fornecido pela docente de Educação Especial da Escola, sempre se mostraram preocupados e interessados na vida escolar do seu educando. Em suma, é caracterizado como sendo um aluno autónomo na sua vida pessoal, contudo revela problemas emocionais, como baixa autoestima. Denota-se alguma dificuldade de integração no meio escolar, motivo que o levou a mudar de turma e de curso. Quanto às suas dificuldades, apresenta alguns problemas de dicção, no entanto, respeita a pontuação, mas nem sempre lê com expressividade. No que respeita à linguagem compreensiva, tem dificuldade em referir as ideias principais de um texto, pelo que não reconta histórias pela sequência temporal correta e apresenta ainda enormes dificuldades de interpretação. Quanto à linguagem expressiva escreve frases muito simples, não respeitando, muitas vezes, a concordância morfosintática das mesmas e quer a

⁵ O aluno é seguido em consultas de especialidade de Otorrino, Estomatologia e Cirurgia Plástica pelo Núcleo de Tratamento de Fendas Lábio Palatinas, no Hospital de Santo António, no Porto.

⁶ Ver Anexo V – Documento informativo fornecido pela docente de Educação Especial da Escola.

organização de ideias quer a estrutura de textos são confusos. Revela ainda, dificuldades a nível de raciocínio lógico e abstrato.

ACOMPANHAMENTO EDUCATIVO ESPECIAL

Com o acompanhamento dos serviços da Educação Especial, tem beneficiado de Apoio Pedagógico Personalizado, adequação na organização de Turma, Currículo Escolar Individual, adequações curriculares individuais, adequações no processo de avaliação e apoio especializado, como medidas educativas especiais.

A docente de Educação Especial, conjuntamente com o diretor de turma, elaboraram um Projeto Educativo Individual (PEI)⁷, onde constam informações relevantes sobre o historial do percurso escolar e pessoal do aluno, contexto sócio familiar e económico, quadro clínico, bem como todas as especificidades/adequações do processo de ensino e de aprendizagem. Este projeto visa uma maior progressão do aluno, ao longo da escolaridade, permitindo-o completar o ensino secundário com níveis de sucesso superiores ao que teria. O PEI foi aprovado em reunião de Conselho de Turma, no dia 23 de novembro de 2011, após discussão e ajustamento dos instrumentos de avaliação de cada disciplina (professor)⁸ para com o aluno.

Contudo, e após verificação de grandes dificuldades por parte do aluno, mesmo depois da aprovação do PEI, relativamente à área de estudo em questão, este optou por transitar, no início do mês de dezembro de 2011, para o curso CEF de Multimédia disponibilizado igualmente por este estabelecimento de ensino.

⁷ Ver Anexo VI – Projeto Educativo Individual.

⁸ Ver Apêndice I – Documento elaborado com ajustamento para a disciplina de Desenho A.

4.3. HORÁRIO DA TURMA 11º 20

Apresenta-se abaixo o horário da turma sob responsabilidade da professora cooperante e da mestrande, destacando-se a disciplina a lecionar:

HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	
8:00 8:45	DESENHO A Sala 111	PORTUGUÊS Sala 314	INGLÊS N7 Sala 104	INGLÊS N7 Sala 113	DESENHO A Sala 111	
8:45 9:30						
9:45 10:30	FILOSOFIA Sala 109	MATEMÁTICA B II Sala 315	FILOSOFIA Sala 202	GEOMETRIA DESCRITIVA A II Sala 301		
10:30 11:15						
11:30 12:15	MATEMÁTICA B II Sala 109	GEOMETRIA DESCRITIVA A II Sala 113	PORTUGUÊS Sala 315	MATEMÁTICA B II Sala 305		
12:15 13:00						
15:00 15:45				EDUCAÇÃO FÍSICA Sala EF 6		GEOMETRIA DESCRITIVA A II Sala 205
15:45 16:30						
16:45 17:30				DESENHO A Sala 111		EDUCAÇÃO FÍSICA Sala EF 6
17:30 18:15						

Tabela 2 - Horário da Turma.

4.4. CALENDARIZAÇÃO DO ANO LETIVO 2011/2012

A calendarização que se segue tem por base a apresentada pelo Ministério da Educação e posteriormente pela Escola Cooperante.

Períodos	Datas	
1.º	Início	19 de setembro de 2011
	Termo	16 de dezembro de 2011
2.º	Início	3 de janeiro de 2012
	Termo	23 de março de 2012
3.º	Início	10 de abril de 2012
	Termo	8 de junho de 2012 para 11.º e 12.º anos de escolaridade

Tabela 3 - Calendarização do ano letivo.

Interrupções letivas para o ensino básico e secundário

Período	Datas das Interrupções
1.º	De 19 de dezembro de 2011 a 2 de janeiro de 2012, inclusive
2.º	De 20 a 22 de fevereiro de 2012, inclusive
3.º	De 26 de março de 2012 a 9 de abril de 2012, inclusive

Tabela 4 - Interrupções letivas.

Previsão de aulas

A previsão das aulas a lecionar foi calculada pelo número de dias da semana, por mês e conseqüentemente por período, em que a turma tem a disciplina de Desenho A e

posteriormente o tipo de blocos de cada dia. A cada dia de aula corresponde um bloco. No entanto, existem blocos de 90 minutos e blocos de 135 minutos.

Aulas Previstas e Dadas								
Ano + Turma	Disciplina	1º Período		2º Período		3º Período		Total
		Previstas	Dadas	Previstas	Dadas	Previstas	Dadas	
11º 20	Desenho A	37 (BLOCOS)	37	34 (BLOCOS)	34	24 (BLOCOS)	24	95

Tabela 5 - Previsão de aulas.

Indica-se no quadro abaixo, as quantidades de blocos de 90 minutos e as de 135 minutos por período letivo.

Período Letivo	Nº Total de Blocos	Blocos de 90 minutos	Blocos de 135 minutos
1º	37	26	11
2º	34	23	11
3º	24	16	8

Tabela 6 - Distribuição do nº de blocos de aulas por períodos letivos.

5. A DISCIPLINA DE DESENHO A

Pertencente ao leque de disciplinas específicas do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, a disciplina de Desenho A comporta uma carga horária semanal de oito horas. O programa curricular da disciplina⁹ apresentado pelo Ministério da Educação aponta três grandes áreas de trabalho: a perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação. A estas fazem-se corresponder conteúdos e temas que são transversais aos três anos do ciclo secundário (10º, 11º e 12º anos), prevendo uma maior consolidação de conhecimentos no 12º ano. No decorrer dos três anos vão sendo introduzidos novos conteúdos e aprofundados os anteriormente abordados.

Deste modo, os conteúdos passíveis de aprofundamento, segundo o programa curricular da disciplina, são os que se consideram de maior relevância – Procedimentos e Sintaxe, e os restantes conteúdos – Materiais e Sentido ficam restritos a uma sensibilização. São de sensibilização os conteúdos que os alunos deveriam, segundo o Ministério da Educação, conhecer e ter uma noção pelo menos básica, e de aprofundamento os conteúdos ditos obrigatórios, indispensáveis para aquele ano curricular, pois existem conteúdos que não podem ser dados aos alunos de anos curriculares anteriores, porque não possuem maturidade e destreza mental para os perceber e posteriormente aplicar corretamente. Há ainda os conteúdos transversais aos vários anos e ciclos de estudo que por isso não carecem de um aprofundamento em nenhum ano específico e de que os alunos se vão apercebendo com o desenvolvimento das propostas de trabalho que vão tendo ao longo dos vários anos.

É importante relembrar que um dos temas, patentes no programa, é dedicado à infografia, o que implica a necessidade de determinados recursos, materiais e técnicos nas escolas, nomeadamente computadores e *softwares* adequados aos conteúdos que são pretendidos promover.

São sugeridas, ao professor, algumas estratégias/metodologias e atividades possíveis de aplicar à turma, já numa parte final do programa da disciplina. Estas

⁹ Ver Anexo VII – Programa Curricular da Disciplina de Desenho A 11º e 12º ano.

conjugam diversos conteúdos, relacionando-os de um modo transversal, no decorrer da descrição da atividade a desenvolver, e não seguem uma ordem ou sequência, podendo o professor, ao escolher a metodologia a utilizar, exercer as suas preferências e modificações.

De entre as inúmeras propostas do programa¹⁰, apresentam-se alguns exemplos:

- Ilustração de livro – partindo de textos inerentes a um livro à escolha do aluno, deverão proceder a execução de seis imagens ilustrativas;
- Retrato – representar por meio de observação direta as várias vistas da cabeça de um colega de turma;
- Estudo de fragmentos de modelo – partindo de modelos anteriormente desenvolvidos e selecionando diferentes áreas e/ou pormenores, procede-se à sua ampliação.
- Imagens animadas (“*Flip Book*”) – sequência de imagens desenhadas num bloco, de forma, a que quando desfolhadas pareçam ganhar movimento e animação.

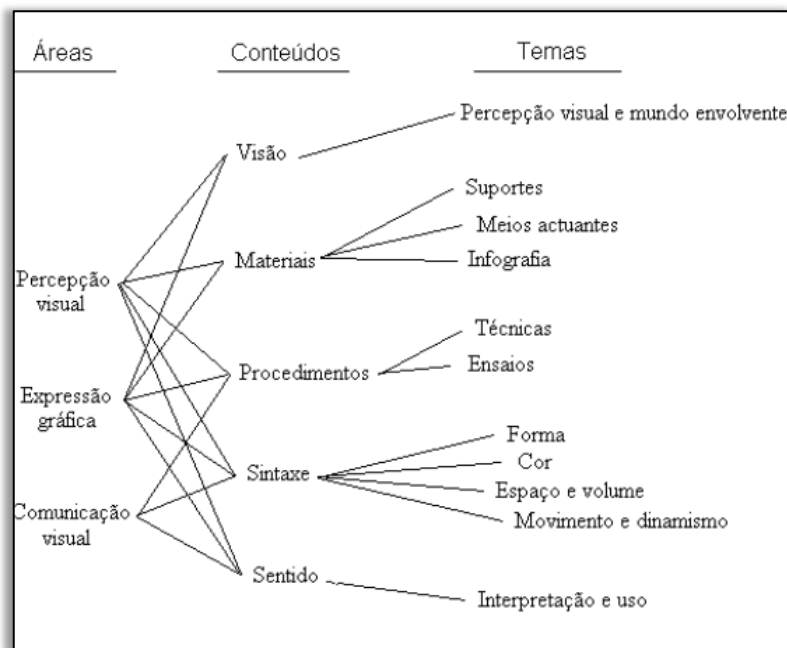


Figura 4 - Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12º anos).

¹⁰ Ver Anexo VIII – Programa Curricular da Disciplina de Desenho A 10º ano.

Tal como em todas as disciplinas, é pretendido desenvolver e promover nos alunos certas capacidades e habilidades, que passam essencialmente por uma interação com o meio envolvente por intermédio da observação, interrogação e interpretação de todo um conjunto de elementos; pela representação, expressão e comunicação para e com esse mesmo conjunto; aplicando metodologias de trabalho individual e colaborativo, assim como princípios de convivência e cidadania; alimentando um espírito crítico face às imagens e conteúdos que lhes vão sendo apresentados, fomentando uma sensibilidade estética que lhes possibilitará conceber respostas livres de estereótipos e preconceitos, nunca descorando a importância de deter uma consciência histórica e cultural.

6. O PAPEL DO PROFESSOR DE DESENHO

Visando uma eficiente integração do indivíduo na sociedade, a escola enquanto mecanismo responsável pela sua formação, procura implementar novos métodos de trabalho, recorrendo para isso a diversas ferramentas/recursos, que permitem ao professor motivar e estimular mais o aluno, daí resultando uma melhor compreensão e consolidação de conhecimentos.

É abandonado, pelo professor, o ideal/visão tradicionalista de que Nietzsche tanto falava e que caracterizava o ensino de outrora, onde existia apenas “Uma só boca que fala e muitíssimos ouvidos, com um número menor de mãos que escrevem [...]” (Nietzsche, 1979, pp. 120-121), passando-se a um ideal de processo de construção gradual de conhecimentos e práticas por parte do aluno – Construcionismo. O professor deve munir-se de um pensamento e agir comunicativos, capaz de provocar no aluno uma desenvoltura quer na forma como olha o mundo que o rodeia, quer na capacidade de relacionar o observado com o conteúdo programático. “Nunca está em causa levar o aluno a ver com os olhos do professor. O que tem sentido educativo é aproximar o aluno da arte. A obra artística comunica por si.” (Almeida, s/d, p.10)

Muitos dos conteúdos patentes nos programas de desenho são transversais e universais, e na sua maioria de carácter oficial, permitindo ao professor avaliar não somente um produto final, mas todo um processo de trabalho (técnicas e materiais de produção) e de conceitos (sensibilidade/função estética) que são inerentes àquele resultado, pois “A forma, por exemplo, não é apenas um círculo, é também um tom, uma cor, o valor táctil de uma superfície ou o valor luminoso de um espaço.” (Almeida, s/d, p.12)

As propostas e sugestões metodológicas apresentadas à turma deverão permitir uma inter-relação dos diferentes conteúdos, de modo a facultar uma maior exploração e flexibilidade de conhecimentos por parte do aluno. Estas devem ser planificadas (a longo, médio e a curto prazo) e organizadas por tempos, articulando diferentes meios e

recursos pedagógicos, preparando instrumentos e materiais de apoio a atividades práticas, bem como fichas informativas, fichas de trabalho, exercícios, etc.

É imprescindível a elaboração de planificações de aula, pois para além de serem uma forma de o professor organizar e refletir sobre o seu trabalho, são fundamentais para os alunos, que desta forma conseguem compreender melhor o que estão a fazer e o porquê; bem como para a escola, pois permite um trabalho mais consciente e uma coordenação interdisciplinar mais eficiente; e ainda aos pais e à comunidade educativa (sociedade local) fomentando assim, uma maior participação dos mesmos no processo ensino/aprendizagem dos seus educandos. (Vilhena, 2007, pp.2-3)

É importante realçar que o professor deverá ter em atenção determinadas questões sociais, culturais, cognitivas, físicas e ambientais, que marcam a sociedade atual.

7. A AVALIAÇÃO

Nestes últimos tempos, têm sido alvo de atenção as linhas com que são regidas as avaliações curriculares dos nossos alunos do ensino básico e secundário, os métodos utilizados e os resultados obtidos. Os debates promovidos pelas próprias instituições de ensino visam a provocação de reflexões sobre aspetos muito importantes, no que concerne à formação e educação do indivíduo e do próprio sistema educativo dentro da nossa sociedade, que tem vindo a ser alvo de reformas educativas focadas apenas em dados estatísticos.

A opinião de que a escola coadjuva na passagem de um ano escolar ou de qualquer disciplina curricular, para assim colocar, a nível estatístico, a cadeira em questão ou a área de formação, a nível nacional e mesmo europeu, dentro ou acima da média, é considerada uma forma prejudicial ao educando, no sentido em que não o ajuda a compreender e a criar métodos de estudo, nem a valorizar a sua própria avaliação e conhecimentos. Estamos, antes, a valorizar um sucesso meramente quantitativo em detrimento de um conhecimento e formação de qualidade, que se poderá ver refletido num futuro muito próximo.

Há toda uma grande vertente a nível educacional que proporciona uma avaliação específica e que poderia ser trabalhada se todo o indivíduo envolvido na avaliação e educação de cada educando, colocasse em causa todos os pontos que são realizados durante o processo educativo quer cognitivo, quer avaliativo. Hoje mais do que nunca, é posta em causa a avaliação feita aos educandos, principalmente pelos pais, que na sua grande maioria nem quer saber quais são os parâmetros de avaliação, os objetivos e competências que o educando deveria atingir para poder reivindicar, protestar determinados resultados.

7.1. A AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE DESENHO A

A avaliação do aluno, segundo Pacheco (1996, s.p.), é decidida curricularmente e:

[...] implica a valoração de dados concretos em função de uma representação tida como ideal, limitando-se a procurar os signos que permitem dizer como se posiciona o objecto em relação ao referente (Hadji, 1994, p.76 citado por Pacheco, s/d., p.115).

A avaliação da disciplina¹¹ foi discutida e aprovada pelo grupo disciplinar 600 – Artes Visuais da Escola, e comportava quatro parâmetros de avaliação, tendo o aluno que demonstrar em três deles, mediante a execução de trabalhos e testes de cariz teórico-prático, o conhecimento adquirido até à data, na disciplina. O quarto parâmetro destina-se a avaliar a assiduidade, a pontualidade, os valores e atitudes do aluno.

Parâmetros de Avaliação	Percentagem
Trabalhos Práticos	80 %
Testes	10 %
Trabalhos Teóricos	5 %
Valores / Atitudes / Assiduidade e Pontualidade	5 %

Tabela 7 - Parâmetros de avaliação aprovados pelo grupo 600.

Posteriormente, esta avaliação foi alterada pela professora cooperante, tendo reduzido o número de parâmetros e aumentado respetivamente a percentagem noutra, tal como ilustra o quadro abaixo.

¹¹ Ver Anexo IX – Planificação do ano letivo e respetiva avaliação do grupo 600.

Parâmetros de Avaliação	Percentagem
Trabalhos Práticos	90 %
Diário Gráfico	5 %
Valores / Atitudes / Assiduidade e Pontualidade	5 %

Tabela 8 - Parâmetros de avaliação adaptados à turma.

Portanto, são considerados na disciplina de Desenho A, objetos de avaliação: a obtenção e consolidação de conceitos, a materialização de práticas e o desenvolvimento de atitudes e valores.

A avaliação assume um caráter formativo e sumativo. A componente formativa compreende todas as intervenções dos alunos ao longo das atividades e apresentam-se em grelhas de observação. A componente sumativa apropria-se de todas as formas de concretização/execução das práticas, sejam elas de caráter teórico ou teórico-prático, elaborados em aula ou em casa. Os trabalhos desenvolvidos para a avaliação sumativa são apresentados em listas, utilizando a escala de 0 a 20 valores.

PARTE II

PRÁTICA PEDAGÓGICA

PREÂMBULO TEÓRICO

Sentiu-se, desde o início desta prática pedagógica, a necessidade de educar os alunos esteticamente e artisticamente através do desenho, pois não basta o aluno saber fazer, criar, propor e executar, ele tem que saber ver, apreciar e julgar aquilo que está a criar e que já foi criado outrora dentro daquele contexto de modo a obter resultados mais criativos e eficazes.

É fundamental que no ensino das artes visuais exista uma harmonia entre a componente estética e a componente artística, uma vez que uma complementa a outra. O professor deve, não só, saber diferenciar estes dois tipos de educação como também relacioná-las ao longo das suas aulas, preparando e sensibilizando os alunos para a importância de ambas.

Almeida (s/d, pp.8-9) distingue três períodos dentro da educação para a arte e pela arte:

- 1º Período – até aos dez anos de idade, onde os desenhos parecem registos de experiências sensoriais, codificados e pouco elaborados. Este período de expressão livre infantil é reconhecido como *fase de vivificação*;
- 2º Período – por volta dos doze anos de idade, denota-se nas criações um desfalecimento da espontaneidade em prol de um sentimento, de um sentido crítico que começa a despoletar nestas idades. Este período é conhecido como a *fase de transição*;
- 3º Período – depois dos doze anos de idade, o aluno é grandemente influenciado pelo meio social envolvente. O autor caracteriza esta fase como portadora de um logicismo e esteticismo próprios da adolescência – *fase da análise ou de orientação*.

A educação estética, na escola, não está, ou pelo menos não deverá estar, apenas inserida nas disciplinas de cariz artístico. A própria escola, enquanto espaço físico e arquitetónico deve ser portador de beleza, de algo que seduza e leve o aluno a querer e a

sentir-se bem por lá estar. Se pensarmos bem, a sensibilidade e o entendimento estético facilita a relação entre a arte e a vida (Almeida, s/d, p.13).

Almeida (s/d, p.10) a propósito da educação estética refere que “O homem precisa de educar a sua sensibilidade estética, só assim estará desperto para valorizar o meio circundante e por ele ser valorizado.” No entanto, e apesar de não existir um programa curricular específico para uma educação estética, - talvez por ser tratar de uma educação “livre” – está, no atual currículo, ligada à área da educação artística.

Viktor Lowenfeld, citado por Almeida (s/d, p.10) afirma que se a educação estética ocupa de um enorme campo de experiência da arte, no qual se inclui uma estimulante e harmoniosa experiência que resulta da inter-relação entre o indivíduo e o objeto.

É importante que haja um equilíbrio entre a componente estética e a componente artística e, apesar de ambas estarem em função da beleza, têm objetivos distintos. A estética tem por objetivo a formação de juízos de valor através dos sentidos e do pensamento. A artística por sua vez, tem como objetivo um adestramento, uma técnica de execução que não exclui a formação de juízos de valor.

Portanto, é fundamental que na escola, e no professor que tutela a disciplina de desenho, ou outra de carácter artístico, exista uma consciencialização da importância de se desenvolverem atividades que abarquem estas duas componentes, pois ambas se complementam.



Esquema 1 - A Relação entre a Educação Estética e Educação Artística.

Almeida (s/d, p.9) ressalva que “Sem uma acção escolar orientadora do desenvolvimento da consciência estética as potencialidades criadoras do ser diminuem, e a sua receptividade ao fenómeno artístico cremos que estiola.”

CAPÍTULO I

1º PERÍODO LETIVO

A Iniciação à Prática Profissional - Ensino Supervisionado começou no dia 26 de setembro de 2011, uma semana após o início do 1º período do ano letivo (19 de setembro). Nesta primeira fase do estágio, a estagiária esteve a acompanhar/coadjuvar as aulas ministradas pela professora cooperante.

Semanalmente, às terças-feiras, das 18h às 20h, a professora estagiária e a professora cooperante reuniam-se a fim de planificar aulas/unidades de trabalho a desenvolver, bem como para a elaboração das grelhas e critérios de avaliação próprias de cada unidade. Utilizou-se também este horário para preparar (releitura e análise do programa curricular da disciplina e leitura do Projeto Educativo Individual) e produzir um documento onde constassem as adequações da disciplina de Desenho A, para o aluno com necessidades educativas especiais, e que posteriormente abandonou a turma, um pouco antes do término do 1º período.

Muitas das propostas desenvolvidas foram comuns à outra turma de 11º ano de artes visuais da Escola, a cargo da professora Teresa Vasconcelos (coordenadora do grupo 600 – Artes Visuais). A totalidade das atividades extracurriculares, projetadas para todo o ano, foram planificadas e inseridas numa plataforma *online*, utilizada pela Escola para esse efeito. Da mesma forma se processaram as planificações a longo prazo e a médio prazo.

1. AULAS COADJUVADAS

Os primeiros dez minutos da aula nº 4 foram reservados para a apresentação da professora estagiária aos alunos, na qual tiveram a oportunidade de, para além de se apresentarem, explicarem a sua motivação em entrar no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, e de mencionar o que ambicionavam seguir profissionalmente quando terminassem o secundário.

Terminadas as apresentações, os alunos deram seguimento à resolução de uma ficha diagnóstica¹² introduzida pela professora cooperante na aula nº 2, no dia 22/09/2011.

No decorrer da aula, a estagiária circulou de mesa em mesa a fim de observar o que cada aluno tinha desenvolvido até então, ficando disponível para prestar um melhor acompanhamento aos alunos. Constatou que, de um modo geral, todos os alunos mantinham um ritmo de trabalho idêntico.

Da aula nº 2 à aula nº 4, os alunos concluíram o exercício I da ficha diagnóstica, para o qual realizaram esboços, exploraram o traço e representaram um enrolamento de papel em diferentes perspetivas, caracterizando a forma através dos valores lumínicos e do volume/claro-escuro com grafites de diferentes durezas.

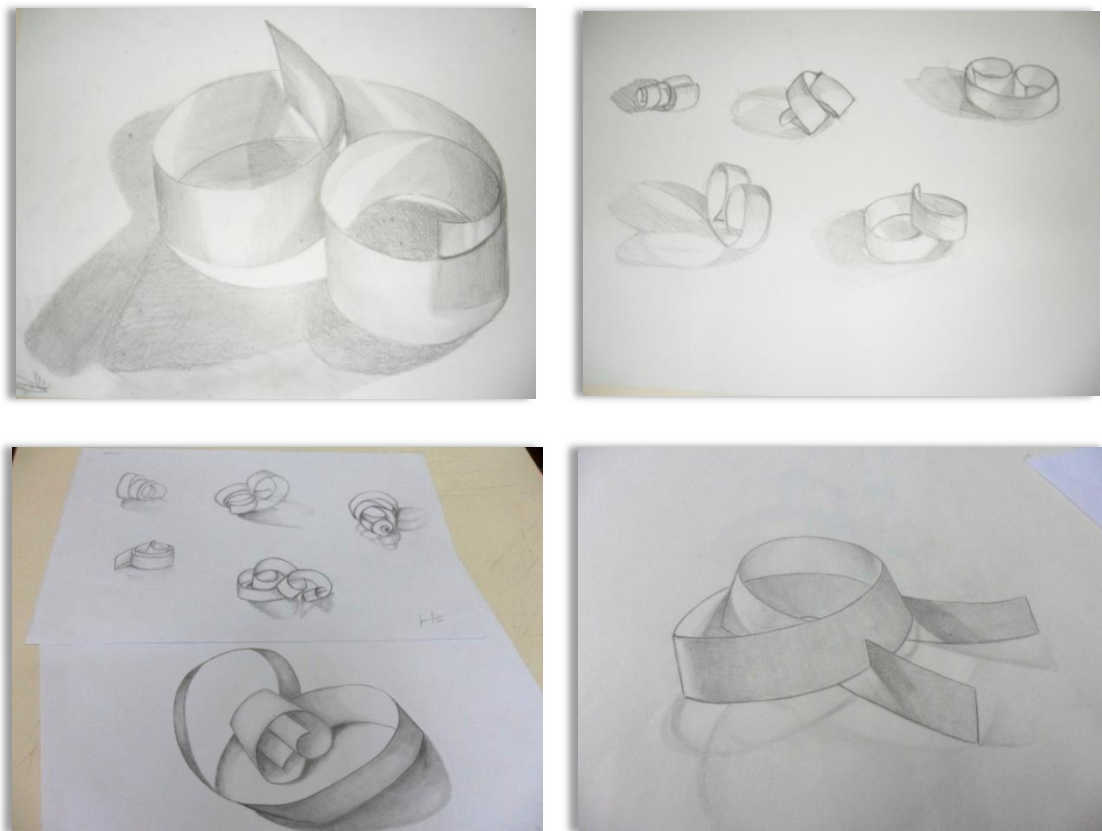


Figura 5 - Alguns Resultados - Exercício I.

¹² Ver Anexo X – Ficha diagnóstica.

Alguns alunos tinham iniciado na aula nº 3 o exercício II, que consistia em representar um objeto natural à sua escolha, por meio da observação direta e esboçar, segundo diversos pontos de vista, a forma global do objeto para numa fase final do exercício representarem com maior pormenor a forma e o volume/claro-escuro do mesmo.

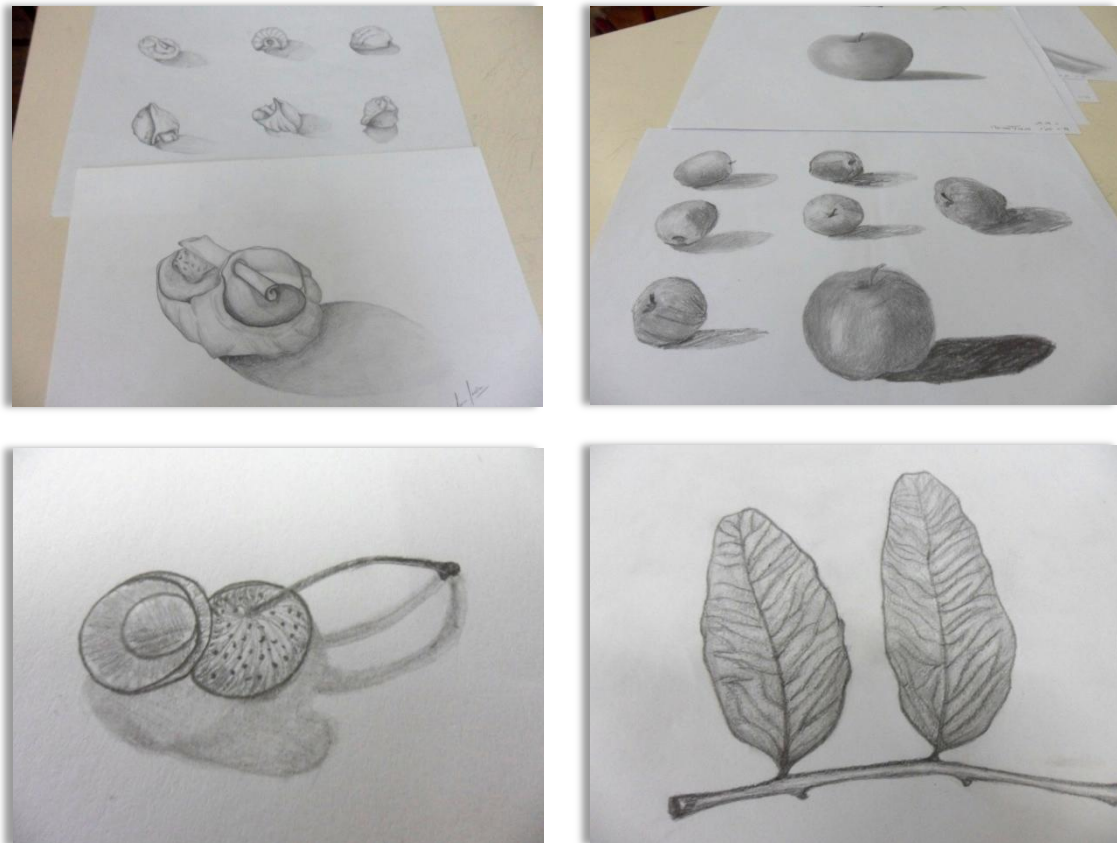


Figura 6 - Alguns Resultados - Exercício II.

Deste modo, na primeira aula assistida/coadjuvada pela estagiária, alguns alunos já estavam iniciando o exercício III, ao passo que outros ainda estavam a meio do exercício anterior. O terceiro exercício da ficha diagnóstica previa a seleção de um objeto mecânico por parte do aluno, para, à semelhança do que era pedido nos exercícios anteriores, executarem as diferentes vistas, caracterizarem o objeto aplicando os valores lumínicos. Mas desta vez, deveriam incluir a ampliação do mesmo e das suas partes constituintes – desenho explicativo da sua funcionalidade.

Estiveram até à aula nº 7, no dia 03/10/2011, a concluir os exercícios e, no final da aula, entregaram a resolução da ficha diagnóstica às professoras, dentro de micas de tamanho A3, devidamente identificadas.

Passou-se a mostrar alguns dos resultados do último exercício da ficha, nos quais se revelou evidente a dificuldade na perspetiva e na “explosão” do objeto em partes, de modo a explicar a sua funcionalidade e constituição.

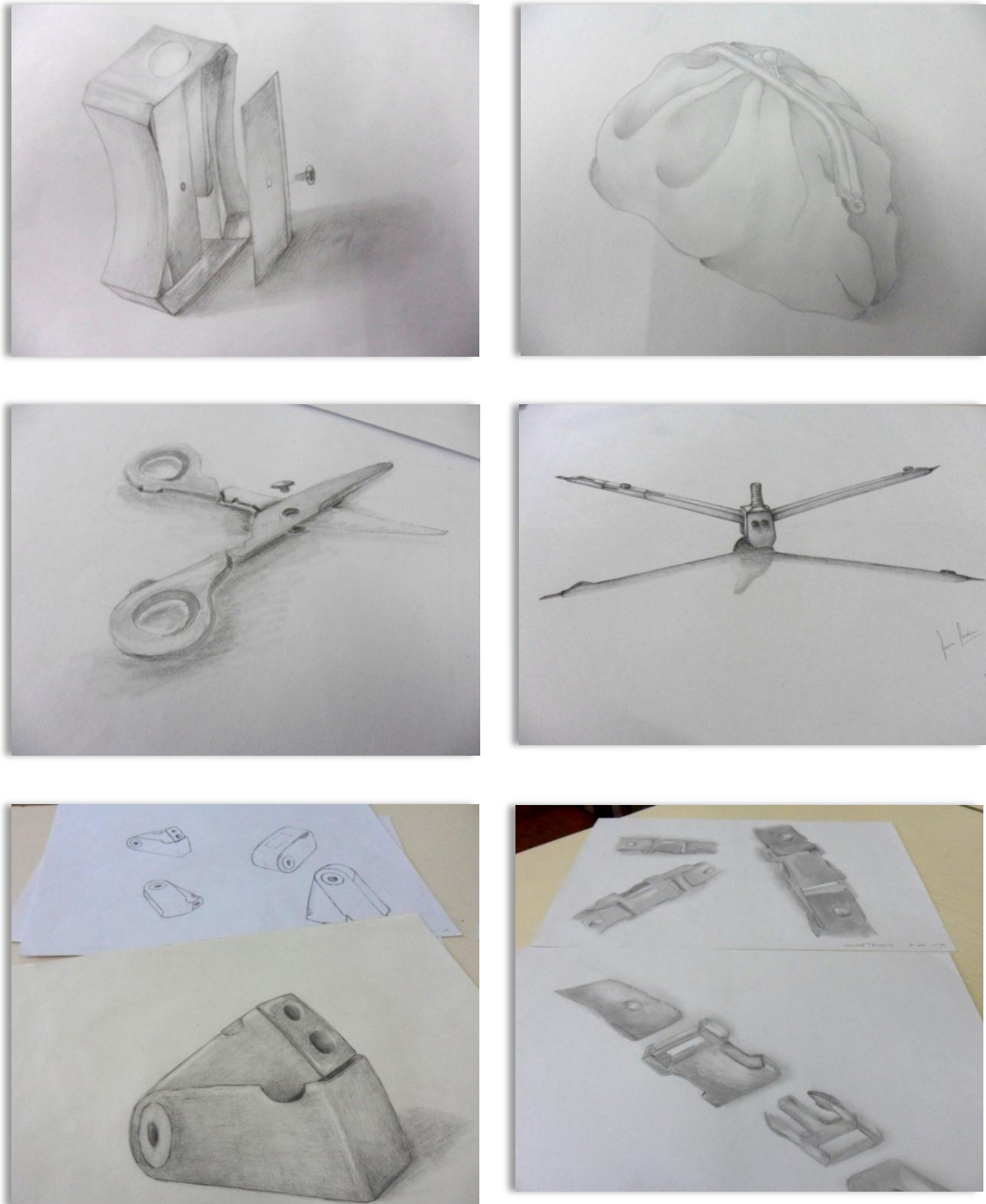


Figura 7 - Alguns Resultados - Exercício III.

As professoras (cooperante e estagiária) reuniram-se posteriormente a fim de procederem a uma análise e crítica dos trabalhos desenvolvidos, de forma a apontar estratégias e visando sempre um melhoramento, contribuindo assim para o sucesso escolar de cada aluno.

REFLEXÃO SOBRE A FICHA DIAGNÓSTICA

Denotaram-se algumas dificuldades na representação de esboços rápidos por observação direta do objeto. A nível de proporções e de tratamento do volume/claro-escuro também foram evidentes os problemas no domínio de técnicas e dos materiais, conferindo aos registos um aspeto pouco límpido. Apesar de, na sua maioria, a turma não ser repetente no ciclo e disciplina em questão, verificaram-se dois níveis muito distintos na turma. Um grupo tem facilidade em captar as propriedades formais das estruturas, ao passo que outros têm graves problemas principalmente na aplicação de perspetiva e tratamento visual.

Como estratégia/metodologia a utilizar promoveu-se o diário gráfico, incentivando o seu uso como meio de registo para os primeiros esboços e estudos das propostas apresentadas em aula, bem como, a consciencialização e sensibilização deste, como um instrumento de registo regular e de exteriorização de sentimentos e emoções por meio da expressão plástica. Fomentou-se um clima positivo e motivante em aula, através de comentários atentos, de reforço aos progressos dos alunos, potenciando assim, novos desenvolvimentos. Através de comentários individuais da análise dos resultados, incentivou-se os alunos, na reflexão dos aspetos a melhorar e como superar, maximizar as suas potencialidades em futuras respostas a exercícios.

Na aula seguinte (nº8, no dia 06/10/2011) foi dado início à 1ª Unidade Curricular relacionada com uma natureza morta. A proposta de trabalho¹³ foi apresentada pela professora cooperante aos alunos, fazendo-se a leitura e interpretação do enunciado.

Esta proposta de trabalho encontra-se dividida em duas fases. Na **1ª fase**, o aluno, utilizando suportes de papel A3 de diferentes tipos (como também no diário gráfico) e recorrendo a diferentes materiais/técnicas, representa no mínimo três elementos naturais e artificiais (modelos) com diversas configurações e materiais. Estas representações foram apresentadas como resposta dos alunos às seguintes alíneas:

- a) Contorno e gesto – Exploração das potencialidades da linha, por exemplo as diferentes pressões e a espessura das linhas.
- b) Traço e mancha – Exploração das texturas através de pontos, linhas e tramas. O contraste de luz e sombra variando a iluminação, descobrindo brilhos e transparências.
- c) Cor – Experimentação, tradução das cores do modelo, afinação dos tons, e dos matizes, saturando cores por mistura direta no papel ou na paleta.
- d) Composição – Exagero dos elementos formais para acentuar uma solução ou simplificação para nivelar uma forma.

Na **2ª fase** os alunos procederam a um trabalho de recolha de informação, recorrendo para tal a diversas fontes, nomeadamente livros, museus, catálogos de exposições, bibliotecas e internet. Posteriormente, selecionaram e organizaram três a cinco imagens, identificando três aspetos associados ao género da natureza morta, de modo a apresentar aos colegas de turma. Numa segunda parte desta mesma fase, os alunos realizarão esboços de naturezas mortas, tendo como base duas obras de artistas importantes. Este exercício culminará com a execução de uma pintura a acrílico ou a óleo sobre tela.

Este tipo de exercício é importante para uma vivificação da história da arte e da função estética que está presente na educação estética e artística. Portmann, citado por Almeida (s/d, p.18), afirma que numa escola: “A função estética deve viver e ser vivida, fortificada no acto da criação e no acto da recriação que é dado a cada um.”

¹³ Ver Anexo XI – Proposta de Trabalho | 1ª Unidade de Trabalho | Natureza Morta

Após a análise da unidade, os alunos deram início aos trabalhos e no final da aula, arrumaram o material nos armários e saíram da sala, com os cumprimentos habituais.

No dia 07/10/2011, na aula nº 9, os alunos deram continuidade à unidade de trabalho: a natureza morta, iniciada na aula transata.

A professora cooperante recolheu vários elementos naturais e artificiais, antevendo a falta de recolha por parte dos alunos. Apenas metade da turma trouxe de casa elementos para observação e representação. Exploraram a linha, procurando dar resposta à alínea a) da 1ª fase da proposta, Contorno e Gesto.



Figura 8 - Alguns objetos naturais.



Figura 9 - Alguns objetos artificiais.

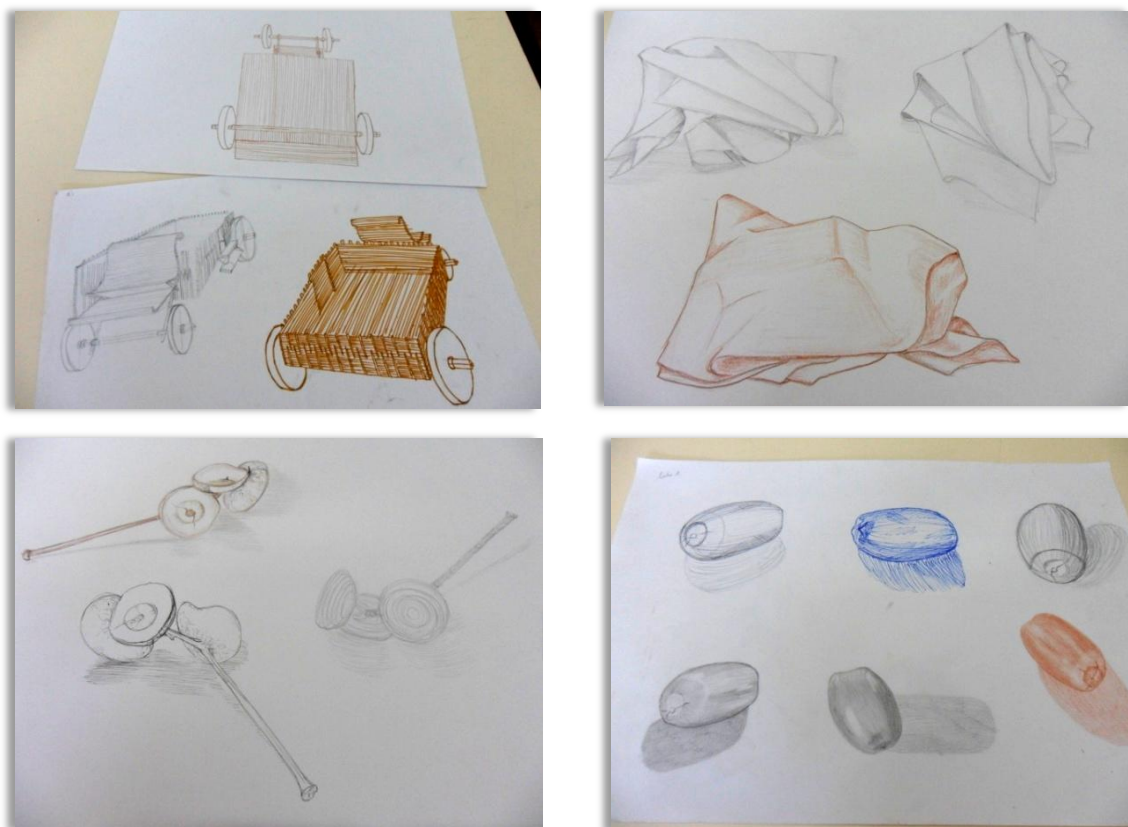


Figura 10 - Alguns resultados - Alínea a) Contorno e Gesto.

Estes trabalhos foram contínuos até ao dia 13/10/2011, aula nº 11. Iniciou-se, neste dia, a resolução da alínea b) da 1ª fase da proposta, Traço e Mancha. Os apontamentos e esboços elaborados pelos alunos espelhavam e exploravam texturas através de pontos, linhas e tramas, e o contraste de luz e sombra descobrindo brilhos e transparências nas formas.

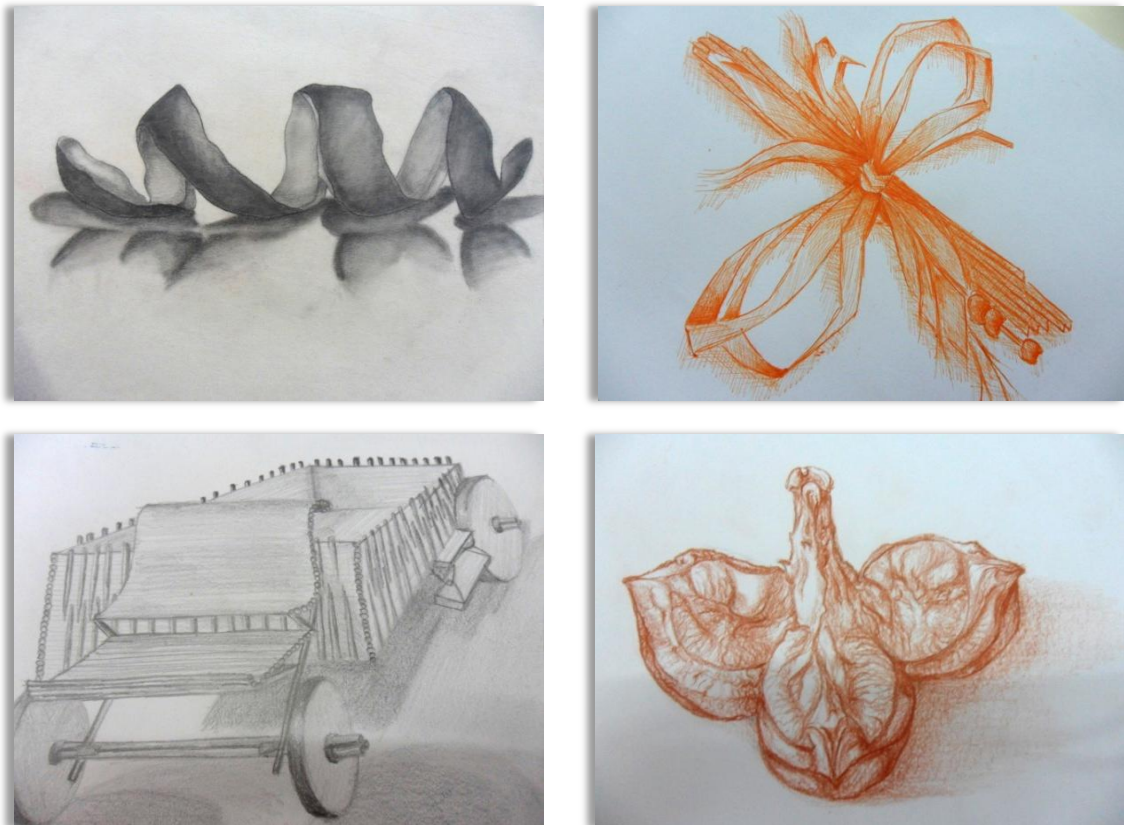


Figura 11 - Alguns resultados - alínea b) Traço e Mancha.

Já na aula nº 14, no dia 20/10/2011, começaram na alínea c) da 1ª fase da proposta, Cor. Nesta aula e nas seguintes (até dia 03/11/2011, aula nº 20), os alunos exploraram o volume e o registo de proporção, a caracterização cromática – a cor como elemento plástico expressivo, tons e matizes. Exploraram também o tipo de papel e diferentes materiais, tais como: lápis de cor, aguarelas, pastéis secos e de óleo.

Alguns alunos (poucos) já tinham iniciado a alínea seguinte, onde se tratava a Composição.



Figura 12 - Alguns resultados - alínea c) Cor.

No dia 04/11/2011, a professora cooperante levou a turma de 12º ano a uma atividade interdisciplinar e por essa mesma razão, a aula foi ministrada pela professora estagiária, que deu continuidade à unidade de trabalho em curso. A estagiária, no seguimento do que estava a ser lecionado, elaborou uma ficha informativa¹⁴ sobre a

¹⁴ Ver Apêndice II – Ficha Informativa | Natureza Morta | Composição

temática “Natureza Morta” e a composição/disposição dos elementos gráficos sobre o suporte, para introduzir a última alínea d) da 1ª fase da proposta, que diz respeito à Composição.

A aula decorreu na sala habitual (sala: 111), e teve início às 08:00 e término às 13:00, sendo que às 10:30 se deu a passagem de turnos – dois blocos de 135 minutos que se fazem corresponder respetivamente a cada turno da turma.

Os alunos acomodaram-se, enquanto se davam os cumprimentos matinais habituais, e lhes era comunicado que a aula seria dada pela professora estagiária, explicando o motivo pelo qual a professora cooperante não pudera dar a aula.

Depois, a estagiária, deu a chave dos armários onde guardam os materiais e capas com os trabalhos em curso a uma das alunas para abri-lo. Simultaneamente, a professora acedeu à plataforma *online* PLACE¹⁵ onde inscreveu o sumário e fez o registo de faltas dos alunos e posteriormente passou para o quadro o sumário:

Continuação da execução dos registos cromáticos dos objetos naturais e artificiais escolhidos pelos alunos, trabalhando com diferentes materiais riscadores e aquosos sobre suportes de cores, texturas e gramagens distintas.

Ordenação dos modelos numa composição, descrita num suporte de tamanho A3, utilizando diversas técnicas e recorrendo a processos de síntese e transformação gráfica, nomeadamente a acentuação ou o nivelamento.

De seguida, a estagiária distribuiu as fichas informativas sobre a temática Natureza Morta | Composição. Fez uma breve contextualização histórica do género pictórico mais popular, a natureza morta, bem como alertou para aspetos que são tidos como fundamentais para a construção da imagem: a **composição** da cena; a aplicação da **perspetiva**, a definição do **volume** e/ou a harmonização da **cor** (Cor/Forma/Espaço). Referiu o jogo dos pesos que existe aquando da elaboração de uma composição, dando

¹⁵ PLACE – Plataforma para a Comunidade Educativa. Esta aplicação web é direcionada para a gestão da informação relativa aos alunos dos 2º e 3º ciclos e secundário da Região Autónoma da Madeira. Através dela, os professores devidamente registados, podem assinalar as faltas e a avaliação dos alunos à disciplina. São inúmeras as informações e funcionalidades que esta aplicação detém, para mais informações sobre a aplicação consulte: <http://www01.madeira-edu.pt/projectos/place/place21.htm>

corpo a vários esquemas que existem, uns mais tradicionais que outros. Deu exemplos de esquemas compositivos.

Após este momento expositivo, os alunos retomaram os seus trabalhos. No decorrer da aula, a estagiária fez acompanhamento individualizado, indo de mesa em mesa, verificando como estavam a decorrer os trabalhos e prestando apoio, quer a nível de representação das proporções das formas, quer a nível técnico de utilização de materiais. Deparou-se com uma situação que já previa, devido a várias condicionantes: nunca ter dado nenhuma aula à turma, muito menos sem a presença da professora titular da disciplina. Alguns alunos não estavam a trabalhar e, apesar do “controlo” que era efetuado de mesa em mesa, nem tentaram disfarçar essa situação.

Então, como forma de mostrar que tudo o que é feito em aula, aula a aula é avaliado, a professora estagiária solicitou que, nos últimos vinte minutos da aula, colocassem os trabalhos desenvolvidos naquela aula, para debaterem e verem o que estava correndo bem e o que estava a precisar de ser melhorado, e felicitar a evolução de certos alunos (motivação).

Os alunos que não tinham feito nada, e por não terem nada para mostrar acabaram por pedir desculpa pelo comportamento inapropriado. A professora estagiária deu por terminada a aula, desejando-lhes um bom fim-de-semana, após terem arrumado todo o material como costume no armário próprio para o efeito.

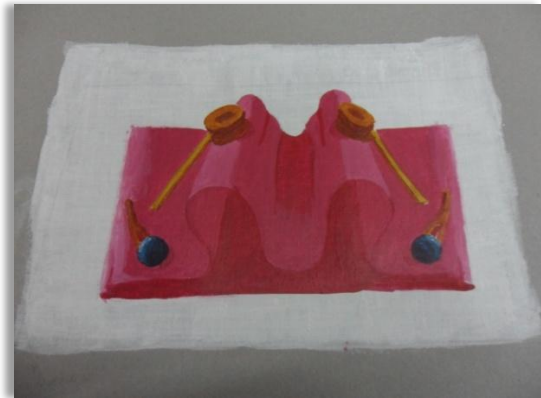
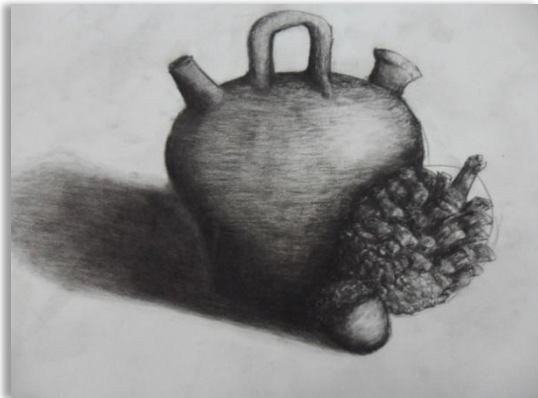
Na aula nº 22, no dia 07/11/2011, a professora cooperante voltara a “comandar” a turma. Esta aula foi dada conjuntamente com a outra turma de 11º ano de artes visuais da Escola, a cargo da professora Teresa Vasconcelos, no auditório da Escola, onde falaram sobre a natureza morta e sobre os processos de simplificação: acentuação e nivelamento, recorrendo a um *powerpoint*¹⁶ preparado para o efeito pelas professoras titulares e pela estagiária.

Depois desta exposição, os alunos das duas turmas foram encaminhados para as respetivas salas pelas professoras titulares, de modo a darem continuidade à última alínea da 1ª fase da proposta de trabalho.

¹⁶ Ver Apêndice III – *PowerPoint* sobre a simplificação por acentuação e nivelamento.

Os alunos prosseguiram com os estudos de composição e exploraram os processos de síntese gráfica: acentuação e nivelamento. Terminaram, com este trabalho, a 1ª fase da proposta, no dia 09/12/2011, na aula nº 34. Ainda nesta mesma aula, os alunos começaram na 2ª fase da proposta, após uma pequena reflexão da professora sobre o que era pretendido.

Foi solicitado, como trabalho para casa, uma pesquisa sobre a temática, movimentos e artistas, para posterior apresentação à turma, em contexto de aula. Pretendeu-se fomentar a recolha de informação através da *internet*, não deixando de alertar os alunos para a questão da qualidade e credibilidade dos conteúdos e salvaguardando os procedimentos de citação e de direitos de autor; fazendo uma pequena explanação sobre o assunto.



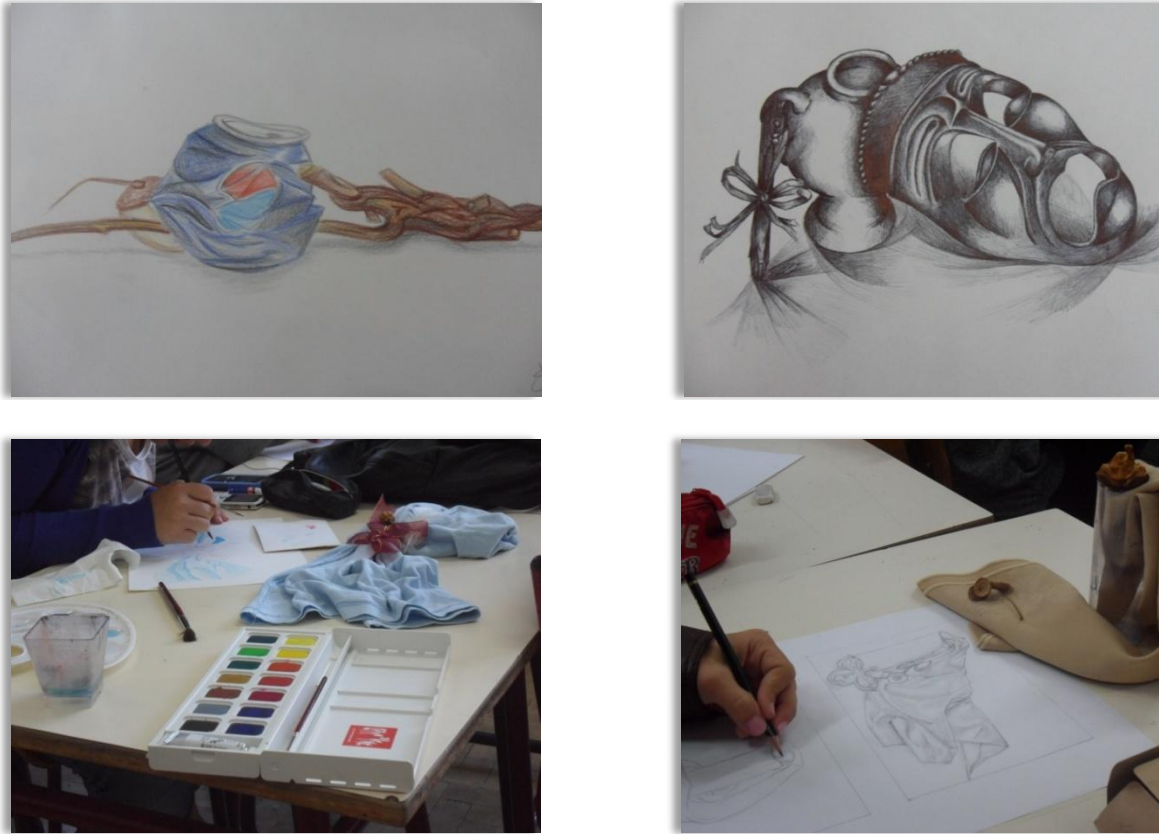


Figura 13 - Alguns resultados – Alínea d) Composição.

No início da aula nº 35, no dia 12/12/2011, os alunos apresentaram os trabalhos de pesquisa à turma, aleatoriamente. Seguidamente passaram à interpretação de uma composição plástica segundo dois artistas ou dois movimentos da história da arte. A professora cooperante orientou os alunos para o Barroco ou o Impressionismo, através de uma exposição de obras de Caravaggio e George La Tour ou ainda de Monet Manet ou Renoir.

Esta contextualização da atividade fundamentada na História da Arte e na obra de artistas especificamente significativos em determinados períodos, por meio da visualização de filmes e livros, tem como finalidade criar empatia e entusiasmo nos alunos. A interpretação corresponde ao penúltimo ponto da 2ª fase da proposta da natureza-morta e foi terminada e entregue na aula nº 36, no dia 15/12/2011.

Uma vez que esta unidade de trabalho era extensa, os alunos não conseguiram concluir o último ponto da proposta, que correspondia a uma pintura sobre tela, a acrílico ou a óleo, tendo ficado para concluir nas primeiras aulas do 2º Período letivo.

Na última aula do 1º Período, a aula nº 37, no dia 16/12/2011, procedeu-se à auto e hétero-avaliação.

A turma apresentava um ritmo de trabalho muito lento, mas gradualmente foi-se notando mais desenvoltura e domínio técnico.

Era notável a escassez de conhecimentos de história da arte, devido ao fato de não terem História da Cultura e das Artes como disciplina obrigatória no curso em questão. Portanto, foi imprescindível contextualizar, exemplificar, mostrar referências ao longo da história da arte, de artistas, obras e correntes/caraterísticas artísticas inerentes a determinadas épocas. No entanto, apesar do nível de conhecimentos ser idêntico, existe uma grande disparidade no que concerne à resolução técnica, aquando a visualização dos resultados dos trabalhos propostos.

Denotou-se alguma falta de responsabilidade, na medida em que a maioria não faz os trabalhos de casa e raramente cumpre os prazos de entrega dos trabalhos, não mostrando qualquer preocupação em ser ou não penalizados por entregar muito tempo após a data estipulada.

2. REUNIÕES

A presença da estagiária nas diversas reuniões efetivou-se a partir do momento em que a professora cooperante abordou e questionou a presença da mesma naquelas, aos diversos docentes que dão corpo ao Conselho de Turma, e ao Grupo Disciplinar de Artes Visuais – 600, da escola. Com exceção das reuniões de Grupo que abordam temas alheios a assuntos relacionados com o Conselho Pedagógico, a presença dos professores estagiários foi permitida e muito bem aceite por todos os membros.

As reuniões de Conselho de Turma estão divididas em dois tipos: as reuniões intercalares e as reuniões de avaliação.

As intercalares acontecem ao longo do ano, sempre que se verifique a necessidade de tratar assuntos relevantes para a atividade escolar, como por exemplo: a caracterização da turma; a enunciação dos representantes dos alunos e dos encarregados de educação; a marcação dos testes das diferentes disciplinas e, ainda, de tantos outros assuntos que relevem importância para o processo educativo e consequentemente do sucesso escolar dos alunos.

As de avaliação, como o próprio nome indicia, são reuniões onde se abordam questões ligadas à avaliação dos alunos, às notas a atribuir em cada disciplina, aluno por aluno, e realizam-se balanços de desempenho, com os aspetos positivos e negativos por período letivo.

2.1. REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA

1ª Reunião Intercalar

DATA: 19 de outubro de 2011

HORA: 16:35

SALA: 301

DIRETOR DE TURMA: Prof. Nélio Moura (Educação Física)

SECRETÁRIA: Profª Ana Luísa Tranquada (Desenho A)

ORDEM DE TRABALHO:

- Apresentação dos professores;
- Apresentação do perfil de turma;
- Informação sobre alunos com N.E.E.;
- Informação sobre Delegado e Subdelegado de turma;
- Marcação de testes;
- Informações sobre assiduidade, comportamento e aproveitamento dos alunos.

2ª Reunião Intercalar

DATA: 23 de novembro de 2011

HORA: 16:35

SALA: Gabinete de Geografia

DIRETOR DE TURMA: Prof. Nélio Moura (Educação Física)

SECRETÁRIA: Profª Ana Luísa Tranquada (Desenho A)

ORDEM DE TRABALHO:

- Ajustamento/adequação da avaliação do aluno com NEE;
- Aprovação do Projeto Educativo Individual (PEI).

1ª Reunião de Avaliação

DATA: 20 de dezembro de 2011

HORA: 08:00

SALA: 207

DIRETOR DE TURMA: Prof. Nélio Moura (Educação Física)

SECRETÁRIA: Prof^ª Ana Luísa Tranquada (Desenho A)

ORDEM DE TRABALHO:

- Balanço das faltas dos alunos;
- Comportamentos dos alunos;
- Aproveitamento dos alunos;
- Avaliação 1º Período.

2.2. REUNIÕES DE GRUPO DISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS – 600

1ª Reunião

DATA: 07 de dezembro de 2011

HORA: 13:15

SALA: 112

DELEGADA DE GRUPO: Prof^ª Teresa Vasconcelos

ORDEM DE TRABALHO:

- Informações do Conselho Pedagógico;
- Critérios de Avaliação;
- Plano Anual de Escola;
- Outras Informações.

CAPÍTULO II

2º PERÍODO LETIVO

Terminada a interrupção letiva reservada para as comemorações natalícias, iniciaram-se as aulas do 2º período letivo no dia 5 de janeiro de 2012. Nesta fase da iniciação à prática pedagógica, a professora estagiária esteve inicialmente a acompanhar/coadjuvar as aulas ministradas pela professora cooperante e posteriormente, no início do mês de março, introduziu a sua unidade de trabalho à turma de estágio.

Tal como acontecia no 1º período, havia reuniões semanais com a finalidade de planificar aulas/unidades de trabalho a desenvolver, bem como, para a elaboração das grelhas e critérios de avaliação próprias de cada unidade.

1. AULAS COADJUVADAS

Na primeira aula do 2º período (aula nº 38) no dia 05/01/2012 os alunos retomaram a ficha de trabalho que estavam a realizar no final do período transato. Tinham concluído o ponto três da 2ª fase da proposta e que consistia na execução de estudos de uma Natureza Morta, tendo como base obras ou artistas de referência na história da arte. Nesta aula, iniciaram o último ponto da proposta (3.1.): a execução de uma pintura de Natureza Morta a acrílico ou a óleo sobre tela partindo das soluções apresentadas ao ponto anterior. Estes trabalhos tiveram continuidade nas cinco aulas seguintes, dos dias 06/01/2012, 09/01/2012, 12/01/2012, 13/01/2012 e 16/01/2012. Nesta última aula, alguns alunos começaram a concluir as suas pinturas.



Figura 14 - A aluna Ana Isabel a pintar a sua Natureza Morta - Fase Inicial.



Figura 15 - Fase inicial da pintura a óleo s/tela da aluna Mariana Teixeira.



Figura 16 - Pintura a óleo s/tela do aluno João Silva - Fase Final.



Figura 17 - Pintura a acrílico s/tela da aluna Ana Isabel - Fase Final.

Da aula nº 44 do dia 19/01/2012 até à aula nº 57 do dia 17/02/2012 a professora estagiária não esteve presente por motivos profissionais. Durante o tempo de ausência da estagiária os alunos estiveram a realizar um cartaz publicitário de divulgação do XX Festival de Teatro Regional Escolar Carlos Varela, sob orientação do professor estagiário Fábio Gouveia, que por motivos de ausência da professora cooperante teve que lecionar as aulas relativas a esta proposta de trabalho. Foi iniciada no dia 16/02/2012 na aula nº 56, uma nova proposta de trabalho que se resumia na resolução de um exercício de dripping¹⁷ sobre papel A3, com as cores primárias e as cores

¹⁷ Ver Anexo XII – Proposta de Trabalho | Pintura Gestual – *Dripping*.

neutras, após a leitura de um texto sobre o processo de trabalho de Pollock¹⁸ e visionamento de um pequeno vídeo sobre a técnica de *dripping*, de Jackson Pollock¹⁹.

No dia 23/02/2012, na aula nº 58 a professora estagiária estava de volta ao estágio. Nesta aula, os alunos estavam a criar uma máscara ou *passpartout* com formas geométricas sequenciais, através da exploração da sucessão de Fibonacci²⁰. A ordem e o caos estavam presentes nas diversas composições.



Figura 18 - A aluna Laura Alves a executar um *dripping*.



Figura 19 - A aluna Margarida Coelho a executar um *dripping*.

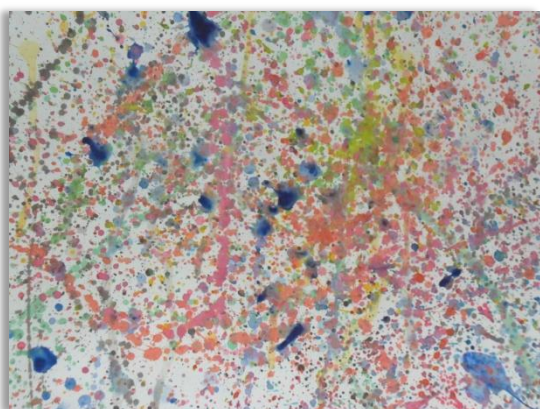


Figura 20 - *Dripping* da aluna Ana Isabel – estudo.



Figura 21 - *Dripping* do aluno Valter Jesus.

¹⁸ Ver Anexo XIII – Texto “O Processo de Trabalho de Pollock”.

¹⁹ Video “jackson pollock dripping” localizado no *youtube*:
<http://www.youtube.com/watch?v=JXOw0uTY1kQ>.

²⁰ Ver Anexo XIV – Texto “A sucessão de Fibonacci”.



Figura 22 - Aluna Ana Isabel a fazer a máscara para o *dripping*.



Figura 23- Aluna Margarida Coelho a fazer a máscara para o *dripping*.

Para a aula nº 59 do dia 24/02/2012 estava programada uma atividade interdisciplinar com a disciplina de Educação Física: uma visita de estudo ao Jardim Botânico, onde para além da caminhada efetuada ao longo do jardim, os alunos realizaram vários registos gráficos no diário gráfico com elementos pertencentes àquele *habitat* natural.

Nas aulas nº 60 e 61, no dia 27/02/2012 e no dia 01/03/2012 os alunos concluíram os cortes de um *passpartout*, de uma máscara ou moldura para os trabalhos de *dripping*, já executados.

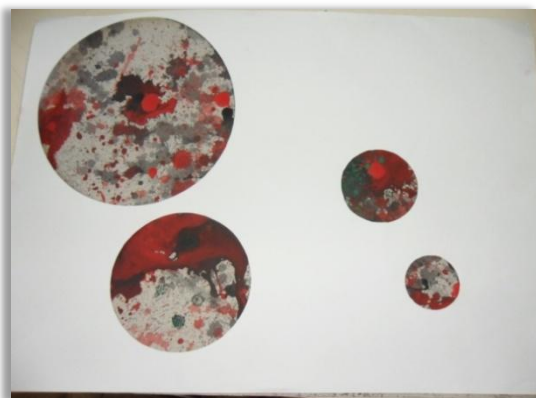


Figura 24 - *Dripping* com máscara concluída do aluno Valter Jesus.

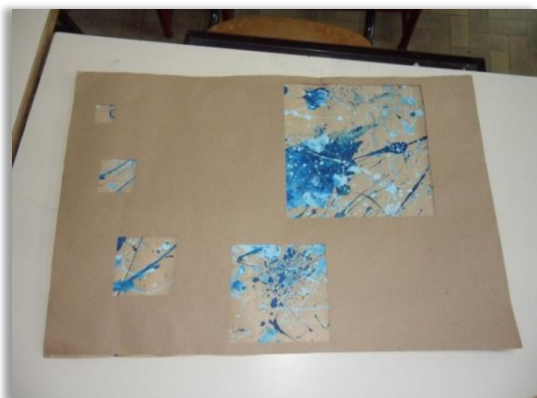


Figura 25 - *Dripping* com máscara concluída da aluna Margarida Coelho.

2. AULAS MINISTRADAS PELA ESTAGIÁRIA

A fim de trabalhar a relação texto-imagem ao longo da sua prática pedagógica, a professora estagiária elaborou uma revisão bibliográfica, quer de conceitos, quer de momentos e autores que surgem na história da arte, de forma a conseguir obter um melhor resultado da sua prática. Baseou-se em teorias relacionadas com o funcionamento e a relação entre grupos, e métodos de ensino para fundamentar e justificar certas posições que tomou. A sua principal preocupação, enquanto professora estagiária, não era simplesmente “dar a matéria” (conteúdo programático), mas sim ajudar os alunos a estarem em aula e saberem interagir num meio social, respeitando o outro pois "A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro" (Spencer citado por Leite, s/d, para.2).

2.1. INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2.1.3. A TIPOGRAFIA E SUAS DIFERENTES APLICAÇÕES

A tipografia não é apenas uma linguagem, seja ela manuscrita, impressa, ou projetada num monitor de computador. Ela pode assumir diversos destinos para além do mais comum, o texto, onde tem que respeitar os diversos critérios ergonómicos na sua apresentação, nomeadamente: a visibilidade, a legibilidade, a conspicuidade, as aplicações, os arranjos gráficos. Os métodos de pesquisa e ainda a classificação (Bacelar, 2001, pp.13-19).

Enquanto **código**, a tipografia permite a comunicação, a troca de mensagens entre um emissor e um recetor. Fidalgo citado por Bacelar apresenta-nos a sua definição de código:

Código significa antes de mais organização de um conjunto de elementos. Quando se aplica o termo de código à língua é justamente no sentido de organização dos signos que a compõem, de ser um todo organizado, com regras sobre como os signos significam, como se associam entre eles e como se usam (Fidalgo, 1999, p.8 citado por Bacelar, 2001, p.25).

Associada à tipografia, aquando apresentada em forma de **texto**, está a fonética que se socorre de diversos recursos que representam o texto a discursar. São estes: *o tempo, a pausa e a ênfase* que o orador atribui no momento da leitura. Apesar de não se pretender estudar a tipografia enquanto instrumento de materialização de um discurso/texto, os recursos acima descritos são de extrema importância no campo gráfico (*design* gráfico, *design* de comunicação, etc.) (Bacelar, 2001, p. 27).

Se pensarmos na forma em como estes recursos são aplicados nas diversas áreas do *design*, através da tipografia, da anatomia da própria letra, dos signos, e da cor atribuída, a **comunicação escrita e visual** concretiza-se de um modo mais ou menos eficiente, possibilitando deste modo, uma maior facilidade na descodificação e interpretação da mensagem por parte do recetor. A comunicação é um dos principais processos de socialização que permite uma melhor relação entre indivíduos.

A capacidade de deixar testemunhas, de invocar coisas, ideias, experiências e deixá-las gravadas nos mais diferentes e variados suportes físicos é sem dúvida o que consegue distinguir o Homem das demais espécies animais. Por intermédio destes manuscritos, a cultura perdura ao longo dos tempos e a sociedade evolui, dando continuidade a experiências anteriores, melhorando-as, permitindo a sua sobrevivência e a construção do seu desenvolvimento (Bacelar, 2001, pp. 29-33).

2.1.4. A ANATOMIA DA LETRA

A anatomia da letra, com a evolução dos suportes e materiais, foi-se modificando. A forma original foi adotando novas características e uma maior simplificação nos traços. As fontes tipográficas são classificadas em cinco grupos básicos: as **com serifas**, as **sem serifas**, as **cursivas**, as fontes **dingbats**, que aparecem em forma de figuras, símbolos e caracteres especiais (como chineses e japoneses) ao

digitar numa letra. Existem ainda as tipografias mais **decorativas**, que geralmente são caracterizadas pela excessiva ornamentação e que são utilizadas na maioria das vezes para a criação de identidades únicas. A anatomia é o termo usado para apontar os diferentes elementos que compõem a letra, nomeadamente a linha de base, a linha central, se se trata de uma letra de caixa baixa ou de caixa alta, a cabeça, a barriga, a trave, entre outros muitos e distintos elementos, e as relações que se estabelecem entre si (das letras).



Figura 26 - Ilustração sobre os diversos elementos da anatomia da letra.

2.1.5. POESIA VISUAL

A Poesia Visual pode ser entendida como uma nova linguagem, onde a interação entre a escrita e o desenho ganha uma função expressiva muito forte. Esta atinge o seu apogeu na segunda metade do século XX, ao apoderar-se da linguagem alfabética como matéria-prima, e trabalhando a potencialidade criativa da semântica. E. M. de Melo e Castro, escreve acerca desta nova inversão concetual da escrita poética e da sua rutura com o passado:

Esta «ruptura de 60» pode dizer-se que consistiu numa mudança radical da posição do poeta perante os seus instrumentos de trabalho: a escrita, a linguagem. A poesia não é agora mais instrumento, nem retórico nem ideológico nem moral. A poesia, por outro lado, não é mais sentimento nem sentimentalismo. A poesia não narra, não serve, nem é mais discursiva. A poesia substantiva-se. É uma operação linguística que tem como

meio e como objectivo a sua própria renovação (Melo e Castro, 1980, p.75 citado por Ceccucci, 2009, pp.31-32).

Outra escritora, e artista desta manifestação visual, é a Ana Hatherly que, em consonância com o Melo e Castro, reforça a ideia da “libertação” da escrita da sua função primordial e tradicional:

[...] No nosso século, a Poesia Visual, quando surge pelo intermédio da Poesia Concreta, o que ela propõe não é uma solução de continuidade ou de metamorfose de tendências do passado: muito pelo contrário representa uma posição de ruptura (Hatherly, 1989, p.3 citada por Ceccucci, 2009, p.31).

E. M. de Melo e Castro citado por Vasconcelos define a poesia visual como sendo uma “linguagem visual e concreta (não abstracta) que se encontra para além das línguas, dos idiomas e das circunstâncias limitativas, sejam de que ordens forem” (2010, p.24). Menciona ainda, a importância de conhecer e perceber as origens deste momento artístico e literário. Para tal, Melo e Castro sugere uma classificação dos diferentes tipos de poesia visual, que se fazem corresponder às diversas transformações poéticas: poesia visual; poesia auditiva; poesia táctil; poesia respiratória; poesia linguística; poesia conceitual e matemática; poesia sinestésica, e ainda poesia espacial (Vasconcelos, 2010, p. 25).

O século XX e todas as suas vanguardas artísticas, despoletadas por todos os avanços técnico-científicos de uma Era industrial, trouxe enfim a liberdade formal à letra (caracter) e a consequente “revolução tipográfica”.

É com a experimentação gráfica presente nos movimentos artísticos vanguardistas que a escrita toma um novo rumo, o desprendimento das regras comunicacionais tradicionais que a transporta para o que daí em diante será chamado de Poesia Concreta. A potencialização da escrita é então amplificada, através da interação e disposição de formas no espaço, agora partilhado com uma linguagem escrita que redireciona ou reforça a significação do objeto representado (Bacelar, 2001, pp.1-5).

A organização textual regrada em horizontais bem delineadas distribuídas em colunas, é abandonada procurando “[...]veicular vários sentidos através dum único texto, seja através da disposição gráfica, da manipulação fonética ou ainda da própria escrita e dos sentidos que esta possa insinuar” (Bacelar, 2001, p.9).

2.1.6. POESIA CONCRETA E POESIA EXPERIMENTAL

Acompanhando o desenvolvimento suscitado por todo o avanço tecno-industrial do século XX, que permitiu novas perspectivas nas mais diversas áreas do saber, a literatura influenciada pelos meios de comunicação de massa, especialmente da publicidade, sofre uma transformação de carácter não só semântico como também sintático, caracterizando-se pelas mensagens curtas e ritmadas que albergam os três níveis semióticos: o verbal, o sonoro e o visual (Sales, s/d, pp.1-2). Esta nova forma de “escrita”, denominada de Poesia Concreta caracteriza-se pela iconicidade da letra, pela valorização da palavra enquanto signo e pela usurpação do espaço, que “[...]adquire fundamental importância já que o poema se torna um acontecimento visual” (Sales, s/d p.2). “A poesia concreta apresenta, como uma das suas características mais distintivas, a sua atenção ao formato visual do texto” (Bacelar, 2001, p.23), dos quais os arranjos tipográficos revelam o verdadeiro poder de significação, enquanto, que as emoções são completamente suprimidas.

Esta valorização do espaço enquanto estrutura para o “poema” quebra as amarras seculares do verso. Enquanto “unidade rítmica formal” (Bacelar, 2001, p.24) o poema concreto é em si mesmo estrutura e conteúdo, apresentando e representando-se a si mesmo num mesmo espaço, num mesmo momento.

Em Portugal, perante as condicionantes de uma política conservadora, a Poesia Concreta assenta no carácter experimental, tornando-se contestatária e denunciadora da inadequação literária da época, passando a denominar-se de Poesia Experimental. Reforça-se nas teorias da “comunicação dos anos 60 [...] verificando-se nos seus autores um conhecimento profundo da teoria da informação, da semiótica, ou do estruturalismo” impressionando “pela utilização criativa da tipografia, e da publicidade”. Caracteriza-se ainda pela oposição “ao sentimentalismo” da poesia em geral e pela rejeição da “rigidez métrica e da rima” (Torres, s/d, pp.1-2).

2.1.7. ARTISTAS PORTUGUESES

Ao longo da prática pedagógica aquando a introdução da unidade de trabalho onde se explorou a relação texto-imagem, foram apresentados alguns exemplos de nomes que marcam o panorama artístico da atualidade, evidenciando alguns artistas plásticos portugueses que, na década de 60, aliaram nas suas obras a palavra e a imagem – Poesia Visual, Poesia Concreta e Experimental – nomeadamente Ana Hatherly, António Aragão e Ernesto de Melo e Castro .

2.1.5.1. ANA HATHERLY

Tradutora, ensaísta e romancista, é contudo a nível poético que o seu nome será mais enfatizado. É considerada uma das principais artistas da vanguarda portuguesa, e é também o nome primordial da Poesia Experimental em Portugal, já que o primeiro artigo publicado em solo português sobre Poesia Concreta é de sua autoria (Torres, s/d, p.1), é sem dúvida, uma das basilares teorizadoras da Poesia Experimental Portuguesa. O seu trabalho nesta área “[...] propõe o desvanecimento das fronteiras entre a intervenção plástica e a expressão poética.” (Vasconcelos, 2010, p.30) é esse jogo entre a caligrafia e a forma que torna a sua obra ambígua quanto aos limites do texto e do desenho, embora Vasconcelos caracterize esse procedimento como parte integrante do processo criativo da artista.

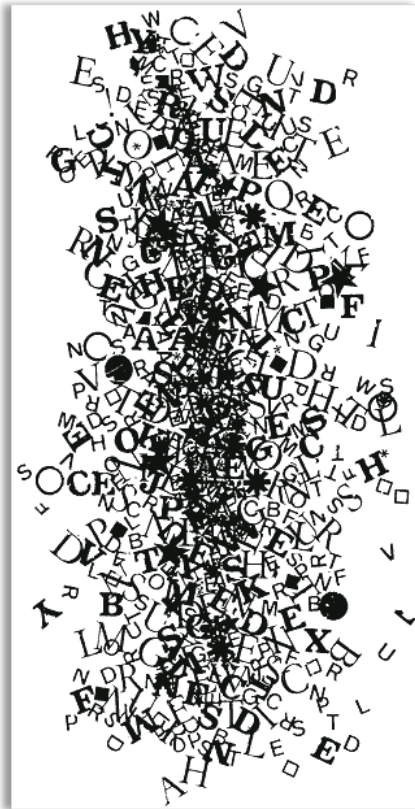


Figura 27 - Poema da série *O Escritor* de Ana Hatherly.

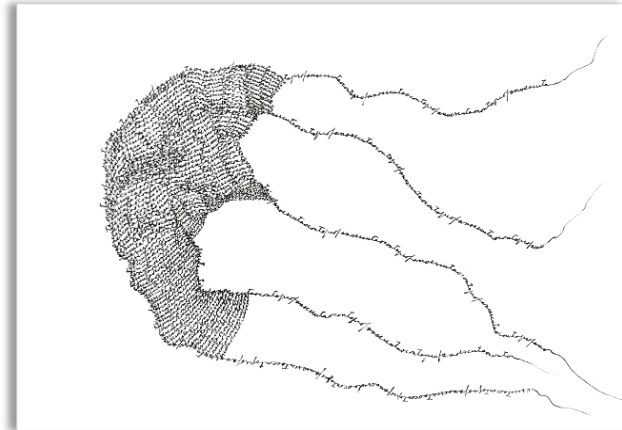


Figura 28 - *Escuta o conto profano* de Ana Hatherly, 1998.

Na sua obra *o escritor* (Figura 27) é notória a dificuldade em encontrar um limite, um início e um fim para o que é poema e o que é desenho. Ao analisarmos o título atribuído pela artista, e se pensarmos que um escritor é um indivíduo que por norma redige um texto que se apresenta dentro do campo literário e do contexto linguístico de modo legível, este nada tem a ver com o apresentado/ilustrado pela mesma. O que se presencia, nesta obra é uma fragmentação dos elementos constituintes da escrita, através das manchas/formas abstratas obtidas com as sucessivas sobreposições de letras que assumem tamanhos e intensidades diversas.

Na obra *escuta o conto profano* (Figura 28), ao contrário do que acontecia no exemplo anterior, é possível entender uma forma. Este trabalho é um exemplo da fusão entre o *ikon* e o *logos*, onde Hatherly se apropriou das palavras e aplicou-as como linhas, e da repetição como preenchimento, que dão origem a uma forma concreta, a uma imagem (Bacelar, 2001, p.3).

2.1.5.2. ANTÓNIO ARAGÃO

Artista plástico, historiador e escritor, o poeta António Aragão é um dos maiores nomes da cultura portuguesa, muito porque trouxe para o campo artístico técnicas e ferramentas como “a electrografia, a fotocópia e o texto-imagem-colagem” (Vasconcelos, 2010, p.33). É através das técnicas que utiliza que transforma o espaço “em componente do sistema” (Vasconcelos, 2010, p.34) que juntando ao “texto com tipos de fontes e tamanhos diversos [...] promove à partida uma leitura aleatória” (Vasconcelos, 2010, p.35).

As incontáveis combinações visuais que os seus trabalhos possibilitam, apresentam novas semânticas à linguagem escrita, conferindo novas significações e valorizações constantemente alteráveis sempre dentro do mesmo trabalho, o que torna cada obra sua algo único e ao mesmo tempo diversificado.

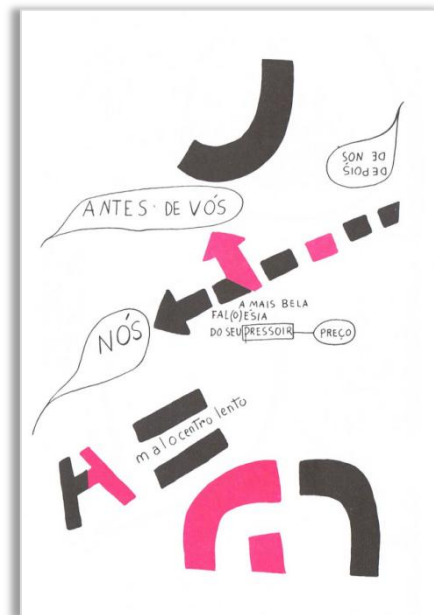


Figura 29 - Antes de vós de António Aragão, 1967.

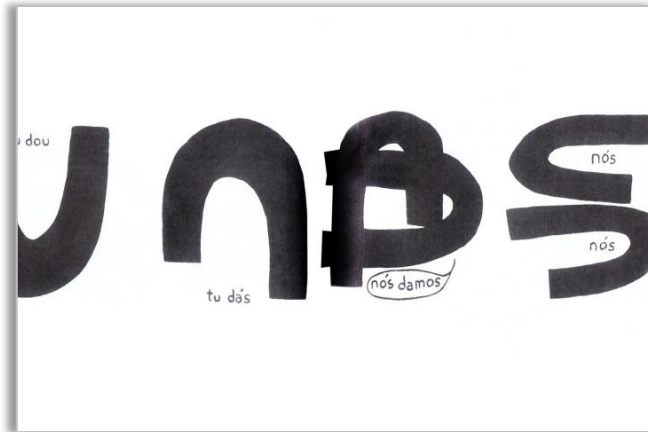


Figura 30 - Istorya – eu dou, tu dás, nós nós de António Aragão,
1968.

Nas suas obras *Antes de vós* (Figura 29) e *Istória – eu dou, tu dás, nós nós* (Figura 30), Aragão “brinca” com caracteres ou apenas pedaços de caracteres, que dão corpo a manchas densas e uniformes de cor, conjugando com alguns símbolos/ícones e com uma linguagem própria da banda desenhada (através dos balões de conversaço) e de trocadilhos.

2.1.5.3. ERNESTO DE MELO E CASTRO

Ernesto Manuel Geraldês de Melo e Castro, engenheiro têxtil, escritor, poeta experimental, crítico, ensaísta e artista plástico, defensor acérrimo de que o poema não deveria ser lido, mas sim visto, ao que se impunha a adição do som.

Desde sempre, procurou novos suportes e novas dimensões para a poesia atingindo a ação performativa. Estando ligado à engenharia e à tecnologia, e desenvolveu um processo criativo inédito em Portugal, a vídeopoesia, passando deste para o infopoema. Segundo Vasconcelos (2010, p.39) “a sua exploração da prática poética nos novos caminhos digitais, procura trabalhar o movimento, a transformação das formas e, conseqüentemente os significados, tanto em dimensões virtuais, dos bits e dos pixéis.”



Figura 31 - Transparência – Coleção Ideogramas de E.M. de Melo e Castro, 1964.

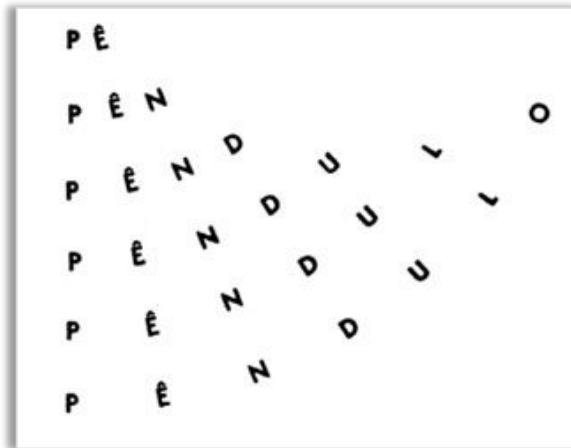


Figura 32 - Pêndulo de E.M. de Melo e Castro, 1961.

Na obra *Transparência – Coleção Ideogramas* (Figura 31) e na obra *o Pêndulo* (Figura 32), as palavras assumem jogos visuais através da repetição, da sequenciação dos elementos, dando a sensação de movimento. No caso da obra *o Pêndulo* ao “lermos” o poema é como se sentíssemos e ouvíssemos o som característico do movimento. Já no caso da *Transparência* a disposição no espaço aberto de caracteres formam quase uma trajetória no ar, “jogando” com os diferentes tamanhos de letras para dar profundidade, e com a rotação para dar movimento e sonoridade.

2.1.8. PSICOLOGIA E SIMBOLOGIA DA COR

Quando se fala em psicologia das cores a tendência é a confundir-se com o seu significado, pois estão intensamente interligadas. A cada cor podem ser atribuídos diversos significados, dependendo do contexto em que a cor é aplicada, do que é pretendido transmitir (caso dos anúncios publicitários, onde a cor está diretamente ligada à mensagem que se pretende passar) e da influência cultural. Tomemos como exemplo, um caso clássico, a cor que está associada à morte. Para nós o preto é a cor que mais se relaciona com a morte, por ser uma cor intensa, pesada, que acarreta um sentimento negativo e triste, mas para os orientais a cor que simboliza a morte é o branco. Se formos a pensar bem, o preto e o branco nada tem a ver uma com a outra, no entanto ambas simbolizam a morte, ou seja, o que muda é a forma como cada civilização encara a morte.

A verdade é que as cores influenciam e caracterizam psicologicamente os indivíduos das mais variadas maneiras, despertam emoções e ficam mais facilmente retidas numa memória visual, do que propriamente a forma atribuída ao objeto observado. Por isso é fundamental que na área do *design* de publicidade, e de comunicação exista um especial cuidado na seleção da cor a aplicar nos trabalhos, pois podem despertar reações divergentes.

Ao longo da história da psicologia experimental, foram inúmeros os testes realizados para investigar a personalidade do indivíduo, uns ligados às palavras, como os testes desenvolvidos por Jung²¹, outros ligados ao desenho ou à cor (manchas de tinta) como é o caso do psicodiagnóstico (teste de Rorschach) desenvolvido pelo Hermann Rorschach, com o intuito de aferir mecanismos de construção da realidade (Aguar, 2004, pp.6-7).

²¹ Carl Jung foi um psiquiatra suíço que ficou conhecido como fundador da psicologia analítica, também conhecida por psicologia junguiana. Esta difere da psicanálise desenvolvida por Freud, justamente pela introdução de novos conceitos (inconsciente coletivo, sincronidade e individuação) e pela noção mais vasta da libido.

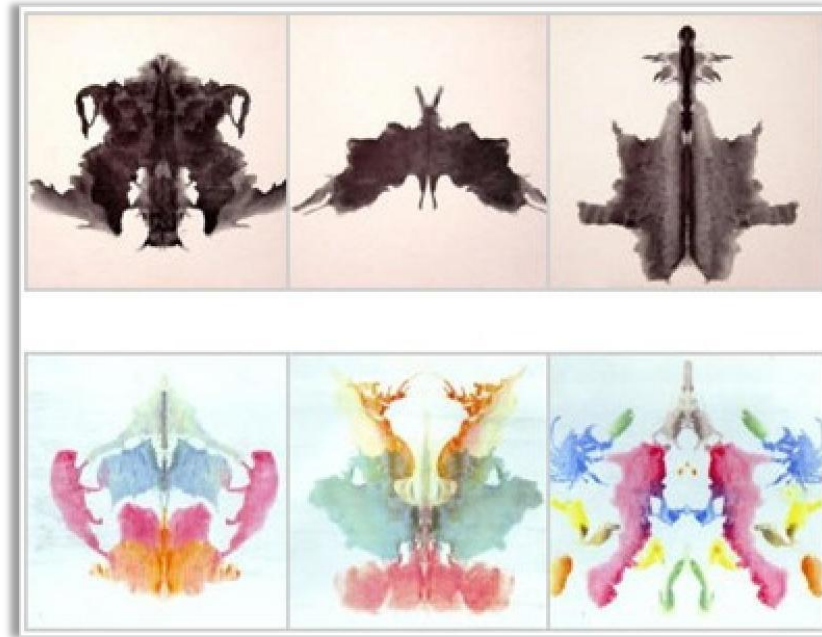


Figura 33 - Teste de Hermann Rorschach que desenvolveu as manchas de tinta.

Outro teste projetivo que recorre à cor para que, através de uma resolução fácil, o examinando sintá-se mais confortável, reduzindo o nível de ansiedade e acabe por falar de determinados assuntos é o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, que foi desenvolvido por Marx Pfister durante a década de 40 do século XX. Este teste, ao contrário do Teste de Rorschach que trabalhava com 10 pranchas diferentes, algumas delas com borrões coloridos, e outras simplesmente pretas ou brancas, é composto por uma única folha padrão com três pirâmides e 15 quadrados vazios, a serem preenchidos com outros quadrados coloridos. Estes quadrados coloridos tinham 24 tonalidades que surgiam tendo por base 10 cores fundamentais: o azul, o vermelho, o verde, o violeta, o laranja, o amarelo, o castanho, o preto, o branco e o cinza.



Figura 34 - Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.

Logo, podemos verificar que através da cor, da sua simbologia e da própria psicologia, é possível caracterizar psicologicamente um indivíduo, a sua personalidade e identidade. Contudo, é importante referir que somos seres únicos e como tal só é possível prever as nossas reações e atitudes mas nunca tomá-las como certas.

2.2. PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO

Após a observação dos resultados obtidos, da análise efetuada às formas e metodologias de trabalho adotadas pela turma de estágio até a data de introdução da Unidade de Trabalho desenvolvida pela professora estagiária, esta optou por orientar-se por manuscritos de autores como Lairese e Ruskin sobre os métodos do ensino do desenho e a forma como este era aplicado e transmitido aos alunos em contextos de sala de aula.

As propostas de trabalho anteriormente apresentadas eram demasiado extensas, atendendo a que o ritmo de trabalho e, conseqüentemente, a produtividade dos alunos eram médios/fracos e desinteressavam-se muito rapidamente das temáticas e do trabalho a fazer.

Neste contexto, Ruskin acha de extrema importância que a aprendizagem seja feita de um modo progressivo e gradual, ou seja, o professor deverá transmitir os conteúdos gradualmente de modo a que estes retenham mais informação e ao mesmo tempo aplicando os conhecimentos anteriormente adquiridos em propostas seguintes (2006, p.13).

Tal como Ruskin, Lairesse também defende a ideia de que não se devem pintar muitas coisas de uma só vez, que é preferível começar por coisas/objetos mais simples, mais fáceis e depois, a pouco e pouco, iniciar o desenho das mais complexas. De igual modo, o ensino/aprendizagem do desenho, para Edwards, deve realizar-se em etapas, uma etapa, um passo de cada vez para o principiante.

Adotando esta metodologia de ensino/aprendizagem a professora estagiária elaborou a planificação da Unidade de Trabalho de forma sequencial, havendo diversas fases que culminam numa maior e eficaz consolidação de conhecimento.

No início da Unidade a professora estagiária preparou um *PowerPoint* onde explorou todas as fases da Unidade de Trabalho, bem como o que era pretendido que os alunos atingissem, tal como aptidões e resultados, e ainda datas de entrega. Mostrou diversos exemplos, contextualizando-os na História da Arte, de forma a que entendessem bem o pretendido e as inúmeras formas de aplicar os conteúdos, obtendo resultados visualmente/plasticamente distintos uns dos outros, mas respeitando sempre as diretrizes da proposta.

Outro aspeto a ter em consideração pela estagiária, foi o clima desconfortável que se vivenciava no seio daquela turma, pois havia dois grupos “rivais”, apesar de terem objetivos comuns, neste caso, passar à disciplina com a melhor nota possível. Para inverter este conflito, e em cooperação grupal, a estagiária baseou-se nas experiências desenvolvidas, na década de 60, pelo psicólogo turco Muzafer Sherif, com o objetivo de estudar os conflitos de grupos.

Algumas das palavras que refletem sobre a definição de conflito são: desacordo, desaprovação, dissensão, desentendimento, incongruência, discordância, inconsistência, oposição. Poderemos constatar que em vários aspetos e experiências pessoais o conflito está sempre presente nas diversas vertentes do dia-a-dia a nível individual e sociocultural. O conflito poderá ser interno, externo ou intergrupalo, no entanto para o

estudo em análise vamos nos focar no conflito intergrupar, que envolve indivíduos onde existem tendências ou interesses incompatíveis.

Segundo a experiência de Muzafer Sherif, na experimentação acerca do conflito existem quatro fases. Numa primeira fase foram propostos projetos onde se pedia a cooperação dentro de dois grupos. Numa segunda fase os dois grupos foram confrontados, e em que o nível de competição foi crescendo, verificando-se uma forte rivalidade entre ambos. Numa terceira fase os investigadores encontraram atividades que levaram os rapazes a se unirem, o que levou a um maior conflito ao invés de cooperação. Numa quarta fase foram introduzidos objetivos superordenados que só podiam ser realizados se os grupos se ajudassem entre ambos. O desenvolvimento desta atividade resultou na união dos dois grupos num só, que deu origem a novas amizades.

Algumas experiências demonstraram que nem sempre um simples contacto entre grupos que se mostram rivais é o suficiente para chegarem a um entendimento. Uma interação que possa envolver a cooperação e entajuda tem uma maior possibilidade de sucesso para ultrapassar os conflitos, é necessária a colaboração entre todos de modo a atingir um objetivo comum.

Poderemos afirmar que só existe conflito se houver algum tipo de relação entre os indivíduos, pois se não há qualquer tipo de envolvimento relacional não haverá de modo algum qualquer conflito. A insatisfação é a característica que gere os conflitos e que pode ter como origem a divergência de interesses, a competição, a incompatibilidade de objetivos, a partilha de recursos em escassez, pontos de vista diversos, entre outros.

A avaliação das situações de conflito entre dois grupos: o endogrupo (grupo a que se pertence) como bom e o exogrupo (grupo a que não se pertence) como mau grupo.

Um dos aspetos intergrupais tido em conta é o reforço da identidade, o “nós” (endogrupo) e o “vós” (exogrupo), tendendo cada indivíduo ver o seu próprio grupo como melhor do que qualquer outro, aumentando assim a união do endogrupo e rejeição do exogrupo, podendo mesmo chegar ao ponto de surgirem preconceitos e mesmo discriminação.

O conflito poderá assim aumentar ou diminuir conforme as relações que possam advir do interior do próprio grupo ou mesmo entre grupos. A mediação do conflito é uma forma de resolução, através de um mediador, que é uma parte neutra em relação à situação, e que ajuda a formular hipóteses de resposta para uma solução ou várias soluções, quando entre os grupos parece já não haver entendimento.

Quando o conflito passa para o processo de negociação, quer dizer que os grupos começam a chegar a acordo voluntariamente, em diferentes aspetos do processo, de forma a não passarem a um confronto mais direto, e onde ocorrem cedências de ambas as partes para um objetivo comum.

Aqui a professora estagiária, assumindo conscientemente o papel de mediadora, aplicou à turma aquela que foi a quarta experiência desenvolvida por Muzafer Sherif, ao fazer com que os dois grupos “rivais” trabalhassem conjuntamente para obter resultados positivos na disciplina de Desenho A, e não deixou que escolhessem com quem queriam trabalhar, mas sim sorteando os nomes entre os dois turnos de trabalho, que se faziam corresponder, por conseguinte, aos dois grupos “rivais”.

Ambos os grupos partilhavam do mesmo objetivo desde início, mas por razões de cariz discriminatório, muito devido a questões socioeconómicas dos elementos constituintes, entravam sempre em conflito. O intuito era o de conhecer melhor o colega que pertencia ao grupo “rival” e perceber que não deixa de ser um indivíduo portador de uma singularidade, tal como ele (a personalidade, identidade). Essa descoberta de um novo “tu” tinha que se refletir ao longo da 2ª fase da proposta de trabalho, ao recorrer à palavra, à tipografia e à cor para descrever o colega, o seu perfil psicológico e comportamental.

Se pensarmos que, tal como cada civilização criou a sua tipografia, caracterizando-a de determinada maneira, esta acarreta alguma identidade dessa cultura. Da mesma forma, os tipos de letra podem, através da sua morfologia, da sua simplificação e/ou complexidade gráfica (pela verticalidade ou horizontalidade muito ou pouco pronunciada, pela forma sinuosa, pelas ramificações, etc.) caracterizar um indivíduo, uma pessoa.

SÚMULA DA PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO

Unidade Didática: Infografia – A palavra e a imagem – Poesia Visual

Proposta de atividade em sala de aula: Poesia Visual/ Desenho com vetores / Manipulação das letras e das palavras/ Ajustar um texto a uma linha/ Texto e formas gráficas/ Tramas e texturas

Objetivos: Nesta atividade são propostos aos alunos vários exercícios que culminarão num retrato, em formato digital, de um dos colegas de turma, servindo-se para tal da tipografia e da cor enquanto elementos gráficos e expressivos.

Numa primeira fase da proposta, após terem sido sorteados os grupos de pares, os alunos deverão desenhar a cabeça do colega e numa sequência de cinco desenhos, simplificá-la e reduzi-la aos seus traços principais, recorrendo para isso, ao processo de simplificação por nivelamento: tal como Mondrian, durante a sua procura formal, mostrou nos seus auto-retratos, uma sucessiva simplificação nas representações.



Figura 35 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1918.



Figura 36 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1912/13.



Figura 37 - Auto Retrato – Piet Mondrian, 1942.

Numa segunda fase da proposta, os alunos terão cerca de dez minutos para poderem “conhecer-se” melhor e tentarem absorver a personalidade, algo que caracterize o colega de turma como um ser individual e único, inserido num meio social

e cultural idêntico ao seu. Passarão, assim, para a fase de representação daquilo que não é passível de ser observado a “olho nu” – o oposto do exercício anterior. Este exercício, tem como uma das suas finalidades, fazê-los pensar, sobre o Homem enquanto ser único, diferente de todos os outros e que apesar de diferentes não deixam de pertencer ao mesmo meio social.

Após esses dez minutos, passarão então à resolução de um exercício, onde terão de descrever o colega através de palavras, frases ou quadras e aplicar a tipografia, e a cor mais adequada à personalidade do retratado. O rosto passará, então, a ser desenhado por um vasto conjunto de caracteres, com diferentes tipos e tamanhos de letra, criando tramas e manchas (volume). Trabalharão três estudos tipográficos e três estudos cromáticos dos quais no final, irão selecionar um como trabalho final. Poderão manipular a letra, alterando a sua morfologia, bem como a nível cromático poderão fazer combinações, aplicar passagens de cor, tendo em consideração que deverão aplicar a cor com uma função mais simbólica, ou seja, atendendo às questões inerentes à simbologia da cor e tirando partido disso para ajudar a caracterizar ainda mais o colega de turma.

Bacelar (2001, p.29) afirma que sem a forma, os artefactos pura e simplesmente não existem, inclusive dá o exemplo de um punhado de barro que só se torna num recipiente aquando trabalhado, manuseado pelo Homem, que o transforma e lhe atribui uma forma específica, passando de algo disforme para um artefacto com significado. Menciona ainda que, posteriormente, mediante trabalhos de ornamentação, a matéria distingue-se do seu estado natural: “A matéria bruta tem de ser ornamentada, tem de receber uma forma mais ou menos complexa de modo a tornar-se um artefacto e, subsequentemente, fazer parte da herança humana de história e ambiente *construído*” (Bacelar, 2001, p.29).

Da mesma forma que se modelou e atribuiu formas diversas às diferentes matérias-primas naturais e artificiais, ao longo da história humana, assim também se podem atribuir novas formas às formas, matérias-primas digitais já existentes. Pois, “uma grande parte da história dos nossos artefactos reflete as mudanças nas relações técnicas entre os actos de ornamentação e os suportes onde são produzidos (ferramentas e *media*)” (Bacelar, 2001, p.29).

A acompanhar este processo de trabalho, entregarão ainda uma memória descritiva onde irão justificar e fundamentar todas as opções tomadas, as palavras, as cores e as tipografias aplicadas na execução do retrato digital, não esquecendo de relacionar o trabalho com o colega de turma que está a ser retratado.

2.3. RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Da aula nº 62 do dia 02/03/2012 à aula nº 71 do dia 23/03/2012, a turma do 11º 20 esteve ao cargo da professora estagiária. Todas as atividades desenvolvidas nas aulas lecionadas pela estagiária foram devidamente planificadas a longo²², a médio²³ e a curto prazo²⁴.

No início de cada aula, enquanto os alunos se acomodavam e retiravam o seu material dos armários para dar início aos trabalhos, a professora estagiária introduzia, na plataforma PLACE 21, o sumário da aula e procedia à marcação das presenças dos alunos. No final da aula, os alunos arrumavam os materiais, limpavam a sala e despediram-se.

AULA Nº 62

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	02-03-2012	8h às 13h	111	11º	20

²² Ver Apêndice IV – Planificações a Longo Prazo – 2º Período.

²³ Ver Apêndice V – Planificações a Médio Prazo – Unidade de Trabalho.

²⁴ Ver Apêndice VI – Planificações a Curto Prazo – Planos de Aula.

SUMÁRIO

Introdução a uma nova unidade de trabalho, representação do rosto humano. Desenho de um retrato de um colega de turma, partindo de um modelo "ideal" - cânone de representação humana. Indicação de alguns *sites* a consultar. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Na sua primeira aula, a professora estagiária comunicou aos alunos que iriam dar início a uma nova unidade de trabalho e que esta seria preparada, lecionada e orientada pela mesma. Ao contrário do habitual “ritual” e os alunos abrirem os armários onde guardavam o material com o qual iriam trabalhar, ao mesmo tempo que a professora escrevia no quadro o sumário, desta vez, os alunos prepararam-se para se deslocar ao auditório, que fora previamente requisitado pela estagiária com a finalidade de introduzir e explicar em que consistia a nova unidade e proposta de trabalho²⁵ e em quantas fases estava dividida por intermédio de um *powerpoint*²⁶ preparado para o efeito. Após a exposição/explanação do que era proposto desenvolverem, a professora estagiária mostrou alguns exemplos práticos de artistas que trabalharam dentro da área abordada anteriormente, a relação entre o texto/tipografia e a imagem/desenho, bem como *sites* de apoio relacionados com o cânone de representação humana – nomeadamente o rosto, e ainda apresentou-lhes vídeos²⁷ patentes no *youtube* sobre poesia concreta/poesia visual, motivando-os deste modo ao trabalho.

²⁵ Ver Apêndice VII – 1ª Proposta de Trabalho.

²⁶ Ver Apêndice VIII – *powerpoint* de apresentação da proposta de trabalho.

²⁷ Vídeo “Cinco Poemas Concretos” localizado no *youtube*:

<http://www.youtube.com/watch?v=yC3e7rmSYM4> e o vídeo “Poesía Visual” localizado no *youtube*:
<http://www.youtube.com/watch?v=V3ap3IFMA7Y&feature=related>.

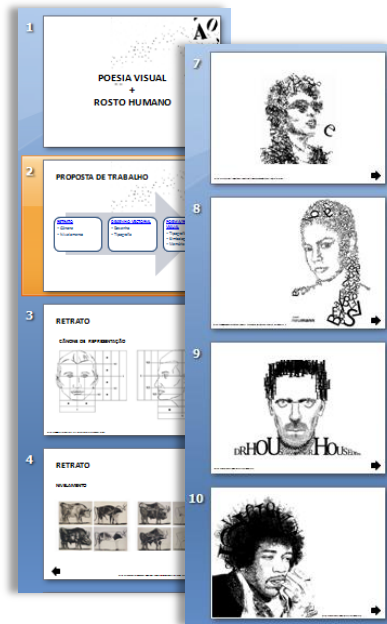


Figura 38 - Alguns slides da apresentação da unidade de trabalho.

Dada por concluída a primeira parte da aula, que foi um momento mais expositivo e de motivação, os alunos saíram para intervalo às 9h30m, tendo regressado para a segunda parte da aula às 9h45m na sala de aula de origem. Prosseguiu-se a aula sorteando o nome do colega que cada aluno iria representar/retratar, escrevendo o nome dos diversos alunos em pequenos pedaços de papel que foram dobrados e baralhados, para depois cada aluno tirar um papel com o nome da pessoa a retratar. O resultado do sorteio para o 1º turno apresenta-se no quadro abaixo:

ALUNO	QUEM VAI RETRATAR
Ana Luísa	Ana Isabel
Margarida Coelho	Ana Luísa
Mafalda Teixeira	Dinis Camacho
Ana Isabel	Margarida Coelho
Cláudia Passos	Laura Alves
Laura Alves	Mafalda Teixeira
Dinis Camacho	Cláudia Passos

Tabela 9 - Tabela ilustrativa dos elementos a retratar, do primeiro turno.

Posteriormente, deram início aos desenhos de retrato servindo-se da base canónica do rosto, apresentada na fase inicial da aula, pousando alternadamente de vinte em vinte minutos, de modo a que todos pudessem ter o mesmo tempo para resolução dos exercícios propostos.



Figura 39 - Alunos do segundo turno a assistir ao vídeo apresentado.



Figura 40 - Professora estagiária a apresentar um *powerpoint* sobre a unidade.



Figura 41 - Aluna Ana Isabel a retratar a colega Margarida Coelho.

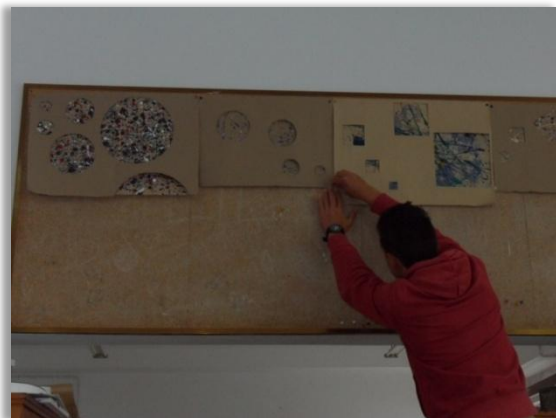


Figura 42 - Aluno Dinis Camacho a afixar os trabalhos desenvolvidos na unidade anterior.

Já no final da aula, os alunos de sexo masculino subiram a umas escadas para colocar em exposição, na sala de aula, os trabalhos terminados na aula de pintura gestual – *dripping*, desenvolvidos sob alçada da professora cooperante. Deu-se por terminada a aula ao 1º turno, lembrando que deveriam consultar os *sites* indicados pela professora estagiária de modo a consolidar determinados conceitos e normas inerentes ao desenho, tais como a representação do rosto humano (retrato por meio de

observação direta), e ainda o material necessário para o bom decorrer do trabalho proposto. Os alunos saíram às 10h30m, hora em que entraram os alunos do 2º turno.

A professora estagiária deu início à aula do 2º turno da mesma maneira que iniciou com os alunos do turno anterior. No entanto, o trajeto planificado e já executado anteriormente não pode ser concretizado pela mesma ordem de trabalhos, tendo em conta que era o último dia para os alunos procederem às inscrições para os exames a realizar nas diversas disciplinas, muitos chegaram tarde à aula pois estavam na fila para serem atendidos na secretaria da Escola. Enquanto não chegaram todos os alunos, as professoras, a estagiária e a cooperante, concordaram em dar um pouco mais de tempo aos restantes alunos para melhoramento de alguns trabalhos desenvolvidos em anteriores propostas e que careciam de algum apuramento.

Assim que se encontraram todos os alunos na sala de aula, a professora estagiária encaminhou-os para o auditório, onde procedeu desta vez à apresentação preparada para a introdução e explicação da proposta a desenvolver posteriormente e os diferentes faseamentos desta mesma atividade. Terminada a apresentação e mostra de trabalhos de outros autores, procedeu-se ao sorteio do colega a retratar da mesma forma que aconteceu com o 1º turno. O quadro abaixo ilustra os resultados do sorteio:

ALUNO	QUEM VAI RETRATAR
João Nuno	Joana Brito
Joana Brito	Simão Chaves
Simão Chaves	Laura Rodrigues
Laura Rodrigues	Mariana Teixeira
Mariana Teixeira	Beatriz Saraiva
Beatriz Saraiva	Cláudia Silva
Cláudia Silva	Sarah Oliveira
Sarah Oliveira	Valter Jesus
Valter Jesus	Laura Andrade
Laura Andrade	João Nuno

Tabela 10 - Tabela ilustrativa dos elementos a retratar, do segundo turno.

Uma vez que já faltavam poucos minutos para o término da aula, e depois de serem esclarecidas todas as dúvidas aos alunos relativamente ao trabalho a desenvolver, foram alertados para o material a trazer e a pesquisa que deveriam efetuar em casa, para uma melhor execução dos trabalhos. A professora deu por encerrada a aula, despedindo-se dos alunos e desejando-lhes um bom fim-de-semana.

A introdução de uma nova unidade de trabalho, numa aula onde a turma está dividida em dois turnos, não foi a melhor opção, tendo em conta que a professora estagiária teve que repetir a apresentação duas vezes e tirar dúvidas idênticas aos alunos nos diferentes turnos. O 1º turno saiu da aula com grande motivação para iniciar o trabalho, ao passo que o 2º turno não demonstrou tanto entusiasmo, especialmente pelo facto de o nome do colega a retratar ter sido sorteado, o que provocou algum descontentamento por parte de alguns alunos, que queriam muito desenhar o seu colega de turma favorito. A decisão tomada pela professora estagiária de sortear e não permitir que fossem os alunos a escolherem com quem queriam trabalhar, foi propositada e consciente de que iria ser motivo de “desgosto” para alguns. Mas, atendendo à falta de socialização e à discriminação entre os diversos membros da turma, era pretendido promover na sala de aula um melhor ambiente de convívio e que se conhecessem melhor, excluindo assim ideias pré-concebidas sobre a personalidade dos diferentes colegas.

AULA Nº 63

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	05-03-2012	8h às 9h30m	111	11º	20

SUMÁRIO

A relação texto-imagem. Ilustração de um texto poético.

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula, a professora estagiária, em concordância com a professora cooperante, decidiu dar aos alunos mais tempo para terminar uma proposta de trabalho que tinha sido dada pela professora cooperante na aula nº 61 no dia 01-03-2012, como proposta de recurso para os que já tinham terminado a proposta de *dripping*. Uma vez que mostraram interesse em terminar esse exercício, e por se tratar de um trabalho que acolhia a mesma temática que a unidade a trabalhar pela professora estagiária (a relação texto-imagem) foi decidido dar aos alunos esta aula, para desenvolverem e terminarem o proposto, para na aula seguinte dar continuidade à unidade de trabalho introduzida na aula anterior pela professora estagiária, não deixando assim nenhum exercício pendente.

Os alunos continuaram a desenvolver o exercício de ilustração de um dos quatro excertos dos aforismos do Livro do Desassossego de Bernardo Soares, um dos semi-heterónimos de Fernando Pessoa, apresentados:

- I. *“Ergo-me da cadeira com um esforço monstruoso, mas tenho a impressão de que levo a cadeira comigo, e que é mais pesada, porque é a cadeira do subjectivismo.”*
- II. *“Lento, no luar lá fora da noite lenta, o vento agita coisas que fazem sombra a mexer. Não é talvez senão a roupa que deixaram estendida no andar mais alto, mas a sombra em si, não conhece camisas e flutua impalpável num acordo mudo com tudo.”*
- III. *“Um hálito de música ou de sonho, qualquer coisa que faça quase sentir, qualquer coisa que faça não pensar.”*
- IV. *“O homem não deve poder ver a sua própria cara. Isso é o que há de mais terrível. A Natureza deu-lhe o dom de não a poder ver, assim como de não poder fitar os seus próprios olhos. Só na água dos rios e lagos ele podia fitar seu rosto. É a postura, mesmo, que tinha de tomar, era simbólica. Tinha de se curvar, de se baixar para cometer a ignomínia de se ver. O criador do espelho envenenou a alma humana.”*

Os alunos podiam escolher qual dos excertos iriam trabalhar e tinham que fazer três estudos rápidos e, desses, escolher um para trabalhar com uma técnica à sua escolha. O facto de não haver limitação na dimensão do suporte (papel), da técnica e

dos materiais a aplicar, presenteou as professoras com trabalhos completamente distintos, mas muito interessantes e plasticamente bem trabalhados na sua generalidade.

Abaixo apresentam-se alguns exemplos de soluções apresentadas por algumas alunas, em relação aos diferentes excertos:



Figura 43 - Ilustração da aluna Ana Isabel.



Figura 44 - Ilustração da aluna Margarida Coelho.



Figura 45 - Ilustração da aluna Joana Brito.



Figura 46 - Ilustração da aluna Laura Andrade.



Figura 47 - Ilustração da aluna Beatriz
Saraiva.



Figura 48 - Ilustração da aluna Mariana
Teixeira.

AULA Nº 64

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	08-03-2012	16h45m às 18h15	111	11º	20

SUMÁRIO

Observação e desenho do rosto de um colega de turma, respeitando as proporções do rosto humano (cânone). Recurso a diversos materiais riscadores. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula, os alunos retomaram a unidade de trabalho introduzida pela estagiária na aula nº 59, e na qual estiveram a desenhar por meio de observação direta e sem descurar as noções básicas do cânone de representação do rosto humano. A professora estagiária disponibilizou alguns manuais sobre a temática em estudo, o desenho do rosto humano, e uma ficha de apoio sobre o retrato²⁸ como materiais de apoio aos alunos.

Apresentam-se em baixo algumas fotografias tiradas no decorrer da aula, onde é possível visualizar os alunos a desenhar os colegas de turma, de forma alternada. Cada grupo tinha autonomia para decidir como distribuir e gerir o tempo de aula, de forma a que ambos os elementos conseguissem obter o máximo de rendimento. Houve casos em que optaram por ir “rodando” de modelo para observador de meia em meia hora. Outros procederam à contabilização do número de aulas que tinham para desenvolver a proposta e dividiram o tempo de forma equitativa, evitando paragens a meio do desenho.



Figura 49 - Aluna Ana Isabel a retratar a colega Margarida Coelho.



Figura 50 - Aluna Margarida Coelho a retratar a colega Ana Luísa Aguiar.

²⁸ Ver Apêndice IX – Ficha de apoio representação do rosto humano.



Figura 51 - Aluna Ana Luísa Aguiar a assinalar linhas de orientação para representação do rosto.



Figura 52 - Aluna Ana Isabel a trabalhar alguns pormenores do rosto da colega.

Ao longo de toda a aula, a estagiária foi acompanhando cada trabalho, alertando para os pontos a melhorar, dialogando com os alunos, ajudando-os a assinalar determinadas características do modelo. No final da aula, a professora estagiária fez uma chamada de atenção para o prazo da entrega do trabalho, pois ainda faltava elaborarem as simplificações dos retratos.

AULA Nº 65

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	09-03-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Conclusão do retrato realista do colega de turma e início da simplificação por nivelamento do mesmo, redução a traços e manchas principais. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

A aula teve início com o seguimento dos trabalhos que os alunos estavam a desenvolver até então. No decorrer da aula, a professora estagiária acompanhou os vários alunos no sentido de os ajudar a atingir melhores resultados no retrato realista do colega de turma. Neste turno, havia alunos com alguma dificuldade em executar certos pormenores do rosto humano, nomeadamente na zona dos olhos, boca e nariz. Foram disponibilizados alguns livros que ilustravam esses mesmos órgãos, representados nas várias perspetivas possíveis e, ao mesmo tempo, a professora estagiária, em diálogo com o aluno, fez chamadas de atenção para determinadas linhas orientadoras e para pormenores que faziam toda a diferença no resultado final.



Figura 53 - Alguns alunos a trabalhar o retrato realista.

Às 10h30m foi feita a mudança de turno, e os alunos foram buscar o seu material e começaram logo os trabalhos. A aula para o 2º turno foi idêntica à do 1º turno. No final da aula deram-se os cumprimentos habituais de bom fim-de-semana.

AULA Nº 66

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	12-03-2012	8h às 9h30m	111	11º	20

SUMÁRIO

Início da simplificação por nivelamento do retrato de índole realista, realizado em aulas anteriores. Recurso ao processo de transferências de decalque para atingir uma simplificação progressiva. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula, os alunos começaram a trabalhar na simplificação gráfica, por nivelamento, do retrato realista que tinham elaborado em aulas anteriores, recorrendo ao processo de transferência (decalque) com o objetivo de obter uma simplificação progressiva, mantendo-se as proporções do retrato base. A professora estagiária reforçou o conceito de simplificação por nivelamento apresentando imagens de trabalhos de artistas que obtiveram transformações sucessivas da figura a representar, como foi o caso dos trabalhos de Picasso pertencentes à série de litografias intitulada por *Bull* de 1945.



Figura 54 - Alguns alunos a trabalhar o retrato nivelado.

AULA Nº 67

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	15-03-2012	16h45 às 18h15m	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação do trabalho em curso. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Na aula nº 67, os alunos estiveram a dar continuidade aos processos de simplificação gráfica por nivelamento dos retratos de índole realista executados anteriormente de um colega de turma. A professora estagiária esteve a acompanhar os diversos alunos no decorrer das simplificações.

AULA Nº 68

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	16-03-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação da proposta de realização de um retrato de um colega e posterior simplificação progressiva. Digitalização de uma ou duas das fases para tratamento infográfico. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Uma vez mais, os alunos deram seguimento à 1ª fase da proposta da unidade de trabalho apresentada pela professora estagiária. Nesta altura ainda havia alguns alunos a desenharem as sequências de simplificações solicitadas, contudo na sua maioria já estavam na fase final da simplificação.

AULA Nº 69

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	19-03-2012	8h às 9h30m	111	11º	20

SUMÁRIO

Digitalização dos retratos de um colega realizados em aulas anteriores. Introdução ao *software* Adobe Illustrator para tratamento infográfico dos mesmos. Resolução de exercícios simples de aprendizagem das ferramentas com acompanhamento individualizado pelo professor. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Os alunos estiveram a concluir as simplificações e começaram a digitalizar os retratos para que no 3º período pudessem trabalhar, tendo essa imagem por base. Mostram-se a baixo alguns dos trabalhos entregues.

REALISTA

NIVELADO

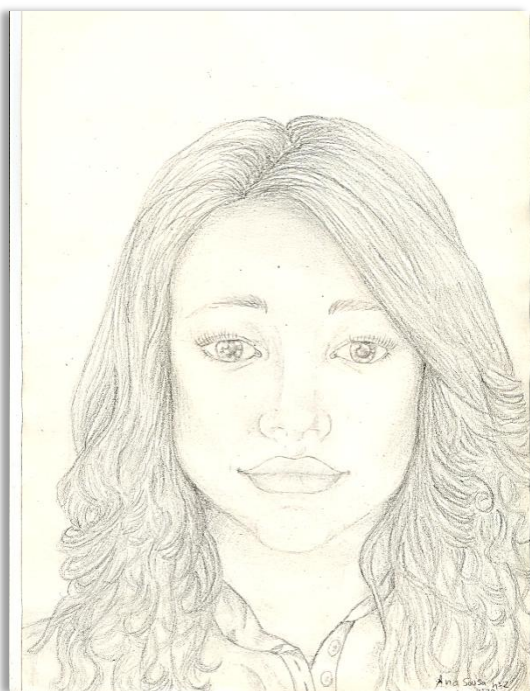


Figura 55 - Retrato realista executado pela aluna Ana Isabel.

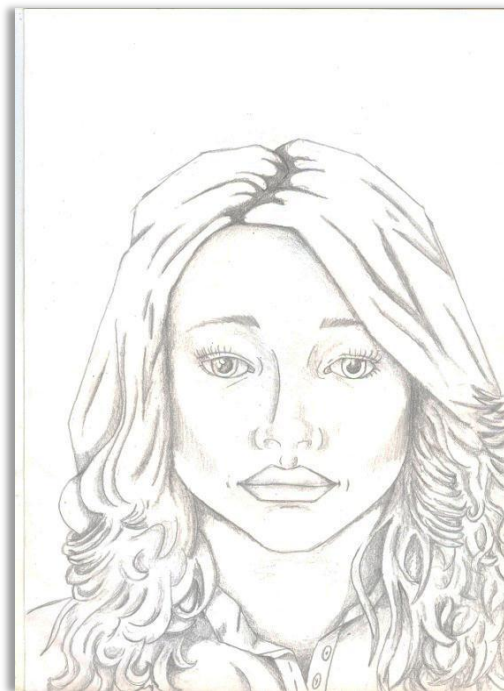


Figura 56 - Retrato nivelado executado pela aluna Ana Isabel.

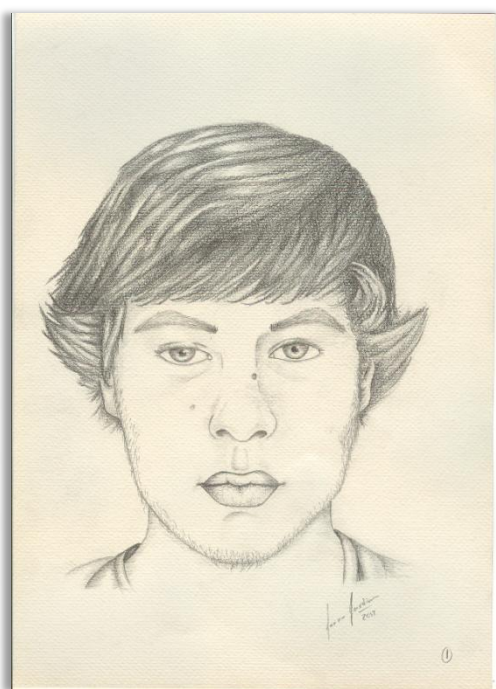


Figura 57 - Retrato realista executado pela aluna Joana Brito.



Figura 58 - Retrato nivelado executado pela aluna Joana Brito.



Figura 59 - Retrato realista executado pela aluna Laura Alves.

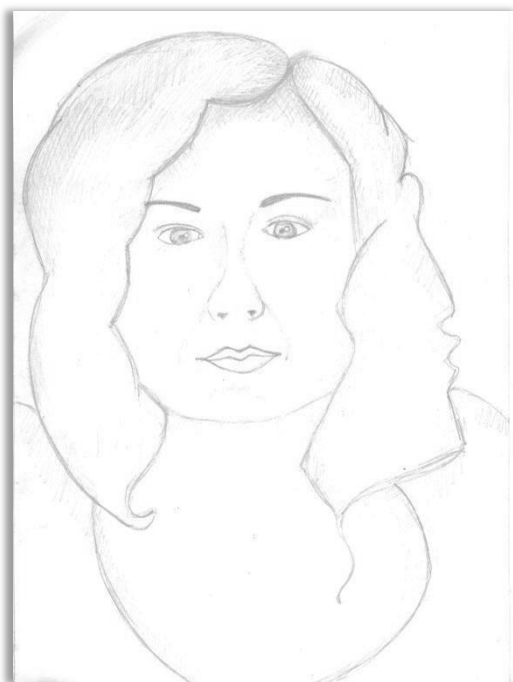


Figura 60 - Retrato nivelado executado pela aluna Laura Alves.



Figura 61 - Retrato realista executado pela aluna Laura Rodrigues.



Figura 62 - Retrato nivelado executado pela aluna Laura Rodrigues.

A professora estagiária distribuiu umas fichas de apoio²⁹ ao *software* Adobe Illustrator com as ferramentas principais da área de trabalho e um pequeno manual/tutorial³⁰ realizado pela mesma, com os principais passos para a manipulação da letra e da imagem. Após a distribuição do material de apoio, a professora passou a explicar e a exemplificar as diversas possibilidades que o programa permite executar. De seguida foi distribuída uma ficha com exercícios práticos³¹ de modo a conferir a correta aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. No final da aula, foi indicada aos alunos a elaboração de um documento, durante as férias da Páscoa, onde deveriam apontar em que consiste a simbologia da cor e o que significa cada cor, de modo a poder aplicar nas aulas seguintes a cor ao retrato digital, não esquecendo que seria necessário justificar e relacionar com o perfil/personalidade do colega a escolha da cor aplicada.

AULA Nº 70

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	22-03-2012	16h45 às 18h15m	111	11º	20

SUMÁRIO

Resolução de exercícios de treino, para aplicação do Adobe Illustrator, com vista ao tratamento infográfico de um retrato. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

²⁹ Apêndice X – Ficha de Apoio com principais ferramentas do *Adobe Illustrator*.

³⁰ Apêndice XI – Manual Tutorial sobre o *Adobe Illustrator*.

³¹ Apêndice XII – Ficha de exercícios práticos – *Adobe Illustrator*.

DESCRIÇÃO DA AULA

Continuação da resolução da ficha de exercícios práticos com vista ao tratamento infográfico do retrato do colega. Foram ainda vistos os diários gráficos dos diversos alunos, pois foi-lhes solicitado que representassem ao longo das aulas, rostos e expressões faciais por observação direta.

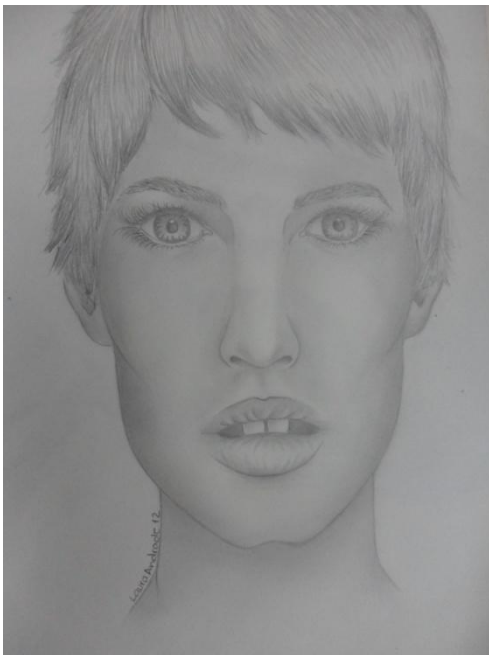


Figura 63 - Desenho de modelo feminino do diário gráfico da aluna Laura Andrade.



Figura 64 - Desenho de modelo masculino do diário gráfico da aluna Laura Andrade.

AULA Nº 71

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	23-03-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Exercício de observação e representação direta e expressiva do rosto. Auto e Heteroavaliação. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Na última aula do 2º período a professora cooperante sugeriu que se realizasse um exercício de observação e representação direta e expressiva do rosto servindo, e de modo rotativo, um aluno como modelo para os restantes elementos da turma. No final da aula foi efetuada a auto e heteroavaliação, e ainda foi lembrado aos alunos que tinham de proceder a uma pesquisa durante a pausa letiva sobre a simbologia da cor, preparando um documento onde constasse uma espécie de súpula do encontrado.



Figura 65 - Aluna Cláudia Passos a fazer de modelo para a turma.



Figura 66 - A turma a desenhar por observação direta uma colega.

2.4. AVALIAÇÃO DA 1ª PROPOSTA DE TRABALHO

Na avaliação³² da 1ª fase da unidade de trabalho, proposta pela professora estagiária, e cuja temática era o retrato, os critérios utilizados basearam-se no número de registos, na aplicação da proporção e anatomia corretas, na realidade e naturalidade da identidade representada, na expressividade no traço utilizado, nas técnicas de modelação utilizando o contraste claro-escuro, na capacidade de simplificação e ainda no tratamento do traço e da mancha.

Cada um destes critérios está valorizado numa escala de 0 a 20 da seguinte forma:

- O número de registos com 1 valor;
- A aplicação da proporção e anatomia corretas com 3 valores;
- A representação da realidade, naturalidade e identidade com 4 valores;
- A expressividade com 3 valores;
- As técnicas de modelação claro-escuro com 3 valores
- A simplificação com 4 valores;
- O tratamento de traço e mancha com 2 valores.

A nível de valores finais, 7 dos alunos conseguiram atingir uma avaliação média-alta e alta, entre 16 e 20 valores; 9 dos alunos conseguiram apenas uma avaliação final mediana, entre 10 e 14 valores; e apenas 1 aluno obteve uma nota negativa de 6 valores.

2.5. REUNIÕES E FORMAÇÃO

Tal como ocorreu no período anterior, a professora estagiária frequentou as reuniões de Conselho de Turma e as de Grupo Disciplinar de Artes Visuais-600. Foram

³² Ver Apêndice XIII – Grelha de avaliação da 1ª proposta de trabalho.

frequentadas no total duas reuniões de Grupo 600 e uma reunião de Conselho de Turma (reunião de avaliação) perfazendo um total de três reuniões. Também no 2º período foi iniciada a Ação de Formação: Vídeo-Roteiro sobre o plano de Ventura Terra para o Funchal – utilização de ferramentas Audio-Visuais. Neste período a professora estagiária frequentou duas sessões, prologando-se a ação pelo 3º período.

2.5.1. REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA

2ª Reunião de Avaliação

DATA: 26 de março de 2012

HORA:08:00

SALA:207

DIRETOR DE TURMA: Prof. Nélio Moura (Educação Física)

SECRETÁRIA: Profª Ana Luísa Tranquada (Desenho A)

ORDEM DE TRABALHO:

- Alunos excluídos por faltas;
- Alunos que anularam algumas disciplinas;
- Comportamento dos alunos;
- Aproveitamento dos alunos.

2.5.2. REUNIÕES DE GRUPO DISCIPLINAR DAS ARTES VISUAIS – 600

2ª Reunião

DATA: 08 de março de 2012

HORA: 13:15

SALA: 112

DELEGADA DE GRUPO: Profª Teresa Vasconcelos

ORDEM DE TRABALHO:

- Divulgação do concurso de fotografia da CRIAMAR.

3ª Reunião

DATA: 22 de março de 2012

HORA: 13:15

SALA: 112

DELEGADA DE GRUPO: Prof^ª Teresa Vasconcelos

ORDEM DE TRABALHO:

- Reunião para comunicar várias informações ao grupo, da reunião que havia acontecido de Conselho Pedagógico.

2.5.3. AÇÃO DE FORMAÇÃO: VÍDEO-ROTEIRO SOBRE O PLANO DE VENTURA TERRA PARA O FUNCHAL – UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS AUDIO-VISUAIS

Já no findar do 2º Período deu-se início a uma ação de formação destinada aos docentes do grupo 600 da Escola cooperante, na qual os professores estagiários foram convidados a participar. Este curso de formação tinha a duração de 30 horas (2 horas por sessão, num total de 24 horas presenciais e 6 de trabalho autónomo) e como objetivos: conceber um vídeo-roteiro das obras propostas pelo arquiteto Ventura Terra no seu plano para a cidade do Funchal; contribuir para a formação, valorização e atualização de conhecimentos na área da história da arquitetura e do urbanismo, assim como a nível do domínio de ferramentas audiovisuais (Adobe Premiere Pro CS5 e Prezi), dos docentes do grupo 600. Como formador(es) o curso contou com os professores: José António Martins; Teresa Maria Teixeira Mendes Vasconcelos; Carlos Filipe Sousa Rodrigues e Isabel de Jesus Basílio Lucas; que também pertencem ao grupo disciplinar desta Escola.

Foram dadas duas sessões neste período letivo, ficando as restantes sessões para o período seguinte (3º período).

1ª Sessão - 08/03/2012

No dia 08/03/2012 deu-se início à formação, pelas 13h15m na sala 111, com a visualização de um *PowerPoint* sobre quem foi Ventura Terra e o seu plano para o Funchal – Plano de modernização, apresentado pela formadora e coordenadora de grupo disciplinar Teresa Vasconcelos. A formadora trouxe também o catálogo de uma exposição que teve lugar em Lisboa no Museu Municipal da Câmara Municipal de Esposende, sobre “Miguel Ventura Terra – A Arquitectura enquanto Projecto de Vida”, onde existem plantas do referido plano de melhoramentos para a cidade do Funchal. De seguida, explicou qual seriam os critérios de avaliação nesta formação e o que era pretendido que os formandos executassem. A formação terminou às 15h.

2ª Sessão - 15/03/2012

Esta segunda sessão teve início e fim à mesma hora que a sessão anterior, mas com outra formadora, a professora Isabel Lucas, que deu os conteúdos inerentes à captura de imagens e de vídeo, os diferentes formatos e qualidade de imagem, aos diversos planos e movimentos de câmara, ou seja, introduziu as bases da fotografia e do vídeo.

CAPÍTULO III

3º PERÍODO LETIVO

Tal como aconteceu nos períodos letivos antecessores, após esta interrupção letiva para as festividades da Páscoa, deu-se início às aulas do 3º período no dia 12 de abril de 2012. Ao contrário do que se sucedeu no período anterior, as aulas deram continuidade à unidade de trabalho apresentada pela estagiária e terminaram no dia 27 de abril de 2012, na aula nº 79.

Neste último período, já não havia reuniões com tanta regularidade para planificar atividades a desenvolver, pois nesta altura já se encontravam agendadas todas as aulas até ao final do ano letivo. As reuniões que surgiram entre a professora estagiária e a professora cooperante eram exclusivamente para elaboração das grelhas e dos critérios de avaliação.

1. AULAS MINISTRADAS PELA ESTAGIÁRIA

No 3º período foi desenvolvida a segunda e última fase da proposta pertencente à unidade de trabalho: “relação texto-imagem” e que consistia basicamente na representação vetorial do colega de turma, anteriormente representado recorrendo ao desenho quirográfico. Agora os alunos iriam dar início à parte mais criativa desta proposta, podendo retratar o colega pela sua personalidade, pelos seus gostos, etc., através da aplicação e manipulação da letra (tipografia) e da introdução de uma paleta cromática, num programa de desenho vetorial.

Este *software* foi apresentado pela professora estagiária no final do último período e explorado pelos alunos, e também foram entregues fichas de apoio sobre o programa, com as ferramentas principais da área de trabalho e ainda um pequeno manual/tutorial com as principais ações que iriam utilizar para a proposta em decurso.

2.2. RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

No 3º período a professora estagiária lecionou um total de oito aulas, aulas onde os alunos estiveram a desenvolver a 2º fase da Unidade de Trabalho.

A professora estagiária deu por terminado o seu estágio na última aula que ministrou, tendo apenas ficado a avaliar os trabalhos, para que na última aula do período pudesse comparecer e informar os alunos das notas que tinha atribuído na sua proposta de trabalho. Desta forma, também poderia esclarecer as várias dúvidas que surgissem por parte dos alunos em relação às notas atribuídas e aos critérios de avaliação. Também nesta última aula a professora estagiária distribuiu um inquérito de avaliação de desempenho da docente para os alunos preencherem.

O término do estágio foi pré acordado no “Seminário de Iniciação à Prática Profissional – Ensino Supervisionado” com todos os professores cooperantes e orientadores científicos dos mestrandos, para que a partir da data de finalização da proposta de trabalho, a professora estagiária desse por terminado o seu estágio de forma a poder avançar com a elaboração do seu relatório de estágio.

AULA Nº 72

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	12-04-2012	16h45 às 18h15	111	11º	20

SUMÁRIO

Relação-texto-imagem: tratamento gráfico de um retrato realizado em aulas anteriores. Aplicação do *software* Adobe Illustrator para tratamento com tipografia de modo a realizar um retrato físico e psicológico de um colega. Apresentação de uma ficha com a segunda fase da unidade em curso. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Na 1ª aula do 3º período a professora estagiária distribuiu aquela que seria a 2ª e última fase da unidade de trabalho³³ aos alunos, passando ulteriormente a ler e a explicar em que consistia cada ponto da proposta de trabalho, voltando a relembrar o contexto em que esta era apresentada. Depois da apresentação da proposta, os alunos começaram a executar o tratamento infográfico do retrato, utilizando a tipografia no *software* Adobe Illustrator. Foram requisitados previamente o *kit* de computadores portáteis que a Escola tinha disponível e uma tela de projeção para, no caso de surgirem dúvidas em relação ao manuseamento do programa, a professora estagiária pudesse relembrar a toda a turma as bases introduzidas na penúltima aula do 2º período.

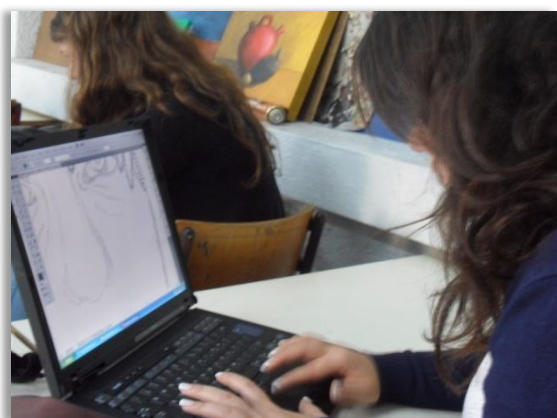


Figura 67 - A aluna Laura Rodrigues a desenhar tendo como base a digitalização do retrato nivelado feito na 1ª proposta da unidade.



Figura 68 - Várias alunas a trabalhar.

³³ Ver Apêndice XIV – 2ª Proposta de Trabalho.

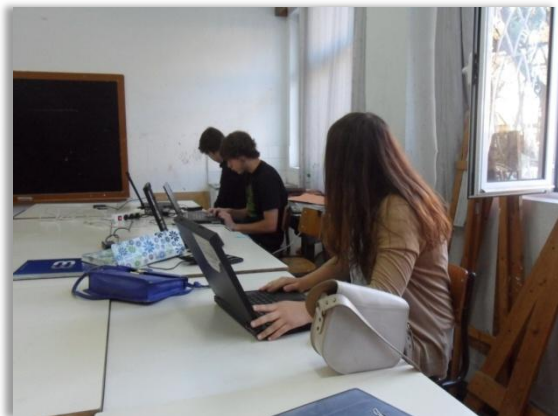


Figura 69 - Alguns alunos a trabalhar no software de desenho vetorial.

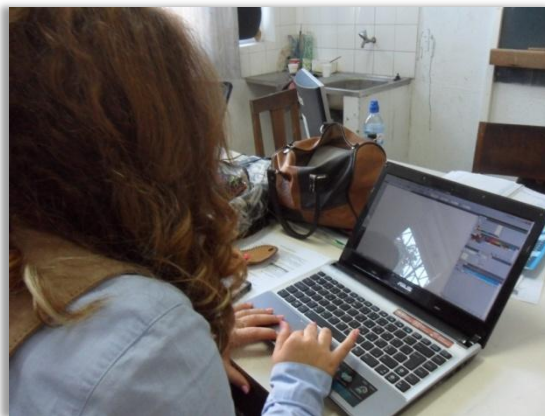


Figura 70 - A aluna Margarida Coelho a dar início ao seu desenho.

AULA Nº 73

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	13-04-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Tratamento gráfico de um retrato articulado com um texto caracterizador do perfil psicológico do retratado. Desenho vetorial do retrato nivelado, executado na proposta de trabalho anterior. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Continuação do trabalho iniciado na aula anterior, o tratamento gráfico de um retrato nivelado, articulado com um texto que caracterizasse o perfil psicológico do colega retratado.



Figura 71 - Um dos estudos realizados pela aluna Cláudia Passos.



Figura 72 - A aluna Ana Luísa Aguiar a dar continuidade ao seu desenho.

AULA Nº 74

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	16-04-2012	8h às 9h30m	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação da resolução da proposta de trabalho. Relação texto-imagem: tratamento gráfico de um retrato nivelado. Aplicação de diferentes tipos e tamanhos de letra, criando tramas e manchas, e caracterizando o volume/claro-escuro. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula os alunos estiveram a tratar graficamente o rosto, aplicando e manipulando os diferentes tipos e tamanhos de letra, de forma a obter tramas e manchas, caracterizando o volume/claro-escuro.

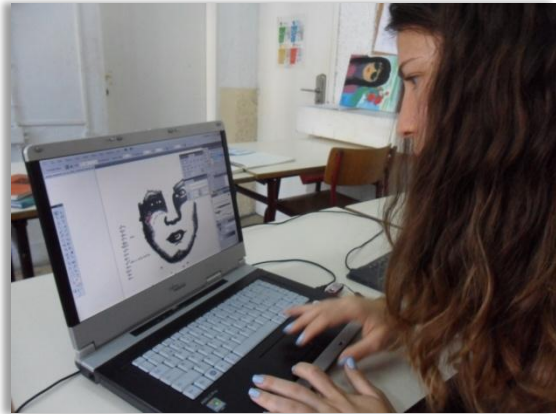


Figura 73 - A aluna Joana Brito a trabalhar as sombras através de sobreposições de letras.



Figura 74 - O aluno Simão Chaves a elaborar um dos seus estudos de letra.

AULA Nº 75

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	19-04-2012	16h45 às 18h15m	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação da resolução da proposta de trabalho. Relação Texto-imagem: tratamento gráfico de um retrato nivelado. Aplicação de diferentes tipos e tamanhos de letra criando tramas e manchas (volume/claro-escuro), com recurso ao Adobe Illustrator. Aplicação da cor à tipografia. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Alguns alunos iniciavam a aplicação da cor à tipografia. Cerca de metade dos alunos já tinha elaborado os três estudos tipográficos solicitados no ponto correspondente à solução tipográfica na proposta de trabalho.

AULA Nº 76

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	20-04-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação da realização de estudos de um retrato nivelado, aplicando as palavras, a tipografia e a cor que caracterizem a personalidade da pessoa retratada. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

Realização do Teste Intermédio de Filosofia³⁴ (10h-11.30h).Continuação da realização de estudos de um retrato nivelado, aplicando palavras, tipografia e cor que caracterizem a personalidade da pessoa retratada. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

³⁴ Nesta aula foi realizado o teste intermédio de Filosofia entre as 10h e as 11h30m.

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula os alunos continuaram o trabalho que estavam desenvolvendo até às 9h30m, hora em que fizeram intervalo para depois regressar à sala de aula a fim de realizar o teste intermédio de Filosofia. O teste terminou às 11h30m e os alunos retomaram a realização dos estudos tipográficos e cromáticos do retrato digital.

AULA Nº 77

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	23-04-2012	8h às 9h30	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação do exercício do retrato. Exploração da cor aplicada ao exercício tipográfico em curso, de modo a caracterizar o perfil psicológico do retratado. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Nesta aula os alunos continuaram a exploração da cor a ser aplicada ao retrato, sempre tendo em conta a relação com o perfil do colega.

AULA Nº 78

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	26-04-2012	16h45 às 18h15	111	11º	20

SUMÁRIO

Continuação da exploração do Adobe Illustrator para recriação tipográfica de um retrato. Exploração simbólica da cor e de diferentes tipos para caracterizar o perfil psicológico do retratado. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Progressão da exploração infográfica no programa de desenho vetorial Adobe Illustrator, visando a execução de um retrato/poema visual do colega, retratado em exercícios anteriores. Execução dos últimos estudos de cor e seleção dos trabalhos finais atendendo às características do retratado.

AULA Nº 79

DISCIPLINA	DATA	HORA	SALA	ANO	TURMA
Desenho A	27-04-2012	8h às 13h	111	11º	20

SUMÁRIO

Conclusão e entrega dos trabalhos em formatos predefinidos (Ai e Pdf.) relativos à proposta de tratamento gráfico de um retrato/poema visual de um colega de turma. Elaboração e entrega de uma memória descritiva de todo o processo de trabalho. (Unidade lecionada pela docente estagiária Vera Fernandes).

DESCRIÇÃO DA AULA

Os alunos estiveram a concluir os trabalhos, a convertê-los para os formatos pedidos na proposta de trabalho e a elaborar uma memória descritiva onde justificassem todas as opções tomadas no decorrer do trabalho, bem como as palavras, tipografias e cores utilizadas e relacionando-as com o colega de turma. Nesta aula a professora estagiária deu por finalizada a sua unidade de trabalho, aquando da receção dos trabalhos finais dos alunos.

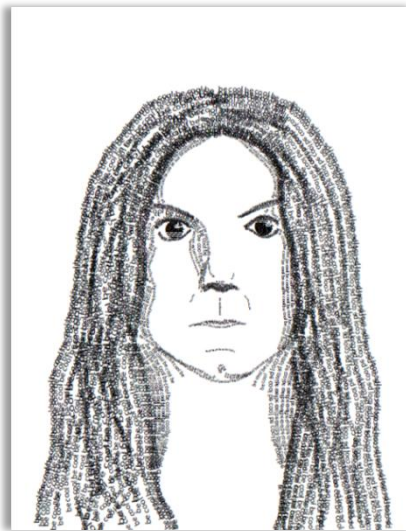


Figura 75 - Trabalho do aluno João Cunha e Silva.



Figura 76 - Trabalho da aluna Ana Isabel Sousa.

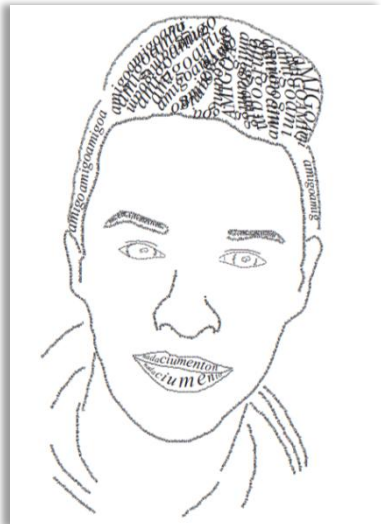


Figura 77 - Trabalho da aluna Mafalda Olim.

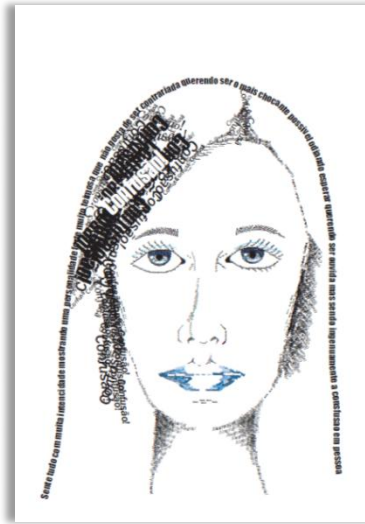


Figura 78 - Trabalho da aluna Cláudia Passos.

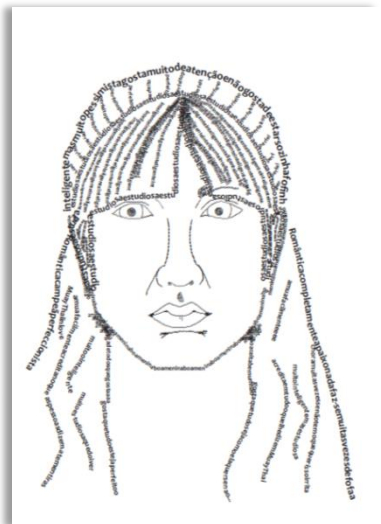


Figura 79 - Trabalho da aluna Ana Luísa Aguiar



Figura 80 - Trabalho da aluna Laura Rodrigues.



Figura 81 - Trabalho do aluno Valter Jesus.

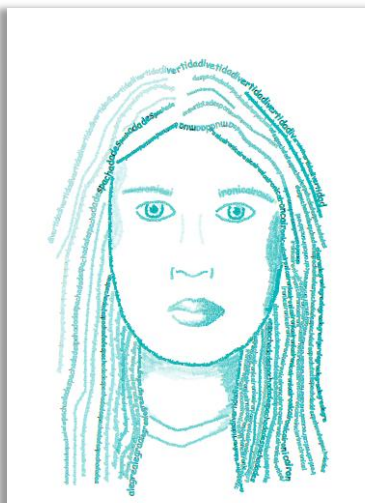


Figura 82 - Trabalho da aluna Cláudia Silva.

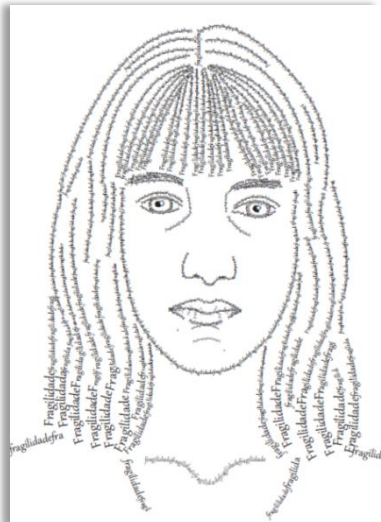


Figura 83 - Trabalho da aluna Beatriz Saraiva.

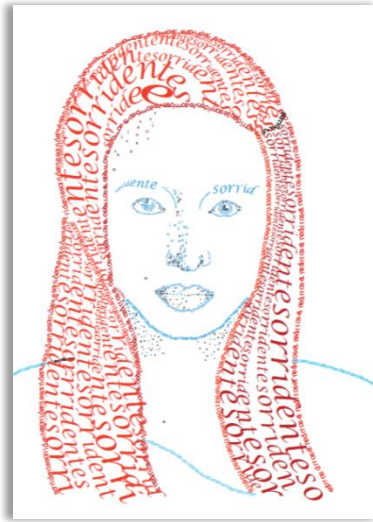


Figura 84 - Trabalho do aluno Dinis Camacho.

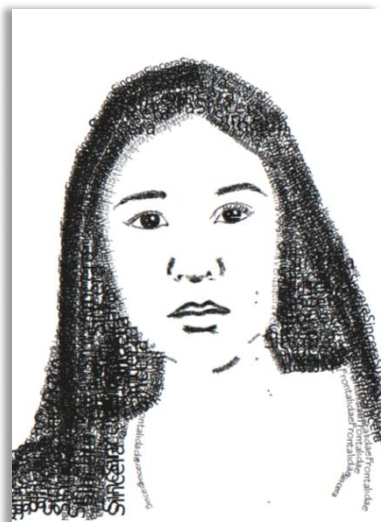


Figura 85 - Trabalho da aluna Mariana Teixeira.



Figura 86 - Trabalho da aluna Margarida Coelho.

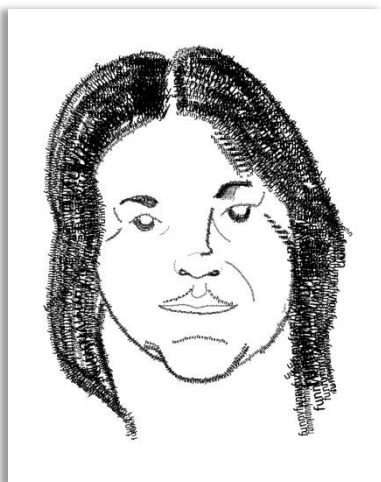


Figura 87 - Trabalho do aluno Simão Chaves.

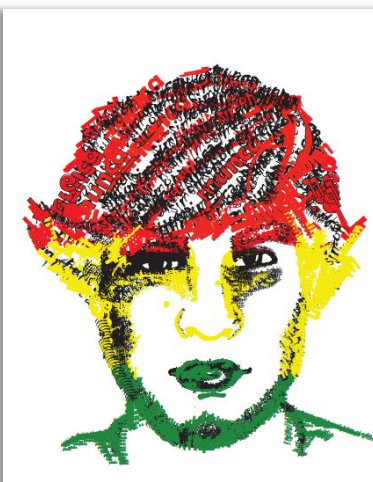


Figura 88 - Trabalho da aluna Joana Brito.

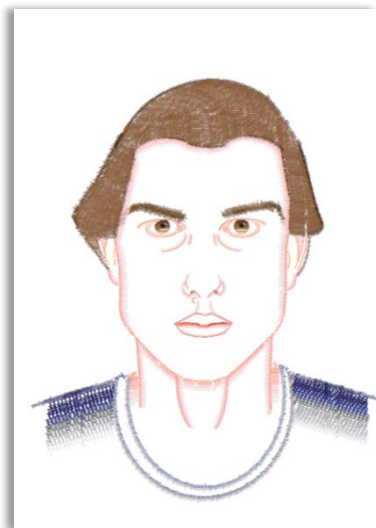


Figura 89 - Trabalho da aluna Laura Andrade.

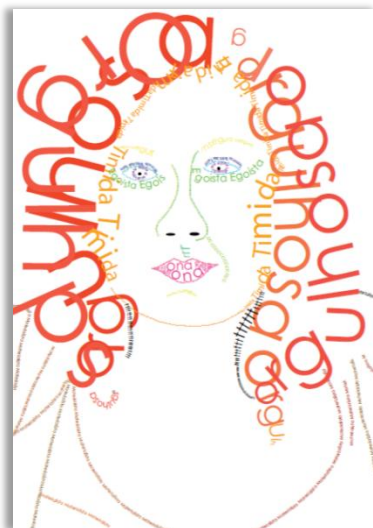


Figura 90 - Trabalho da aluna Laura Alves.

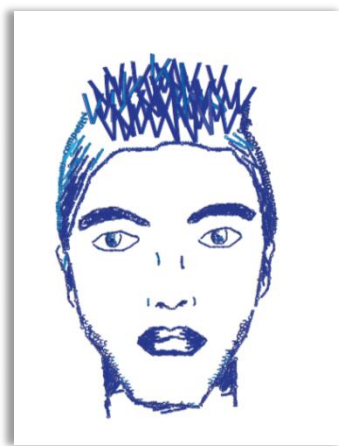


Figura 91 - Trabalho da aluna Sarah Oliveira.

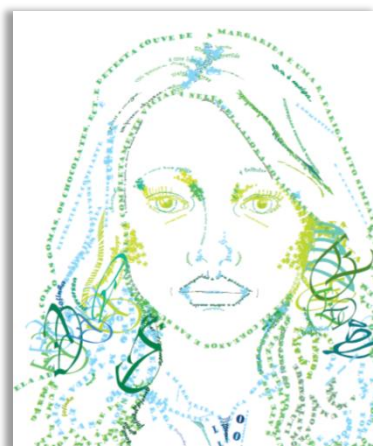


Figura 92 - Trabalho da aluna Ana Isabel Sousa.

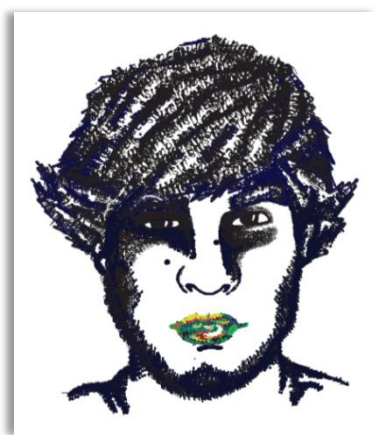


Figura 93 - Trabalho da aluna Joana Brito.

2.3. AVALIAÇÃO DA 2ª PROPOSTA DE TRABALHO

Na avaliação³⁵ da 2ª fase da proposta da professora estagiária, os critérios utilizados basearam-se na(s) palavra(s), frase(s) ou quadra(s), no desenho vetorial utilizando o software Adobe Illustrator CS5, nos esboços e solução final da tipografia que inclui o número de registos tipográficos, na escolha tipográfica, na manipulação da letra e técnicas utilizadas adequadamente, na comunicação visual, na expressividade e no estudo final; assim como nos esboços e solução final cromática que inclui número de registos cromáticos, na escolha cromática, na diversificação e tons contínuos, comunicação visual, expressividade e no estudo final; formato e dimensão em formato digital e ainda memória descritiva.

Os valores aplicados a cada item dos critérios de avaliação, numa escala de 0 a 200 pontos, que posteriormente foram convertidos para uma escala de 0 a 20 valores:

- Palavra(s), frase(s) ou quadra(s) com 5 pontos;
- Desenho vetorial com 20 pontos;
- Esboços e solução final da tipografia:
 - Número de registos tipográficos com 5 pontos;
 - Escolha tipográfica com 5 pontos;
 - Manipulação da letra e técnicas utilizadas com 20 pontos;
 - Comunicação visual com 20 pontos;
 - Expressividade com 15 pontos;
 - Estudo final com 10 pontos;
- Esboços e solução final cromática:
 - Número de registos cromáticos com 5 pontos;
 - Escolha cromática com 5 pontos;
 - Diversificação e tons contínuos com 20 pontos;
 - Comunicação visual com 10 pontos;
 - Expressividade com 15 pontos;
 - Estudo final com 10 pontos;

³⁵ Ver Apêndice XV – Grelha da 2ª proposta de trabalho.

- Formato e dimensão em formato digital com 10 pontos;
- Memória descritiva com 15 pontos.

A nível de valores finais, 9 dos alunos conseguiram atingir uma avaliação média-alta e alta, entre 16 e 20 valores, e os restantes alunos conseguiram apenas uma avaliação final mediana, entre 10 e 15 valores.

2.4. EXPOSIÇÃO COLETIVA DE TRABALHOS 11º 20 E 12º 20

No final do ano letivo foi organizada uma exposição com os trabalhos desenvolvidos pela turma de estágio da professora estagiária, o 11º 20 e com a turma de estágio do professor estagiário Fábio Gouveia, o 12º 20. Os docentes optaram por fazer uma mostra primordialmente dos trabalhos inerentes às unidades de trabalho a cargo dos professores estagiários. No entanto, e uma vez que o espaço para expor era amplo, foram colocados outros trabalhos que os alunos desenvolveram com a professora cooperante ao longo das aulas coadjuvadas. Esta exposição marca o término de uma etapa, não só para os alunos das turmas envolvidas, mas também de toda uma prática pedagógica para os dois professores estagiários de artes visuais da Escola.

A requisição de material audiovisual para os trabalhos desenvolvidos pela turma do 12º 20, na unidade de trabalho do professor estagiário, foram requisitados previamente para um vasto período, pelo próprio. O cartaz de divulgação³⁶ da exposição e o convite³⁷ foram elaborados pelos professores estagiários, bem como as fichas técnicas para acompanhar os trabalhos. A montagem da exposição e a organização subjacente a este tipo de evento, de cariz não só educativo mas também cultural, esteve ao encargo dos professores estagiários.

A inauguração deu-se no dia 8 de junho às 11h15m no largo do museu – espaço de exposição da Escola Secundária Jaime Moniz e contou com a presença de alguns

³⁶ Ver Apêndice XVI – Cartaz de divulgação da exposição.

³⁷ Ver Apêndice XVII – Convite da exposição.

professores do grupo 600, que levaram as suas turmas para a exposição, e ainda com alguns elementos da direção executiva da Escola.



Figura 94 - Comunidade educativa a ver a exposição.



Figura 95 - Alunos da turma 11º20 a ver os vídeos da turma 12º20.



Figura 96 - Professor António com alguns alunos a ver a exposição.



Figura 97 - Alguns alunos e professores a verem os vídeos da turma 12º 20 .



Figura 98 - Trabalhos desenvolvidos na unidade de trabalho da prof. Estagiária dos alunos da turma 11º 20.



Figura 99 - Algumas pinturas a acrílico e a óleo s/tela de alunos do 11º20.

2.5. ANÁLISE AO QUESTIONÁRIO DE DESEMPENHO

Na última aula lecionada pela professora estagiária foi pedido aos alunos o preenchimento de um questionário³⁸ que visava avaliar o desempenho da docente ao longo da prática pedagógica. Este era constituído por duas partes distintas, sendo a primeira parte composta por questões de resposta fechada, onde o aluno escolhia de entre as várias opções apresentadas a resposta que a seu entender seria a mais indicada; e a segunda parte composta por questões de resposta aberta, onde os alunos tinham a possibilidade de expor livremente a sua opinião.

Na primeira parte, as três perguntas iniciais tinham como objetivo a classificação do grau de satisfação dos alunos em relação à professora estagiária, podendo estes escolher numa escala de 1 a 5, em que o nº 1 equivale a mau, o nº 2 equivale a razoável, o nº 3 equivale a bom, o nº 4 equivale a muito bom e o nº 5 a excelente, qual o nível que pretendiam atribuir ao desempenho da docente.

As perguntas nº4 e nº5 pretendiam saber o nível de interesse dos alunos em relação às propostas inerentes à unidade de trabalho desenvolvida. Estas também estavam classificadas por uma escala de 1 a 5 em que o nº1 equivale a indiferente, o nº2 equivale a desinteressante, o nº3 equivale a pouco interessante, o nº 4 equivale a interessante e o nº5 a muito interessante.

A questão nº 6, ainda relacionada com as questões nº4 e nº5, tinha como objetivo saber, de acordo com a opinião geral dos alunos, se o tempo despendido para a realização da unidade de trabalho tinha sido adequado. Nesta pergunta já não existe uma escala mas sim a hipótese de escolha de duas respostas: sim ou não. Caso o aluno tenha respondido não, é-lhe solicitado que justifique a sua resposta.

Já numa fase final do questionário, a questão nº 7 pede aos alunos que deem a sua opinião, a nível geral, sobre a professora estagiária. Nesta pergunta poderiam responder sobre os aspetos negativos e positivos da docente tanto a nível psicológico como a nível pedagógico.

³⁸ Ver Apêndice XVIII – Questionário de desempenho da professora estagiária.

Por fim, na pergunta nº8 é pedida a opinião dos alunos em relação à prática pedagógica da professora estagiária, fazendo a distinção entre os pontos fortes e os pontos fracos de toda a atividade letiva.

Após a recolha dos questionários, a professora estagiária procedeu à análise dos mesmos espelhando os resultados obtidos em gráficos, abaixo apresentados, de forma a possibilitar uma melhor interpretação e compreensão das respostas.

A análise gráfica apenas foi efetuada nas perguntas de resposta múltipla devido à extrema complexidade em analisar quantitativamente respostas de opinião, pelo que elaborou-se uma breve súpula das diversas opiniões.

- 1) À preparação da atividade e o desempenho da professora na explicação da proposta e conteúdos a desenvolver.

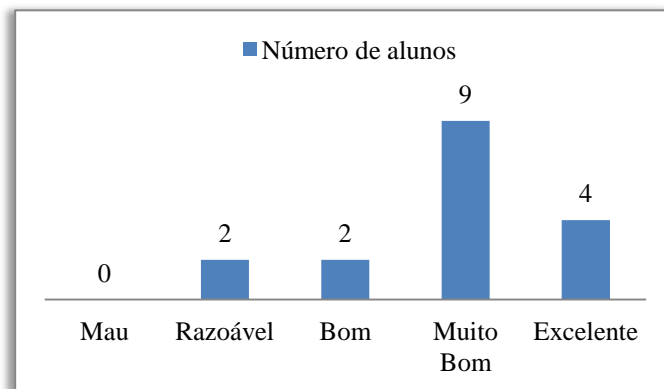


Gráfico 6 - Resposta dos alunos à questão nº 1

- 2) Ao desempenho da professora no acompanhamento e resolução das dificuldades surgidas na resolução da proposta.

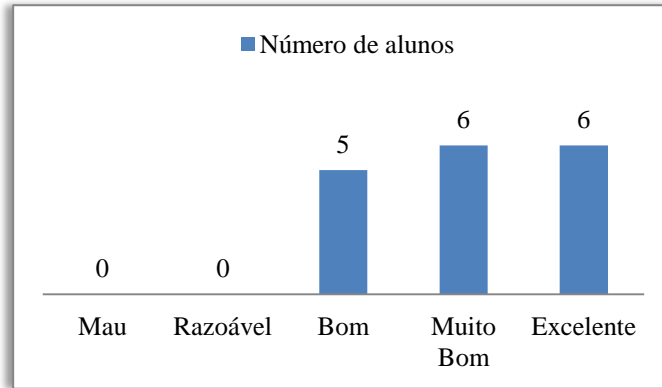


Gráfico 7 - Resposta dos alunos à questão nº 2

- 3) À utilidade do material de apoio fornecido pela professora estagiária sobre as ferramentas do Adobe Illustrator.

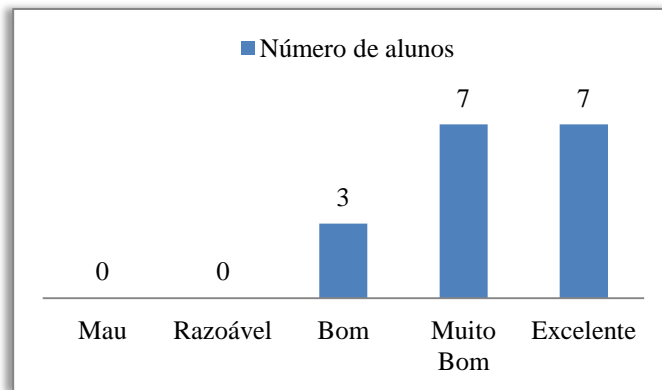


Gráfico 8 - Resposta dos alunos à questão nº 3

4) Ao tema desenvolvido.

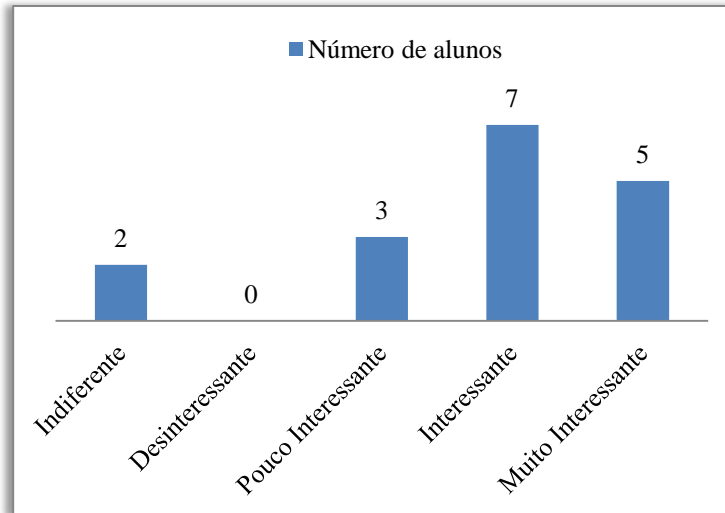


Gráfico 9 - Resposta dos alunos à questão nº 4

5) Às técnicas e *software* usado.

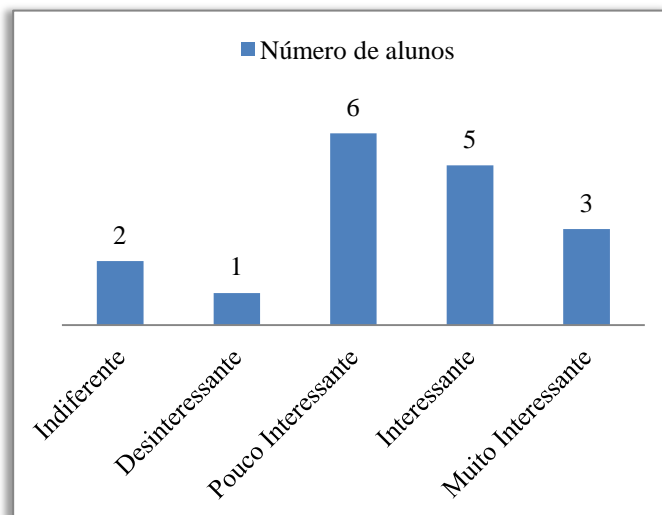


Gráfico 10 - Resposta dos alunos à questão nº 5

6) Considera que o tempo dado para o desenvolvimento da proposta foi adequado?

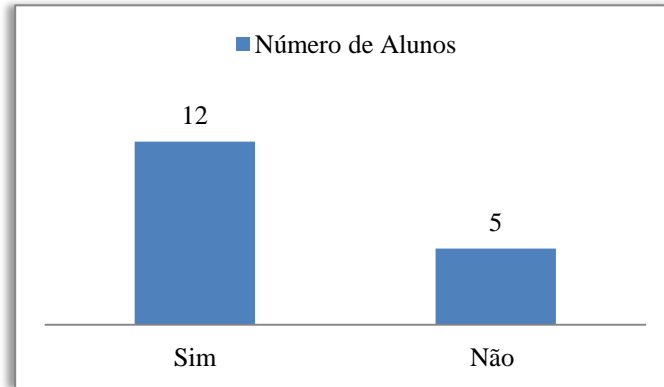


Gráfico 11 - Resposta dos alunos à questão n.º 6

As justificações apresentadas pelos cinco alunos que responderam não à questão n.º6 consistiam basicamente em: muito trabalho para pouco tempo, fazendo com que alguns alunos não conseguissem concluir a proposta, entregando-a inacabada; e na dificuldade em manusear/manipular o *software* escolhido pela professora estagiária para a resolução da fase final da proposta.

Súmula das respostas de opinião sobre a professora estagiária

Após uma análise às diversas opiniões dadas pelos alunos acerca da prestação e do comportamento da professora estagiária pode-se caracterizá-la como sendo uma professora profissional e empenhada, com grande capacidade e clareza comunicativa. É preocupada, prestável, compreensiva, simpática, muito exigente e portadora de um grande sentido crítico. Relativamente à questão da avaliação, a maioria dos alunos considera-a uma pessoa justa, havendo apenas um aluno a discordar.

Súmula dos pontos fortes e pontos fracos apontados pelos alunos

Pontos fortes: os alunos referem como pontos fortes o facto de terem concretizado projetos diferentes e de estes terem temas bastante apelativos. Também

salientam o apoio e a paciência por parte da professora estagiária. Outro ponto forte mencionado foi a oportunidade de aprender novas técnicas relacionadas com o desenho e a escrita, de poder trabalhar com um suporte informático e também terem a oportunidade de conhecer melhor os seus colegas de turma, até aqueles com quem menos lidavam.

Pontos fracos: em relação aos pontos fracos da prática pedagógica os alunos salientam a exigência, por parte da professora estagiária, e o facto de ser muito trabalho para pouco tempo. Ou seja, alguns alunos tinham dificuldade em apresentar completo o trabalho na data prevista para entrega. Também referem que o material informático (computadores) fornecido pela Escola para a realização das propostas não se encontrava em muito bom estado, tornando ainda mais difícil a realização das tarefas.

2.6. REUNIÕES E FORMAÇÃO

No 3º período a professora estagiária frequentou uma reunião de Conselho de Turma, nomeadamente a reunião de avaliação. Não foram frequentadas quaisquer reuniões de Grupo Disciplinar de Artes Visuais visto que a docente terminou o seu estágio e as frequências às reuniões logo após o fim da sua proposta de trabalho a 27 de Abril de 2012. Foram frequentadas quatro sessões da Ação de Formação: Vídeo-Roteiro sobre o plano de Ventura Terra para o Funchal – utilização de ferramentas Audio-Visuais, neste período mas esta não foi concluída pela professora estagiária por razões pessoais e profissionais da mesma.

2.6.1. REUNIÕES DE CONSELHO DE TURMA

3ª Reunião de Avaliação

DATA: 06 de junho de 2012

HORA:08:00

SALA:207

DIRETOR DE TURMA: Prof. Nélio Moura (Educação Física)

SECRETÁRIA: Prof^a Ana Luísa Tranquada (Desenho A)

ORDEM DE TRABALHO:

- Alunos excluídos por faltas;
- Alunos que anularam algumas disciplinas;
- Comportamento dos alunos;
- Aproveitamento dos alunos.

2.6.2. AÇÃO DE FORMAÇÃO: VÍDEO-ROTEIRO SOBRE O PLANO DE VENTURA TERRA PARA O FUNCHAL – UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS AUDIO-VISUAIS

A ação de formação Vídeo-Roteiro sobre o plano de Ventura Terra para o Funchal com recurso a ferramentas de cariz audiovisual teve continuidade no 3º Período, primeiramente com a formadora Teresa Vasconcelos a fazer uma visita guiada à cidade do Funchal, passando pelos locais de referência do plano do arquiteto Ventura Terra; depois com o formador Carlos Rodrigues que introduziu o *software* Adobe Premiere Pro CS5 para importação, edição e exportação de imagens, vídeos e som; e por fim com o formador José António Martins que explorou e trabalhou o programa Prezi, como alternativa ao comum Microsoft Office PowerPoint para a criação de apresentações mais dinâmicas e apelativas.

3ª Sessão - 19/04/2012

A sessão de 19/04/2012, teve início às 13h15m e foi orientada pela formadora Teresa Vasconcelos. Ao contrário do que vinha sendo habitual, esta formação deu-se em espaço aberto, cumprindo o roteiro – o plano do arquiteto Ventura Terra para o Funchal, no intuito de consolidar os conhecimentos adquiridos em sessões anteriores de modo a

melhor relacioná-los com a realidade urbanística da cidade do Funchal. Foram feitas três paragens ao longo do percurso para, em grupo, discutirem-se as diferenças entre o que havia sido projetado e o executado. A sessão terminou às 15h junto ao Parque de Santa Catarina.



Figura 100 - 2ª paragem - Avenida Zarco.

4ª Sessão - 17/05/2012

A sessão teve início às 13h15m, na sala 112, com o formador Carlos Rodrigues a distribuir uma pasta que continha diversos ficheiros de imagens, vídeo e áudio, bem como um tutorial com algumas noções básicas sobre o *software* em estudo, Adobe Premier Pro CS5, que serviriam de material de trabalho para as próximas sessões por ele ministradas.

Neste dia de ação o formador deu a conhecer a área de trabalho do programa e mostrou os vários formatos de ficheiros, que o mesmo permite utilizar, e quais as especificidades de cada um. A sessão terminou por volta das 15h.

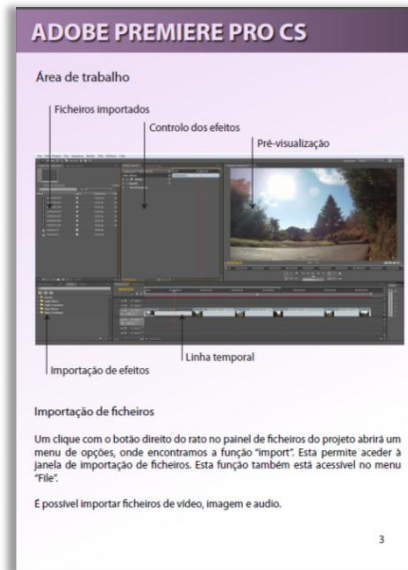


Figura 101 - Uma página do tutorial.

Durante a sessão deste dia, formaram-se os grupos de trabalho para a captura de imagens, para posteriormente realizar o vídeo-roteiro. No findar da tarde, a professora estagiária, juntamente com os elementos do seu grupo, o professor estagiário Fábio Gouveia e a professora cooperante Ana Luísa Tranquada, iniciaram as capturas de imagens através de máquinas fotográficas digitais e de uma câmara de filmar MiniDV, de modo a procederem posteriormente ao tratamento e edição das imagens e do vídeo.



Figura 102 - Estátua Gonçalves Zarco.

5ª Sessão - 24/05/2012

Tal como a sessão anterior, esta teve início às 13h15m e decorreu na sala 112, com o formador Carlos Rodrigues. Uma vez conhecida a área de trabalho e formatos principais a utilizar no Adobe Premier Pro CS5, o formador passou a explicar como eram feitas as importações de ficheiros e respetiva montagem através de cortes finos. De seguida, resolveram-se exercícios práticos recorrendo aos ficheiros existentes nas pastas de imagens e vídeos fornecidas pelo formador na sessão anterior. Deu-se por terminada a formação às 15h.

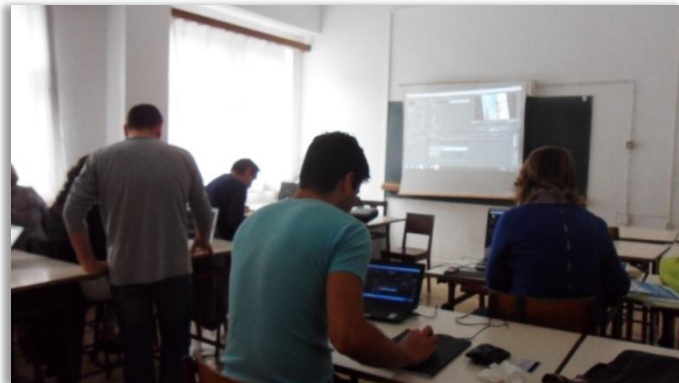


Figura 103 - Formador Carlos a auxiliar os professores na edição de imagens e vídeo.

6ª Sessão - 30/05/2012

No dia 30/05/2012 a formação³⁹ teve início no local e hora habitual, com o formador Carlos Rodrigues a dar continuidade à explanação dos conteúdos inerentes à pós-produção de imagens e vídeos. Desta vez, foram trabalhados os efeitos de imagem e

³⁹ Por motivos profissionais, uma vez que a formanda é trabalhadora-estudante, não foi possível concluir a formação, fez apenas seis sessões, perfazendo um total de 12 horas. Ver Anexo XV – Certificado de Participação na Ação de Formação: Vídeo-Roteiro sobre o plano de Ventura Terra para o Funchal – utilização de ferramentas Audio-Visuais.

de som, bem como a mistura de áudio e a exportação e distribuição do ficheiro do exercício final. A sessão terminou às 15h.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que uma conclusão esta também é a parte onde eu, como professora estagiária posso refletir criticamente sobre o meu desempenho ao longo do estágio profissional, bem como sobre como as aulas e as propostas por mim apresentadas.

Com este estágio pude compreender que o professor tem, não só o dever de proporcionar e motivar o aluno a experienciar novas ideias, novas técnicas, novos suportes e materiais, estimulando o desenvolvimento cognitivo do aluno, como também tem o papel de mediador de conflitos que, através do trabalho em grupo, consegue transformar um ambiente de conflito num ambiente de cooperação entre os alunos. É também, fundamental que o professor tenha consciência de que é muito enriquecedora para os alunos a troca de conhecimentos entre as diversas disciplinas, e que a aplicação de conteúdos inerentes a outras disciplinas, aquando aplicados noutra contexto, geralmente resultam em soluções muito interessantes (gráfica e plasticamente) e com grande criatividade, como foi o caso da proposta da unidade de trabalho preparada pela estagiária, que conjugava a palavra, a letra, a poesia, com o desenho. O papel do professor não se resume atualmente a transmitir oralmente conhecimentos, este deve ajudar o aluno a despertar motivações nele intrínsecas, de modo a sentir a necessidade de experimentação, de invenção e de reconstrução criativa. Nas aulas lecionadas pela estagiária, esta motivação foi conseguida através da amostragem de vídeos, e imagens de artistas que foram marcando a seu tempo a história da arte, com peças singulares. Ao abordar e relacionar a anatomia da letra, com a psicologia e simbologia da cor e associando-as ao desenho vetorial constatei que, de um modo geral, foi possível cativar grandemente os alunos. No meu entender, o facto de não ter permitido que trabalhassem com a pessoa de que mais gostavam na turma, mas sim com alguém de outro turno, culminou num gratificante ambiente de cooperação e entendimento ao longo das últimas fases da unidade de trabalho. Os resultados atingidos pelos alunos, na sua maioria foram muito criativos e portadores de grande expressividade. Contudo, poucos foram os alunos que conseguiram trabalhar eficazmente as sombras, o volume claro-escuro através da sobreposição ou da intensidade atribuída às letras, muito por se tratar de um trabalho que exige alguma paciência acrescida no seu desenvolvimento.

Outro aspeto curioso foi a introdução de uma prática que é já uma tradição no ensino das artes, a elaboração de uma memória descritiva para justificar e fundamentar todo o processo criativo, desde as orientações das linhas, às escolhas e aplicações tipográficas e cromáticas. Muitos alunos reclamaram e apontaram esta inserção da memória descritiva como um aspeto negativo no questionário que resolveram no final da unidade planificada e lecionada pela estagiária; no entanto, conseguiram perceber a importância que tem para uma avaliação mais coerente de todo o processo de trabalho.

A unidade prolongou-se mais do que era previsto, pois os computadores disponibilizados pela Escola para trabalhar com o *software* de desenho vetorial, não aguentavam o trabalho, bloqueavam constantemente, e faziam com que algumas vezes os alunos tivessem que voltar a um estado anterior de trabalho, pois não guardavam as alterações efetuadas. Foi solicitado aos alunos, que tivessem computadores portáteis em casa, que os trouxessem para a aula de modo a poderem ter mais produtividade na mesma, inclusive a professora estagiária também disponibilizava o seu computador pessoal para que mais algum aluno pudesse trabalhar.

De um modo geral, posso concluir que durante a prática pedagógica desenvolvida obtive resultados gratificantes, e que contribuíram para que, enquanto futura professora, venha a ser mais consciente e disponível para novas aprendizagens e para a aquisição de novos conhecimentos e experiências.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. (2001). *Teoria e prática pedagógica*. Horizontes Pedagógicos, sob a direção de António Oliveira Cruz, Instituto Piaget.
- BACELAR, J. (2001). *A galáxia fragmentada destinos da tipografia*. Universidade da Beira Interior. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação.
- CARTER, R. (1998). *Tipografia de computador – 2º vol.* Lisboa: Destarte.
- DEWEY, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo – trad. Paulo Faria, Mª João Alvarez e Isabel Sá – Coleção ensino*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- GOMEZ, Mª T. & MIR, V. (2003). *Como criar uma boa relação pedagógica – Coleção práticas pedagógicas*. Porto: Edições ASA.
- JOLY, M. (1994). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- MENDONÇA, A. & BENTO, A. (2008). *Educação em tempo de mudança*. 1º ed. Madeira: Grafimadeira.
- NIETZSCHE. (1979). *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino - quinta conferência*.
- RAMOS, E. & PORFÍRIO, M. (2009). *Manual do desenho – ensino secundário: 11ºAno*. Porto: Edições ASA.
- READ, H (1958). *A Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.
- ROCHA, C. S. & NOGUEIRA, M. (1995). *Design gráfico : panorâmica das artes gráficas II*. Lisboa : Plátano.
- RUSKIN, J. (2006). *The elements of drawing*. London. The Herbert Press.
- SAMARA, T. (2007). *Construção e desconstrução - trad. Denise Bottmann*. São Paulo : Cosac Naify.

TZARA, T. (1987). *Sete manifestos dada - trad. José Miranda Justo – Coleção cão vagabundo 16*. Lisboa: Hiena Editora.

VASCONCELOS, T. (2010). *Relatório de estágio apresentado à Universidade da Madeira para obtenção de grau de mestre em: Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclos do Ensino Básico e no Ensino Secundário. (Relatório de estágio de mestrado)*. Universidade da Madeira, Funchal.

RECURSOS DISPONÍVEIS ONLINE

BACELAR, J. (2001). *Poesia visual. Universidade da Beira Interior*.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-poesia-visual.pdf>

BARROSO, J. (1996). *O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída*. In BARROSO, João. *O estudo da Escola*. Porto: Porto Ed., 1996.

Disponível em: <http://www.geocities.ws/angesou/barroso.pdf>

BARROSO, J. (2009). *A utilização do conhecimento em política: O caso da gestão escolar em Portugal*.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a04.pdf~>

CECCUCCI, P. (2009). *Ikon como logos. A poesia visual de Ana Hatherly*

Disponível em:

<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMETWOPAPERS/Ceccucci-P2.pdf>

FINO, C. (2001). *Um novo paradigma (para a escola): precisa-se*. In FORUMa – *Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira*. 1,2, 2001.

Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/7.pdf>

- MOURA, R. (1999). *O conceito de autonomia de escola: algumas reflexões*.
Educare/Educere, 7, 85-94.
Disponível em: <http://rmoura.tripod.com/autonomia.htm>
- PACHECO, J. (1995). *A avaliação dos alunos: algumas reflexões com os professores*.
In Actas do Seminário Avaliação dos alunos dos ensinos básico e secundário.
Guimarães: Centro de Formação de Professores Francisco de Holanda, pp. 7-14.
Disponível em:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8969/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20dos%20alunos%20-%20algumas%20reflex%C3%B5es%20com%20os%20professores.pdf>
- PACHECO, J. (s/d). *A avaliação da aprendizagem*, p. 115
Disponível em :
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8967/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20aprendizagem.pdf>
- RIBEIRO, S.; CRUZ, J. (s/d). *O papel da escola na sociedade: algumas concepções de Weber e Bourdieu*
Disponível em :
<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt10/ComunicacaoOral/SUELLEN%20CELINA%20VITCOV%20RIBEIRO.pdf>
- RODRIGUES, L. (2008). *As pressões académicas e vocacionais no ensino secundário: entre o ensino liceal e o ensino profissional*.
Disponível em:
http://www3.uma.pt/liliana/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=189
- RODRIGUES, L. (2009). *Ensino profissional: o estigma da cabeça mais do que as mãos*. In fórum mundial de educação profissional e tecnológica – Educação, Desenvolvimento e Inclusão. Centro de Convenções Ulysses Guimarães, Brasília, Brasil.

Disponível em:

http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCQFjAB&url=http%3A%2F%2Fsitefmept.mec.gov.br%2Findex.php%3FItemid%3D95%26gid%3D121%26lang%3Dbr%26option%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download&ei=NVs6UP7PBc-2hAeGgYHwBQ&usg=AFQjCNF4MfA6d97GWMji5t6X-pSA0s0p4w&sig2=25qcnzsfTk7X4JP9DbZovg

SALES, M. (s/d). *PO-EX Portuguesa: ensaio sobre a poesia experimental*

Disponível em:

<http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0C CIQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.palpitar.com.br%2Fdownload.php%3Ffile%3DPoesia%2520Virtual.pdf&ei=InRGUMrCOc6XhQekvICgAg&usg=AFQjCNGIAGC0n7OGsbczoxg8a8YJPGpbiQ&sig2=wKqHwg0UszjWJy019F4cEg>

SILVA, C. (2002). *O contributo das TIC no processo ensino/aprendizagem das artes visuais*, Porto.

Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/11936>

TORRES, R. (s/d). *Breve apresentação da poesia experimental portuguesa*

Disponível em: <http://po->

[ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=31&lang=](http://po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=31&lang=)

VASCONCELLOS, M. (org). (2001). *Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo*. São Paulo: Moderna. p. 11-20.

Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/criatividade/>

SITES CONSULTADOS

<http://www.sociologiaemfoco.com/blog/118-o-papel-da-escola-e-da-familia-no-processo-de-socializacao>

<http://www.aproged.pt/pdf/desenhoa10.pdf>

<http://www.aproged.pt/pdf/desenhoa1112.pdf>

<http://www.jaimemoniz.com/>

<http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=801>

<http://www6.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/educacao-artistica/>

<http://works.danielcardoso.net/obrigatorio-nao-ver/televisao/autor:antonio-aragao>

<http://pt.scribd.com/doc/72179308/planificar>

<http://www.wook.pt/authors/detail/id/14361>

<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/o-preco-da-liberdade/37797/>

CRÉDITOS DE IMAGENS

Figura 1 - Fachada Principal da Escola Secundária Jaime Moniz – Retirada de:

<http://www.facebook.com>

Figura 4 - Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12º anos) – Retirado de:

<http://www.aproged.pt/pdf/desenhoa10.pdf>

Figura 26 - Ilustração sobre os diversos elementos da anatomia da letra – Retirado de:

<http://tipos.files.wordpress.com/2007/01/anatomia-desenhos.gif>

Figura 27 - Poema da série *O Escritor* de Ana Hatherly – Retirada de:

<http://anterodealda.com/antologia.htm>

Figura 28 - Escuta o conto profano de Ana Hatherly, 1998 – Retirada de:

<http://comunidade.sol.pt/blogs/josecarreiro/default.aspx?p=4>

Figura 29 - Antes de vós de António Aragão, 1967 – Retirado de:

<http://poesiavisualnosnovosmedia.blogspot.pt/2010/06/poetas-antonio-aragao-antonio-aragao.html>

Figura 30 - Istoria- eu dou, tu dás, nós nós de António Aragão, 1968 – Retirado de:

<http://poesiavisualnosnovosmedia.blogspot.pt/2010/06/poetas-antonio-aragao-antonio-aragao.html>

Figura 31 - Transparência – Coleção Ideogramas de E.M. de Melo e Castro, 1964 –

Retirado de:

http://poesiavisualnosnovosmedia.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html

Figura 32 - Pêndulo de E.M. de Melo e Castro – Retirado de:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27764>

Figura 33 - Teste de Hermann Rorschach que desenvolveu as manchas de tinta –

Retirado de: <http://profciriosimon.blogspot.pt/2010/11/isto-nao-e-arte-04.html>

Figura 34 - Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister – Retirado de:

<http://obrasemfim.blogspot.pt/2012/05/cor-azul-e-sindrome-do-panico.html>

Figura 35 - Auto Retrato - Piet Mondrian, 1918 – Retirado de:

<https://sites.google.com/site/grupodisciplinarportugues2/pintoresepinturas>

Figura 36 - Auto Retrato - Piet Mondrian – 1912/13 – Retirado de:

<http://artinternational.ru/viewtopic.php?f=45&t=372&start=480>

Figura 37 - Auto Retrato - Piet Mondrian, 1942 – Retirado de:

http://uiliamjose84.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html